

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO ESPAÇO
LAICO: UM ESTUDO SOBRE O GRUPO DE ORAÇÃO
UNIVERSITÁRIO (GOU)**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Religião como
requisito parcial à obtenção do
título de mestre em Ciência da
Religião por ALESSANDRA
CRISTINA ROSA
Orientador: Prof. Dr. Marcelo
Ayres Camurça.

**Juiz de Fora
2007**

Dissertação defendida e aprovada, em 29 de agosto de 2007, pela banca constituída por:

Presidente: Prof^a. Dr^a. Fátima Regina Tavares

Titular: Prof^a. Dr^a. Brenda Maribel Carranza Dávila

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

AGRADECIMENTO

Agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente é uma oportunidade para demonstrar o quanto foram importantes no decorrer deste estudo, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro fornecido para a realização desta pesquisa e a Universidade Federal de Juiz de Fora, no que se refere ao Departamento de Ciência da Religião, onde inclui-se o Antônio, pela sua constante atenção.

Agradeço a meu orientador, Prof. Marcelo Camurça, pela confiança e, principalmente, pela dedicação, disciplina e algo que nos deixa extasiados, sua sabedoria. Obrigada pelo apoio, pelo carinho, por ter me ensinado tanto e por ser um caminho a ser seguido. Da mesma maneira, agradeço aos diversos professores com os quais tive contato durante todo esse percurso. Pessoas que deixaram contribuições altamente relevantes para o desenvolvimento do trabalho, especialmente a Professora Vitória Peres, que participou do início de nossa jornada, mas não foi possível presenciar este momento tão especial. Sentimos saudades e um grande carinho.

Às professoras Fátima Tavares, que participou deste o início desta trajetória, e Brenda Carranza, por terem aceitado participar deste momento tão especial e por contribuírem para o enriquecimento deste trabalho.

Obrigada a todos os colegas de trabalho ou não, que tiveram a paciência em meus momentos de ansiedade e que muitas vezes trouxeram palavras de incentivo (Maurício e Dalva, em especial, pelo material e revisão). Aqui, um agradecimento especial aos integrantes dos Grupos de Oração Universitários (GOU's), do Ministério Universidades Renovadas (MUR) e do Ministério Jovem, que em momento algum apresentaram objeção em contribuírem com a pesquisa, seja com entrevistas, avisando quando ocorreria algum evento e elaborando mapas para que eu conseguisse chegar a determinados lugares.

À minha família, aos tios, aos primos, principalmente ao Faria, minha mãe, Aline, Isabela, Lucas e Cleber, por terem acreditado em meu sonho, sempre apoiando e incentivando nesta caminhada.

Agradeço à Deus, por ter me dado coragem, vontade, oportunidade e, principalmente, por ter colocado todas essas pessoas em minha vida.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Vera e
Waldomiro, que sempre me
ensinaram a importância do
querer e do fazer;
Também aos meus filhos,
Isabela e Lucas.

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

Figura 1 -	34
Figura 2 -	34
Figura 3 -	67
Foto 1 -	36
Foto 2 -	50
Foto 3 -	52
Foto 4 -	53
Foto 5 -	54
Foto 6 -	59
Foto 7 -	89
Foto 8 -	89
Foto 9 -	91
Foto 10 -	92
Foto 11 -	92
Foto 12 -	93
Foto 13 -	94
Foto 14 -	94
Foto 15 -	94
Foto 16 -	95
Foto 17-	96
Foto 18 -	96
Foto 19 -	101
Foto 20-	101
Foto 21 -	102
Foto 22-	119
Foto 23 -	119
Foto 24-	120

LISTA DE SIGLAS

Centro de Ciências da Saúde	CCS
Encontro Católico Carismático Latino-americano	ECCLA
Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos	EEUCC
Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos	ENUCC
Encontro Regional de Universitários Católicos Carismáticos	ERUCC
Encontro Virtual de Universitários Católicos Carismáticos	EVUCC
Faculdade de Economia e Administração	FEA
Grupo de Oração Universitário.....	GOU
Grupo de Partilha de Profissionais	GPP
Instituto de Ciências Biológicas	ICB
Instituto de Ciências Exatas	ICE
Instituto de Ciências Humanas	ICH
Ministério Universidades Renovadas	MUR
Organização não governamental	ONG
Projeto Universidades Renovadas	PUR
Renovação Carismática Católica	RCC
Universidade de São Paulo	USP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: Pelas vias da RCC: o Grupo de Oração Universitário como contribuição na atuação da Igreja Católica no espaço público.....	8
1.1 - A Renovação Carismática Católica: a via para o fortalecimento da Igreja Católica na modernidade.....	12
1.2 - O Grupo de Oração Universitário: uma ponte como contribuição do catolicismo na modernidade.....	26
1.3 - O Espírito Santo no espaço laicizado: os rituais no GOU	33
1.4 - Entre desafetos e adesões: a relação entre o trio Igreja Católica/RCC/GOU...44	
CAPÍTULO 2: A complexidade da Renovação Carismática Católica enquanto movimento de perfil identitário inserido em tendências híbridas.....	58
2.1 - Conversão diante da questão moral	62
2.2 - Culto mariano e a mística: o tradicional pela via moderna	70
2.3 - Hibridismos e a Nova Era	74
2.4 - Cura como meio de inserção na modernidade	78
CAPÍTULO 3: O GOU como espaço de confluência do misticismo e modernidade	82
3.1 - Festas e retiros como lugares de hibridização e do místico	84
3.2 - O I Fórum da Juventude.....	91
3.3 - RCC/GOU: inserção na mídia virtual.....	102
3.4 - A relação entre ciência e a religião no Grupo de Oração Universitário.....	107
3.5 - Política social como característica do Grupo de Oração Universitário.....	115
CONCLUSÃO.....	126
BIBLIOGRAFIA.....	132

RESUMO

São perceptíveis, na atualidade, as transformações pelas quais o catolicismo vem passando. Muitos rituais já combinam músicas mais alegres, estão mais efervescentes e com mais entusiasmo. Na tentativa de recuperar fiéis ou na necessidade de mantê-los, a Igreja Católica parte em busca de novas “posturas”, que respondam aos anseios da sociedade moderna. Não que abandone a tradição, mas vai procurar adequar-se à modernidade como forma/necessidade de acompanhar as transformações subseqüentes que o mundo apresenta. É justamente como reação à perda do seu espaço hegemônico que vem aparecendo na Igreja Católica um novo movimento de aggiornamento em relação ao mundo globalizado: Renovação Carismática Católica (RCC). Esse apresenta uma das tendências que contribui para a inserção da Igreja Católica no espaço público, em que ocorre a atuação do catolicismo por meio de jovens carismáticos em um local considerado o centro da laicidade: a Universidade. Nesse sentido, o estudo pretende analisar uma das ramificações da RCC, considerada “um novo sopro do Espírito Santo” no ambiente laico, que é o Grupo de Oração Universitário (GOU). Por meio deste será possível perceber as novas formas de sociabilidade e de atuação do catolicismo no espaço público como, por exemplo, na política, na mídia e na ciência.

ABSTRACT

Nowadays, the transformations which the Catholicism has been through are noticeable. Many of the rituals combine joyful songs, are more effervescing and full of enthusiasm. In an attempt to recover followers or needing to keep them, the Catholic Church is searching for new “postures” which can fulfill the wishes of the modern society. It is not about abandoning the tradition, but a search for an adequation to the modernity as a way/necessity to follow the subsequent transformations that the world now presents. As a reaction to the lost of its hegemonic space, it has been appearing in the Catholic Church a new movement of *aggiornamento* in relation to the globalized world: the Catholic Charismatic Renewal (CCR). This movement shows one of the tendencies that have contributed to the insertion of the Catholic Church in the public space, where there is an actuation of the Catholicism trough charismatic young people, in a place considered the center of the laity: the University. In this sense, this study intends to analyze one of the ramifications of the CCR considered “a new blowing of the Holy Spirit” in a laic environment, which is the University Pray Group (Grupo de Oração Universitário). Through this it will be possible to notice the new sociability and actuation ways of the Catholicism in the public space, such as the politics, the media and the science.

INTRODUÇÃO

Ao tomar conhecimento do curso de Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora por meio de uma amiga, comecei a refletir sobre as diversas possibilidades a serem tratadas no curso e passei a ter interesse pelo assunto. Mesmo porque, graduada em História, a religião é um assunto em constante debate nesse meio.

Assim, diante da diversidade religiosa na atualidade e das múltiplas variantes com as quais poderia trabalhar naquele curso, surgiram algumas indagações a respeito do Movimento Nova Era.

Com uma bibliografia ainda muito reduzida, coloquei-me diante de um outro ponto: algumas religiões ou movimentos deveriam se sentir muito incomodados ou deveriam ter certa objeção no que se refere à Nova Era e não foi preciso muito esforço para perceber que a Renovação Carismática Católica (RCC), parte integrante do catolicismo, poderia ser um dos movimentos capazes de responder à minha questão. Isso justifica-se porque, com o “prévio entendimento”, que partiu de uma literatura básica, a RCC seria um movimento “altamente” conservador.

Ingressei na especialização do referido curso e, após um tempo de realização de disciplinas e conversar com o orientador, Prof. Dr. Marcelo Camurça, o objetivo do projeto começa a tomar outra direção. Foi-me dado como sugestão analisar não apenas a oposição entre os movimentos, mas perceber as possíveis semelhanças entre eles. O que justifica-se pelo fato de que, ao analisar a RCC com o intuito de compreender melhor o que poderia ser esse estranhamento com o Movimento Nova Era, algumas semelhanças também estavam presentes entre ambos, apesar de existir toda uma aversão.

Devido ao fato de estar sempre referindo-me à Renovação Carismática Católica desde o início da especialização, tive a “curiosidade” de procurar uma paróquia para conhecer in loco o que seria o movimento, pois, apesar de vir de uma família Católica, não havia tido, até o momento, nenhum contato/experiência com o chamado Grupo de Oração Carismático.

Da mesma maneira que li em grande parte de depoimentos, em várias bibliografias e em situações que pude presenciar, me senti meio, ou talvez, totalmente deslocada e foi como estivesse realmente em uma Igreja Evangélica. No entanto, bastaram poucas reuniões para que me sentisse à vontade. Conseguir fechar os olhos e concentrar nos momentos de oração e louvor foi tarefa difícil, pois, queria ver a todo instante como eram as reações das pessoas.

Contudo, durante o curso de especialização que segui antes do Mestrado, era comum aproveitar momentos de intervalos entre as aulas para freqüentar a biblioteca e comecei a perceber que em dias e horários certos, sons de violão e músicas do Padre Marcelo Rossi eram entoados ali por perto. Era o Grupo de Oração Universitário (GOU), que já havia sido comentado pelo meu orientador como uma das sugestões de pesquisa de campo.

Fui à procura dos horários e dos dias em que se realizavam as reuniões e, sempre que possível, freqüentava. Não deixando, portanto, de apresentar-me como pesquisadora do tema. O que parecia causar em alguns momentos muita curiosidade por parte dos integrantes, que, aliás, demonstraram quase que todo o tempo, muita disponibilidade em contribuir com a pesquisa. Avisavam-me sobre as festas, os encontros, os retiros e a participação dos mesmos em congressos.

Assim, aos poucos, o tema passou a fazer parte do projeto, mas, inicialmente, apenas com o objetivo de analisar onde estariam pontos dessemelhantes para encontrar semelhanças entre ambos.

Contudo, bastaram algumas participações nas reuniões que aconteciam na Universidade para que começasse a perceber que a visão, a partir de um conteúdo teórico inicial que possuía, de que o movimento era “totalmente” conservador foi ficando para trás. E com isso, ainda fui compreendendo que a RCC era um movimento de uma complexidade desmedida.

Isso porque, nas primeiras reuniões, a promoção de festas/eventos já foi aparecendo e parecia ser uma busca por novas formas de sociabilidade. Com essas realizações e outras que foram surgindo, aqueles jovens universitários foram demonstrando que a informação proveniente da literatura que eu possuía em mãos de Reginaldo Prandi, “Um sopro do Espírito”, não coincidia em todos os aspectos, com o grupo com o qual eu desenvolvia o trabalho.

Segundo Prandi, o discurso da RCC “é sempre de retorno, nunca de avanço”. No entanto, o que constatei na prática, ao acompanhar os grupos de oração universitários,

difere desta análise. Um discurso, até certo ponto tradicional, mas com considerável adequação para a modernidade. O que contribui para que o movimento seja tão complexo.

Diversos estudos acadêmicos, envolvidos em um contexto de pluralismo e expansão, têm demonstrado que as religiões brasileiras apresentam a necessidade de uma busca por alternativas que as coloquem em nível de competitividade na busca por fiéis. Ari Pedro Oro (1996, p. 119) observa que dentre as tentativas da Igreja Católica brasileira para enfrentar, principalmente “o desafio pentecostal, figuram o retorno à devoção, a ênfase à dimensão místico-espiritual do ser humano, a revisão das práticas pastorais, a ocupação de maior espaço da mídia eletrônica e o incentivo ao desenvolvimento da RCC”. É nesse sentido que aos poucos a RCC e o GOU pareciam contribuir para a inserção da Igreja Católica no espaço público.

Conforme Mariz e Machado (1994, p. 26), especificamente até a década de 60, a Igreja Católica caminhou tranqüila no sentido de que não possuía concorrentes, não se sentindo ameaçada pelos demais grupos religiosos. Contudo, as autoras demonstram que mesmo havendo um monopólio religioso católico no Brasil em termos institucionais, houve uma abertura das práticas religiosas para outras tradições em termos de fiéis. Observa-se, no entanto, segundo as autoras, a inauguração do pluralismo institucional brasileiro na década de 60, com o crescimento das igrejas evangélicas. Nas décadas de 80 e 90, os pentecostais ganham maior visibilidade no espaço público. Momento em que a Renovação Carismática Católica também ganha destaque.

Segundo as autoras (MARIZ; MACHADO, 1998), esse movimento acabou por contribuir com o catolicismo no intuito de reforço da identidade católica, pois defende uma afiliação religiosa exclusiva. Pode-se dizer que o movimento expressa, transforma e adequa a identidade católica para uma situação de mercado, no entanto, é também um maneira de fazer sentido como estilo de vida, seja pela expressão corporal, musical ou por meio da dança, podendo ainda assumir uma identidade de consumo (BRAGA, 2004).

Parte daí a idéia de que nesta busca por inserção no espaço público, a RCC passa a ser uma estratégia de grande importância para o catolicismo. No mais, outros temas começaram a aparecer durante a etnografia e, cada vez mais, era possível presenciar jovens carismáticos católicos discutindo temas da modernidade (PRANDI, 1997, p.

162). Não querendo dizer com isso que deixaram de lado o discurso tradicional, mas que esse acabou por se adequar, ao menos em parte, à modernidade.

A escolha do movimento carismático como objeto de estudo deve-se, portanto, ao fato de que o mesmo, além de apresentar características que o torna um movimento complexo, possui tendências não compatíveis com as práticas e concepções dos católicos não-praticantes e os da “religião popular”. Por exemplo, “rejeita qualquer mistura religiosa e prega um maior compromisso do indivíduo com a instituição” (MARIZ; MACHADO, 1998); tem conseguido trazer de volta ao catolicismo um considerável número de fiéis, sendo esses geralmente mais fervorosos que os do catolicismo tradicional; e mostra-se com características semelhantes aos pentecostais, (MARIZ; MACHADO, 1994) um dos diversos grupos com os quais disputa fiéis na atualidade.

A RCC, segundo Prandi (1997, p. 53), passou a ser vista pela Igreja tradicional como um sustentáculo ao defender e até mesmo reconquistar territórios perdidos para outras religiões. É comum o trânsito religioso de católicos não-praticantes que procuram as religiões afro-brasileiras, pentecostais, espíritas e inclusive crenças ligadas à Nova Era.

Contudo, a RCC, utilizando de suas performances, foi capaz de fazer com que a Igreja Católica fosse procurada com maior fervor, respondendo à crise que o catolicismo vivia (1997, p. 53). Neste ponto parece que a RCC acabou por contribuir para que o catolicismo se tornasse competitivo na disputa por fiéis, como também parece ter respondido, se não totalmente, ao menos em parte, as demandas de sentido do indivíduo em relação a questão da plausibilidade expressa por Peter Berger (1989, p. 139-164).

Diante da pesquisa de campo foi possível perceber que a RCC estava contribuindo para a Igreja Católica entrar no espaço público das mais variadas formas. Seja na mídia eletrônica, como sacerdotes cantores como Padre Marcelo Rossi ou Padre Fábio de Melo ou na mídia virtual, com seus mais diversificados sites que vão desde a possibilidade de visualizar o túmulo do Papa João Paulo II, os jardins do Vaticano à possibilidade de acender velas e fazer pedidos via internet.

Assim, participando da modernidade como um movimento capaz de comportar a ambigüidade entre o tradicional, o moderno e o pós-moderno, parece que a presença de tendências, que fazem da Renovação Carismática um movimento complexo, parece estar condensada na juventude, mais especificamente na universitária.

Isso porque é possível observar nesses jovens a busca da relação entre fé e razão, a demonstração de uma identidade religiosa dentro do espaço público e ainda por apresentarem a construção de uma nova forma de sociabilidade. Em diversos momentos, como será possível perceber no capítulo 3, chegam a promover festas com o objetivo, segundo vários depoentes, não somente de arrecadar fundos para as suas despesas, reforçar e divulgar o movimento ou mesmo de evangelizar, mas também com o intuito de reunir o grupo. Fatos que começam a trazer à tona muitas questões, haja vista que, estar em um espaço laico/racional com uma total exposição de crenças parece algo conflitante.

Junte-se a isso o fato de ser considerável o número de jovens que vêm aderindo ao movimento (PRANDI, 1997, p. 117) e, especificamente, pelo fato de ser a relação entre juventude e religião na modernidade, um assunto de considerável interesse, haja vista que poucos estudos ainda abordam o assunto (TAVARES; CAMURÇA, 2003).

Nesse sentido, a presença dos jovens na religião como, por exemplo, pensar na possibilidade de ser ao mesmo tempo pós-moderno e religioso ou mesmo na capacidade de relacionar a religião com o espaço público, passou a ser assunto para mim de grande interesse. Segundo Tavares e Camurça, a partir da referência de uma alteridade de contextos socioculturais disponíveis, os jovens elaboram classificações peculiares, tanto de crenças quanto de religiosidades que lhes fornecem identidades (TAVARES; CAMURÇA, 2003).

No entanto, torna-se interessante a opção de ter como objeto de estudo o Grupo de Oração Universitário (GOU), onde pode-se dizer que há uma certa visibilidade das imbricações entre o tradicionalismo, a modernidade e a pós-modernidade, devido a procura por estar partindo com a Igreja Católica cada vez mais para o espaço público. Portanto, é atribuído maior ênfase à análise do Grupo de Oração Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, especificamente os grupos de Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e o Instituto de Ciências Humanas (ICH) por trazerem a possibilidade de uma observação mais ampla sobre como é para esses a relação fé/razão.¹

Contudo, não participei apenas das reuniões de oração, que são realizadas na Universidade, mas também de retiros, festas e fóruns. Sempre recolhendo fotos, dados e entrevistas. Com uma grande colaboração dos jovens integrantes, foi possível uma

¹ Dentre os GOU's da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), são objetos de pesquisa o grupo do Instituto de Ciências Humanas (ICH) e o Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

variada gama de informação que me levou a conhecer uma “outra face” do catolicismo, onde em uma combinação em que tradicional e moderno ora se combinam ora se estranham.

Um fato, porém, chamou bastante a minha atenção. Os jovens carismáticos começaram falar sobre um projeto social realizado por eles. O que para mim foi uma surpresa, pois não era fato comum presenciar a relação RCC/política social. Como será tratado no capítulo 3, o projeto é uma realidade do grupo e ao apresentar o assunto no VII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões em São Luís, no Maranhão, percebi que muitos jovens universitários carismáticos que estavam presentes ficaram surpreendidos. Após a exposição do trabalho, chegaram a me procurar e relataram que foram impedidos, pela coordenação da RCC da região, de realizarem um projeto parecido. O que, de acordo com alguns integrantes, poderia ser por motivos burocráticos/institucionais.

O tema proposto não pretende esgotar o assunto e sim colaborar na compreensão da atual situação do catolicismo brasileiro na modernidade, principalmente a partir da relação entre a juventude/religião. Pretende focar os elementos que demonstrem o retorno do movimento ao tradicionalismo católico pela via da modernidade, apontar características do mundo moderno e ainda suas tendências ao pós-moderno, principalmente por intermédio de atuações no espaço público e das formas híbridas. Com o objetivo de preservar a privacidade dos depoentes, somente os coordenadores terão o nome divulgado. Os demais terão apenas as iniciais dos nomes identificados, conforme combinado com os mesmos.

Dando uma ênfase maior à questão das características modernas e pós-modernas envoltas no tradicionalismo carismático católico, o tema parece ser de interesse para o debate contemporâneo da sociedade e da cultura, como também do papel da religião na situação de globalização, hibridismos, “fronteiras borradas” (PIERUCCI e PRANDI, 1996), desregulação,² especificamente no sentido de possivelmente contribuir com estudos já realizados³ e aos que estão por vir.

Além disto, o movimento vem ganhando espaço na mídia e passando por profundas transformações. Conforme observa Brenda Carranza (2004, p. 126): “sob esse amplo trajeto eclesial, o fenômeno Pe. Marcelo torna-se fascinante quando

² Cf., por exemplo, os trabalhos de Danièle Hervieu-Léger.

³ Como exemplo pode-se destacar os trabalhos de religião realizados pelas Ciências Sociais e pelo PPCIR (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião).

analisado a partir das mudanças culturais que interceptam a relação religião-sociedade, as quais, por sua vez, são marcadas pelas rupturas trazidas pela Modernidade e o entrave que isso representou para a própria Igreja Católica.”

Reginaldo Prandi (1997, p. 97), demonstrando a importância da Renovação Carismática Católica, tanto em nível sociológico quanto na questão da adesão de adeptos e seguidores, aponta para um considerável crescimento desse movimento nas últimas décadas. Vive-se um momento no qual o pluralismo religioso é intenso, a disputa por adeptos nesse mercado é algo visível e os carismáticos nascem enquanto expressão católica da modernidade.

Contudo, ao adequar-se à atualidade, o movimento se insere nas questões modernas, mesmo porque o próprio indivíduo é um ser inscrito neste contexto. Movimento esse originado no interior de uma Igreja que já pôde ser considerada como hegemônica, ou como diriam Mariz e Machado (1994, p. 27), um “tipo dominante”, e que tem sido importante para o empenho da Igreja Católica ao manter-se na disputa por fiéis no atual mercado religioso e por estar inserida em um “espírito de época” em que a mídia e a internet já fazem parte desse contexto.

CAPÍTULO 1 – PELAS VIAS DA RCC: O GRUPO DE ORAÇÃO UNIVERSITÁRIO COMO CONTRIBUIÇÃO NA ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NO ESPAÇO PÚBLICO

São perceptíveis, na atualidade, as transformações pelas quais o catolicismo vem passando. Muitos rituais já combinam músicas mais alegres, estão mais efervescentes e com mais entusiasmo.

Nesse sentido, é visível o fato de que a Igreja Católica já não se demarca tão rigidamente em relação à modernidade. Ela vem se expandindo e, conseqüentemente, atravessa dimensões, fazendo combinações no espaço público de maneiras diversas, como na política, na mídia, na assistência social, no turismo. Tal mudança pode ter sua origem devido à perda da hegemonia ocorrida a partir da alavancada dada pelas Igrejas Evangélicas. Além disto, Carranza (2004, p. 124) observa que:

[...] as instituições religiosas tradicionais, enquanto produtoras e depositárias de sentido de vida, para os fiéis entram em crise diante do agir social corretamente, por três motivos. Primeiro, quando perdem a capacidade de comunicação de seu acervo, sobretudo na socialização primária; segundo, ao não interferir decisivamente na construção subjetiva do sentido dos fiéis, que oriente o projeto individual de realização pessoal do fiel; terceiro, quando não controlam mais o agir objetivo das pessoas, as quais não têm mais como únicos referenciais de conduta os padrões éticos e morais propostos no corpo doutrinal das instituições.

Na tentativa de recuperar fiéis ou na necessidade de mantê-los, a Igreja Católica parte em busca de novas “posturas” que respondam aos anseios da sociedade moderna. Não que abandone a tradição, mas vai procurar adequar-se à modernidade como uma forma/necessidade de acompanhar a sociedade.

Como demonstra Lemuel Guerra (2003, p.2) a “dependência das instituições religiosas em relação à vontade dos consumidores parece variar de maneira diretamente proporcional ao nível de competição em um dado mercado religioso e também se relaciona com as mudanças no papel social da religião na vida dos indivíduos, (sic) que têm produzido, entre outras coisas, uma tendência que aponta para um consumo fragmentário de religiosidade.”

Neste sentido compreende-se que o catolicismo, sentindo a necessidade de competir pela disputa por fiéis, ou até mesmo pelo desejo de não ficar em descompasso em relação a sociedade moderna, passa a acompanhar novas tendências e aos poucos vai adequando seus projetos religiosos à modernidade.

É justamente como reação a perda do seu espaço hegemônico que vem aparecendo na Igreja Católica um novo movimento de atualização em relação ao mundo globalizado: RCC (Renovação Carismática Católica). E é a partir do qual será possível observar algumas dessas transformações pelas quais a Igreja vem passando.

Esse movimento, segundo Prandi (1997, p. 23), “se espalha velozmente, usando técnicas e conteúdos doutrinários do pentecostalismo, reintroduzindo o milagre, a preocupação centrada no indivíduo e reinaugurando em grande estilo, uma vez que agora fica disponível para as massas católicas, a valorização do êxtase religioso.” Assim, com suas características pentecostais, parece trazer de volta à Igreja Católica um contingente significativo de adeptos.

Atentando para a considerável participação nos fóruns destacados a seguir, onde houve a possibilidade de se debater ou esclarecer assuntos variados, verifica-se a mais recente estratégia da Igreja Católica como forma de inserção na sociedade moderna, que ultrapassa revistas, filmes e a mídia televisiva. A Igreja Católica, assim como outras instituições religiosas, agora abençoa não só em templos, mas também por meio da chamada mídia virtual.⁴

Dom Orani João Tempesta, Arcebispo de Belém e presidente da Comissão para Comunicação da CNBB, ao abrir o ciclo de conferências do 5º Mutirão Brasileiro de Comunicação (Muticom), no dia 16/7/2007, afirmou que, ao longo dos anos, a Igreja “aprendeu a não ter medo dos meios de comunicação”. De acordo com o arcebispo “a transmissão da fé por intermédio dos meios pode ser feita de muitas maneiras, com programas sem conotação religiosa explícita, com programas mistos e com programas apenas piedosos ou questionadores.”⁵

Um site intitulado “Brasil Católico”⁶, por exemplo, traz um link apenas com notícias referentes ao Vaticano, questões jurídicas que envolvem a Igreja Católica, ao mesmo da relação desta com questões sociais. Há histórias, mensagens, testemunhos, artigos, conselhos divinos, cartões, bate-papo, diversões para as crianças com desenhos para colorir, passatempo e é possível até ouvir músicas católicas. Um item interessante chama atenção: você pode

⁴ Este assunto será tratado também no capítulo 2.

⁵ Disponível em <http://www.rcbrasil.org.br/atuual/cobertura/noticias>. Acesso em 19/7/2007.

⁶ Disponível em <http://www.brasilcatolico.com.br/>. Acesso em 2/7/2007.

acender uma vela de sete dias e colocar a intenção. No entanto, seu nome e sua intenção ficam visíveis no link em contagem regressiva. Os pedidos variam desde conversão até libertação das drogas.⁷

Já para aqueles que estão interessados em conhecer um pouco mais sobre a estrutura hierárquica da Igreja Católica e saber sobre os principais assuntos tratados por eles, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)⁸ também já está no “universo virtual” e traz em seu site uma gama imensa de informações. Essas vão desde assuntos como o sistema organizacional da CNBB, artigos, atualidades, documentos, campanhas, espiritualidade.⁹

Nesse imenso “universo digital” onde o catolicismo está inserido, também está a Renovação Carismática Católica (RCC)¹⁰, investindo na modernidade para alcançar um maior número de adeptos e não deixar de estar na concorrência pela disputa por fiéis. O site traz informações referentes à história do surgimento da RCC de uma maneira geral e no Brasil, além de trazer informações de como fazer parte desse movimento e não menos importante, como contribuir com esse.

Na mesma direção está o site da Comunidade Canção Nova. Ele traz uma variedade grande de assuntos e interatividades. Uma parte reservada para que a pessoa deixe seu pedido de oração com a foto de padre Jonas Abib aparece na parte inferior esquerda do site. Um link intitulado “formação” traz uma gama de categorias como “família”, “namoro”, “espiritualidade”, “santos”, “testemunhos” e “afetividade e sexualidade”. O mesmo link traz mensagens do dia relacionadas ao perdão, à misericórdia ou aos problemas do cotidiano.¹¹

Um link que merece ser destacado é o denominado “euajudo” ligado ao Projeto “Daí-me almas”. O link demonstra que a RCC investiu até mesmo nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro para conseguir contribuições. A notícia trazia o seguinte comentário:

[...] nesse final de mês, particularmente difícil para o projeto "Dai-me Almas", esperamos sua manifestação, sua criatividade, para que a Canção Nova continue sua missão. Precisamos de iniciativas como a da nadadora Fabíola Molina, medalha de prata na natação dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro (RJ), deste ano, que doou seu uniforme de competição para o projeto. Vestimenta que poderia ser guardada como lembrança de um dos seus momentos mais expressivos, mas que ela oferece para a Canção Nova reverter em recursos para a salvação de almas. Estamos desde já recebendo lances pelo traje de banho e pela blusa de seu agasalho que

⁷ Até o momento em que a pesquisa foi realizada o link contava com 86 páginas de pedidos com velas acesas.

⁸ Doravante será utilizado com maior frequência o termo abreviado.

⁹ Disponível em <http://www.cnbb.org.br/index.php>. Acesso em 12/7/2007.

¹⁰ Doravante será utilizado com maior frequência o termo abreviado. Em alguns momentos, para um melhor contexto, será utilizado Renovação Carismática, entendendo-se aqui como Renovação Carismática Católica.

¹¹ Disponível em <http://www.cancaonova.com.br>. Acesso em 5/7/2007.

ajudaram a nadadora a conquistar a prata. Corresponda à generosidade da medalhista. O maior depósito feito até a próxima terça-feira, dia 31, em uma das contas da Fundação João Paulo II vai levar esta doação da nadadora. Faça sua contribuição e envie o comprovante de depósito para o fax (12) 3186 2413 ou informe seu nome completo, número de sua conta, agência e valor do depósito através do e-mail promocao@cancaonova.com. O resultado será divulgado no programa "Juntos Somos Mais" da TV Canção Nova, na quarta-feira, dia 1º, a partir das 14h. Fabíola mostrou que uma grande atleta tem um grande coração e oferece a você um estímulo para fazer algo a mais pela evangelização. Invista naquilo que não se corrompe. Ajude a Canção Nova a ajudar o Brasil. Você, para nós, não é medalha de bronze e nem de prata. Para nós e para a evangelização, você será sempre nosso grande vencedor, nosso eterno MEDALHA DE OURO.¹²

Nessa proporção quase que imediata e descentralizada em que o mundo globalizado possibilita a divulgação do que está na mídia, chegam também os padres cantores¹³ e agora, internautas. De acordo com Carranza (2004, p. 377), Pe. Marcelo Rossi inaugura sua página na internet no mês de abril do ano 2000, deixando claro que estava ali atendendo ao pedido do Papa João Paulo II e de seu bispo Dom Fernando Figueiredo.

Atualmente, o site do padre apresenta muitas dicas sobre economia, pautando os direitos do consumidor, dicas de saúde e já existe até o site do “Pe Marcelinho”, direcionado para o público infantil.¹⁴

Na quinta-feira do dia 19/7/2007, o Vaticano também inaugura um site onde “além de incluir informações sobre a Santa Sé, mostrará em tempo real através de webcams alguns lugares do país, como o túmulo de João Paulo II e os jardins.”¹⁵ Nele é possível ter-se notícias diretamente de Roma e visualizar mensagens do Papa para todo o mundo.

Nesse sentido, durante o Encontro Católico Carismático Latino-americano (ECCLA) 2007, em Cachoeira Paulista (SP), ocorrido entre os dias 24 e 27 de julho, o padre Diego Jaramillo, da Colômbia, tendo como base o Documento conclusivo da Conferência de Aparecida¹⁶, fala da necessidade da Igreja Católica viver um novo pentecostes. Fez um convite a todos de que tentem “renovar” toda a sua família, afinal, segundo o padre “muita gente perto de você não conhece suficientemente a Jesus.”¹⁷

¹² Disponível em <http://euajudo.cancaonova.com>. Acesso em 26/7/2007.

¹³ Padre Zeca e Padre Fábio de Melo, também são exemplos de sacerdotes que estão na mídia, evangelizando.

¹⁴ Disponível em <http://www.padremarcelinho.com.br/>. Acesso em 14/7/2007.

¹⁵ Disponível em <http://tecnologia.terra.com.br/interna>. Acesso em 19/7/2007.

¹⁶ "Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e esperança." (Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribe, item 362)

¹⁷ Padre Diego durante a abertura do ECCLA 2007. Transmitido pela TV Canção Nova e disponível em <http://noticias.cancaonova.com/noticia>. Acesso em 25/7/2007.

Segundo Oreste Pesare, diretor do escritório dos Serviços Internacionais da Renovação Carismática Católica (ICRSS, por sua sigla em inglês), com sede no Vaticano, em artigo publicado ao Zenit¹⁸, a Renovação Carismática Católica (RCC) é “uma graça para toda a Igreja”.¹⁹

É o que Padre Daniel Ange (1999, p. 20) vai chamar de “Primavera da Igreja”, ao entender que está acontecendo uma “verdadeira renovação” na Igreja. Conforme o autor:

[...] sim, estamos na primavera da Igreja! Tudo começa a brotar, a florescer timidamente, mas gelos tardios correm o risco de queimar muitos botões, de atrasar a saída de muitas plantas da terra, comprometendo a promessa das flores e dos frutos.

É que a seiva que sobe irresistivelmente das raízes faz estalar velhas cascas que aderem ao tronco e que não querem ceder diante desse impulso novo, no entanto incontrolável...

A primavera! O clima meteorológico pode frear sua evolução, contudo nenhuma geada tardia pode impedir sua eclosão.

Ao analisar esses dizeres de Daniel Ange, compreende-se que, apesar de presenciar o revigoramento da Igreja, ele reconhece que as dificuldades serão inevitáveis. Dificuldades estas, como será visto em seguida, externas ou mesmo, e talvez na maioria das vezes, internas.

1.1 - A Renovação Carismática Católica: a via para o fortalecimento da Igreja Católica na modernidade

Tendo surgido a partir de um retiro realizado nos dias 17-19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensylvania, EUA), a Renovação Carismática Católica, ou o Pentecostalismo Católico, como foi conhecida no início, chega ao Brasil, na década de 1970²⁰, por meio dos padres Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty.²¹

Conforme Lemuel Guerra (2003, p. 8), a Igreja Católica:

¹⁸ Zenit é uma agência de notícias internacional sem fins lucrativos integrada por uma equipe de profissionais e voluntários.

¹⁹ Disponível em <http://www.zenit.org/article>. Acesso em 15/7/2007.

²⁰ Há controvérsia sobre a chegada da RCC no Brasil. Conforme Dom Cipriano Chagas o movimento teria chegado aqui em maio de 1969 por meio do Pe. Eduardo Dougherty, S.J. e posteriormente transmitido para o Pe. Haroldo Rahm, S.J. Conf. PRANDI, Reginaldo e SOUZA, André Ricardo. A carismática despolitização da igreja católica, p. 64.

²¹ Disponível em <http://www.rccbrasil.org.br>. Acesso em 1º/7/2007.

[...] ao reconhecer o fracasso das Comunidades como estratégia para atingir os pobres - que, de acordo com as estatísticas, tendiam a optar pelos pentecostais e pelas afro-brasileiras - mesmo em face da continuação dos processos de empobrecimento de amplos setores da população e da agudização da exclusão social no Brasil, a hierarquia cria condições para o florescimento do Movimento de Renovação Carismática que, adotando uma direção contrária à da Igreja Progressista, será sua principal arma na competição contra os pentecostais, seus principais concorrentes no mercado religioso.

Devido à extensão que tomava a RCC no Brasil, padre Eduardo Dougherty, percebendo que era preciso organizar melhor o movimento, preparou, com a ajuda do padre Haroldo Rahm e Irmã Juliette Schuckenbrock, o I Congresso da Renovação Carismática Católica no Brasil.²² Em 1979, após ser reconhecida pelo Papa Paulo VI em 1973 e ser aprovada pelo Papa João Paulo II, a RCC consolida-se como instituição, espalha-se por todo o Brasil²³ e ganha espaços consideráveis, talvez até mesmo inesperados pelos próprios católicos e já possui três programas na TV: "Renovação em Ação" na TV Século XXI, "Celebrando Pentecostes" na TV Canção Nova e "Programa Boas Notícias Família" também na TV Século XXI.

Segundo Ivna Santos (2004, p. 42):

[...] hoje, a RCC está presente de maneira organizada e realizando um trabalho pastoral em 267 dioceses. Reúne cerca de 60 mil Grupos de Oração, com a participação de 8 a 10 milhões [sic] de carismáticos somente no Brasil. Sua organização em nível nacional conta com um Conselho Nacional – órgão deliberativo responsável pela unidade e desenvolvimento da RCC, cuja sede é a diocese onde reside o presidente em exercício – formado pelos coordenadores estaduais, pelos coordenadores nacionais de ministérios, pelos presidentes das diversas comissões, por membros convidados e pelo diretor espiritual. [...] Em nível diocesano, a RCC se organiza em torno das Equipes e Conselhos Diocesanos, que são aprovados e reconhecidos pelos senhores (arce) bispos (arqui) diocesanos, de acordo com os estatutos/regimentos de cada uma delas. Na RCC diocesana, a única autoridade reconhecida é a do Bispo, que acolhe e aprova os serviços da RCC em sua diocese e que tem no coordenador diocesano a “ponte” entre ele, Bispo, e os participantes da RCC naquela diocese. O Conselho Nacional não tem ingerência nas Dioceses, sendo responsável apenas pelo Planejamento Geral e unidade, visando garantir a identidade do Movimento.

Com relação aos objetivos principais desse movimento no estudo de Gabriel (2005, p.49), ele, ao fazer uma analogia entre os grupos de oração carismáticos das paróquias com os

²² Esse congresso foi um encontro de final de semana e aconteceu em meados de 1973, cuja participação esteve em uma média de 50 líderes.

²³ Disponível em <http://www.rccbrasil.org.br/rcc>. Acesso em 17/11/2006.

grupos de oração carismáticos universitários, destaca quatro, descritos pelo autor da seguinte maneira:

1) evangelizar, com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo em nossas escolas e em nossa futura profissão; 2) evangelizar, acreditando ser possível e preciso conciliar fé e razão; 3) evangelizar, em comunhão fraterna com a Igreja, formando homens novos que exerçam suas funções à luz do Evangelho; 4) evangelizar, com poder de efusão do Espírito Santo, para que os corações de todos nós, estudantes, professores e profissionais se unam ao coração de Deus.

Pode-se ainda acrescentar algo mais, que é justamente o objetivo de defender a causa “fé e política”. Assunto que tem sido pivô de muitos debates na RCC no momento e que será abordado posteriormente.

O que se percebe é que a RCC é um movimento muito bem estruturado e que conta com uma divisão administrativa complexa. Atualmente, o movimento é composto pelos seguintes ministérios: artes, comunicação social, criança, cura e libertação, família, fé e política, formação, intercessão, jovem, pregação, promoção humana, sacerdote e seminarista.

De acordo com Daniel Ange (1999, p. 30), “a RCC é um dos lugares da Igreja onde a vida sacramental é mais fervorosa.” A Eucaristia e a Reconciliação são, segundo o autor, incessantemente celebradas de modo festivo ou recolhido e, principalmente, vividas. “Em poucos lugares a adoração do Santíssimo Sacramento e a confissão freqüente são tão difundidas.”

As palavras de Daniel Ange sintetizam o que é a vida na RCC. Muita emoção e fervor na celebração, o que não é muito comum nas celebrações tradicionais. Contudo, essa efervescência é “produzida” no interior dos Grupos de Oração.

Conforme Santos (2004, p. 42), a célula da Renovação Carismática é o Grupo de Oração. Ele atua dentro das paróquias e tem como dinâmica provocar uma reação na vida pessoal de cada cristão como também o processo de renovação espiritual.

Com duração de aproximadamente duas horas ou mais, essas reuniões de oração seguem uma estrutura ritualística, podendo, dependendo da comunidade, sofrer pequenas alterações. Após o momento da acolhida, os fiéis cantam e dançam por um tempo, evocando a “efusão do Espírito Santo” e a proteção de Nossa Senhora. Faz-se uma oração para a pessoa que irá conduzir a oração, momento em que essa geralmente se coloca de joelhos e os assistentes erguem a mão sobre a mesma, pedindo que o Espírito Santo interceda durante aquele momento de louvor. É feita a leitura de uma passagem bíblica e inicia-se a pregação.

Em seguida, cânticos, o momento de cura a partir da imposição de mãos (alguns grupos realizam esse momento antes da reunião de oração ser iniciada) e a oração em línguas.

De acordo com Daniel Ange (1999, p. 73), são muitas as pessoas que nunca freqüentaram a igreja ou que não se sentem à vontade, mas que confessam que em um grupo de oração sentem bem. Segundo o autor, para muitos, a RCC é o único espaço em que podem gritar. “Gritar seu sofrimento diante de Deus e receber dele o dom do louvor. Um dos espaços nos quais eles se sentem acolhidos sem o menor julgamento, o menor olhar de condescendência.”

É nesse contexto que parece tornar-se compreensível a valorização do Espírito Santo e de seus dons, que são subdivididos em três grupos. Os carismas da palavra: dom das línguas, da interpretação e da profecia; os carismas das obras: o dom das curas, dos milagres e da fé; os carismas da cognição: o dom do discernimento, da ciência e dom da sabedoria.

Ao tratar da importância dos carismas para os católicos, especificamente os carismáticos, Serafino Salvo (1976, p. 29) explica que:

[...] cada cristão é chamado a ser um cabo de alta tensão para desempenhar um papel insubstituível dentro do corpo místico, onde não existem membros privilegiados, mas onde todos têm uma tarefa específica. Cada cristão, de qualquer tempo, pode e deve ser um canal condutor da onipotência de Deus que venha a beneficiar os homens. Essa onipotência, o cristão a recebe e a transmite por meio dos dons do Espírito Santo.

Além da valorização e dos dons do Espírito Santo, nota-se como outra característica central da RCC, um processo de hibridização de dimensão religiosa com esferas do mundo laico, naquilo que foi mencionado anteriormente como expansão da Igreja Católica para o espaço público, combinando com suas lógicas.

Um exemplo é o que Brenda Carranza (2005, p. 15-32) denomina de “fenômeno midiático Padre Marcelo Rossi”. Segundo a autora, a presença de Padre Marcelo na mídia começaria em 1997, na Rádio América, onde no mesmo ano já liderava o IBOPE. Não obstante, “além do sucesso na rádio, o sacerdote foi considerado um fenômeno discográfico.” Carranza (2005, p. 33) destaca que:

[...] sob o imperativo de ampliar os “meios de evangelização”, padre Marcelo está presente, também, no mercado editorial e na mídia eletrônica. Com a edição de textos populares, coletâneas da suas intervenções na rádio e com a edição bimensal de uma revista própria, Terço Bizantino, o padre se firma na mídia impressa.

De acordo com a revista *Eclésia* (ed. 106, p. 46), seria ingênuo pensar que esta guinada de Pe. Marcelo Rossi tem apenas motivações espirituais ou beneficentes. Seria, sim, uma “ação em curso para recuperar o terreno perdido.” Pode-se considerar como uma estratégia da Igreja Católica, objetivando reter fiéis ou conseguir novas adesões, nesse sentido as celebrações realizadas por Pe. Marcelo aproximam-se muito das Igrejas Evangélicas Pentecostais. E parece ser isso o que as pessoas procuram, haja vista que essas Igrejas cresceram consideravelmente.

O ritmo acelerado das transformações não cessa apenas com as iniciativas citadas acima. A indústria cinematográfica também passa a ser utilizada pelo padre que declara não gostar de cinema e nem de ser visto como celebridade. Justificando sua atitude a partir das palavras do Papa de que não adianta ficar na igreja sentado, Pe. Marcelo estreia sua carreira, segundo Carranza (2005, p. 396), “com o primeiro longa-metragem ‘Maria, Mãe do Filho de Deus’. Um ano depois, na mesma época, lança o segundo filme ‘Irmãos de Fé’.”

Também, como meio de comunicação para o anúncio do evangelho, foi criada em 1980, na cidade de Cachoeira Paulista, uma emissora de rádio de ondas médias (AM) pelos membros da Comunidade Canção Nova, ligada ao Movimento da Renovação Carismática. Segundo Antônio Braga (2004, p. 113-114), as atividades do grupo cresceram com muita rapidez e, em 1989, era inaugurada a primeira transmissora de televisão. Não obstante, também “dispõe de um portal na internet, uma pequena revista mensal, publicações de livros, produção (sic) CDs e de vídeos (VHS, DVD), além de comercializar pequenos produtos como camisetas e bonés.”

Contribuindo para a inserção da Igreja Católica na mídia televisiva em um momento em que esse espaço passa a ser ocupado significativamente pelas diversas Igrejas, estão também a Rede Vida e a TV Século XXI. No entanto, a TV Canção Nova, como observa Braga, possui um diferencial que é a ausência de inserções publicitárias, exceto quando trata-se de produtos de evangelização da própria Canção Nova, o que é justificado como uma opção tácita para que não haja submissão “às regras do mercado” e “subsequentemente, ter autonomia diante das demandas externas que possam entrar em confronto ou que possam gerar desconforto em relação à visão de mundo e ao ethos cançonovista.” (BRAGA, 2004, p. 114)

Mesmo que a priori esse envolvimento do catolicismo com a mídia televisiva possa ser interpretado a partir de um contexto de disputa na arena midiático-religiosa, parece haver, no entender de Braga (2004, p. 118), reflexo dos processos de transformações e mudanças que podem ser observados no interior do próprio catolicismo e que demonstram os esforços de

alguns fiéis católicos em vivenciarem uma experiência religiosa mais participativa e com maior proximidade com suas realidades cotidianas enquanto pessoas imersas na contemporaneidade.

Impulsionados, possivelmente, pela divulgação na mídia desse catolicismo mais reavivado, muitos fiéis seja por adesão ou por retorno ao catolicismo, querem uma proximidade maior com sua vivência e partem para o que se pode chamar de turismo religioso. Carlos Steil (1999), ao analisar o natal em Canela e Gramado, observa que “[...] viaja-se, portanto, não apenas para conhecer o *modus vivendi* de outros grupos sociais ou regiões, mas também para iniciar-se na forma de ser de sua classe ou grupo social. Trata-se, na verdade, de uma aprendizagem relacional, onde a transação cultural com o outro permite estabelecer uma melhor definição de si e reforçar o sentimento de pertencimento ao seu próprio grupo.”

Na ótica do autor, ao introduzir a experiência de certa exterioridade em relação ao evento, o turismo “trabalha no sentido da diluição da *mística da communitas*, estabelecendo um outro programa de percepção que visa desautorizar os sentidos construídos sob o modelo de relações fusinonais [sic].” Segundo Steil (1999), para o turista que se dirige à Gramado e Canela no período do natal, já não se trata de deslocar-se em busca da experiência pessoal da *communitas*, mas de se colocar como um observador externo, na qualidade de espectador. Isto se torna possível “na medida em que esta forma de turismo acontece num contexto moderno, onde os sentidos e valores referidos a um sistema religioso tradicional se tornaram particularmente vulneráveis pela ação da lógica econômica que preside os empreendimentos turísticos.”

É nesse sentido que Steil (1999) vê surgir uma nova categoria de “peregrinos-turistas” ou de turistas religiosos, que segundo o autor são classificados como diferentes dos peregrinos tradicionais pelo conjunto de motivações que os incitam a deslocar-se para os locais de peregrinação, mas principalmente pelas estruturas de significados dentro das quais inserem sua experiência. E é justamente essa experiência que contribui para a percepção de que não há apenas uma

[...] reinvenção das peregrinações nos contextos turísticos, mas, também, aponta para as transformações que vêm ocorrendo na própria vivência moderna do religioso que, ao incorporar o turismo como mediação do sagrado, acaba absorvendo elementos mercadológicos e de consumo a ele associados. Cria-se, assim, uma linguagem religiosa que precisa do turismo, e de tudo que ele implica, para produzir significados e sentimentos espirituais. (STEIL, 1999)

Desta forma, é por meio dessas hibridizações entre sagrado/profano que podem ser analisadas as práticas de turismo realizadas na atualidade pela Igreja Católica. Um exemplo é o Santuário Bizantino que atrai centenas de pessoas toda semana, geralmente vindas de ônibus, com o intuito de participar das missas do Pe. Marcelo Rossi. Na abordagem de Carranza (2005, p. 135), as denominadas “caravanas”, estimuladas nos meios de comunicação em que o padre Marcelo Rossi tem acesso, constituem as peregrinações que vêm integrando um circuito de romarias em São Paulo. Essas caravanas, segundo a autora, são ainda mais usufruídas pelos peregrinos vindos no Nordeste, pois aproveitam a rota e param na Basílica de Aparecida no Norte, também em São Paulo.

Conforme a autora, é possível observar nessas caravanas um triplo movimento em um único espaço: o santuário. Primeiramente, a centralização voltada para Pe. Marcelo Rossi, sendo o sacerdote o objetivo das visitas. Carranza (2005, p. 138-139) observa que tudo gira em torno do padre. O “Santuário do Pe. Marcelo”, “organização do ônibus do Pe. Marcelo” e ainda “o logomarca que permeia o imaginário de super-star-religioso espalhado em todos os objetos disseminados nas barraquinhas do Santuário.”

Um segundo movimento é a socialização de um estilo evangelizador, pois no momento de concentração, os fiéis passam de unidades representativas de sua própria individualidade para serem parte de um fluxo coletivo. Possivelmente, segundo a autora, a especificidade na adoção desse estilo evangelizador por parte da Igreja Católica esteja relacionada “as exigências de socialização dos conglomerados urbanos, colocando a Igreja na esteira das transformações culturais que se refletem religiosamente, e que a instituição demorou para incorporar.” (CARRANZA, 2005, p. 140-142).

Finalmente, um terceiro movimento seria o oferecimento de serviços caracterizados pela emoção. Conforme Carranza (2005, p. 143-146), as missas ordinárias do Santuário possuem uma ênfase performática voltada para o caráter emocional, permeando gestos, as palavras, os cantos além do normal, os símbolos e até a própria interação enquanto os peregrinos permanecem no Santuário. A própria experiência de alcançar o sagrado, por meio da graça ou dos dons, coloca o peregrino “na rota de experimentar a presença do Espírito Santo” e, a partir daí, a espiritualidade performática “passa a ter como pivô a experiência da temporalidade religiosa, a intervenção sobrenatural na vida cotidiana, oferecendo emoções compartilhadas quando acontecem no coletivo.”

Esse processo evidencia o quanto a Igreja Católica deixa de estar circunscrita a um campo religioso para permear outros. O turismo religioso ao Santuário Bizantino, assim como também para as caravanas direcionadas à Canção Nova durante os acampamentos, demonstra

o quão importante tem sido a presença da Renovação Carismática para essa transformação no catolicismo. Pois atualmente para o fiel o interesse vai além de se ter o conhecimento do local sagrado. Ele deseja viver a experiência de um contato direto com esse sagrado. Experiência esta imbuída de muita emoção.

Na busca de uma atuação maior no espaço público, além de uma incorporação do turismo religioso, da inserção cada vez mais crescente na mídia, a RCC vai em busca de uma outra representatividade. Podendo parecer algo distante para a Renovação Carismática, a questão política, na forma da democracia representativa por meio dos mandatos no âmbito do legislativo e do executivo, aos poucos começa a fazer parte da trajetória desse movimento.²⁴

Na abordagem de Júlia Miranda (1998):

Os grupos de natureza religiosa permanecem, no seio da sociedade civil, como espaços concorrenciais do Estado na regulação de condutas. Para tanto, não apenas criam ou reativam tecidos sociais, verdadeiros laboratórios comunitários de produção de sentidos, mas, de forma cada vez mais explícita, e assumida como consequência necessária, estendem à política seus valores, interesses e atividade conjunta.

Conforme Miranda (1998), a Igreja Católica nunca se articulou com êxito em um partido político, e a participação dos católicos na “política acabou por ficar diluída entre as agremiações de corte secular.²⁵ Segundo a autora (1998), mesmo quando as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos anos 80, “apresentam os primeiros candidatos oriundos do cristianismo de libertação, essas representações não se constroem como cristãs e sim como ‘populares’. Tidas como de esquerda, essas candidaturas identificavam um certo cristianismo - essencialmente católico.”

Mas, segundo Emerson Silveira, o movimento passou a engajar-se na arena política formal após uma reorganização em nível nacional e uma acentuada centralização e burocratização com o chamado Plano da Ofensiva Nacional²⁶ iniciado em 2003. (SILVEIRA, 2005)

²⁴ SILVEIRA, Emerson S. Terços, "santinhos" e versículos: a atual relação entre os carismáticos e a política, mimeo, 2005. Texto apresentado durante o VII simpósio da associação brasileira de história das religiões (ABHR), I simpósio de ciências da religião – PUC Minas/ISTA e XIX ciclo de palestras e debates do núcleo de estudos em teologia da PUC Minas em 2005.

²⁵ De acordo com a autora foram verificadas algumas peculiaridades como a da Liga Eleitoral Católica (LEC), em 1933 - sobretudo o caso do Ceará. Conf. MIRANDA, Júlia. O jeito cristão de fazer política: representações, rituais e discursos nas candidaturas pentecostais e carismáticas, mimeo, 1998. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS.

²⁶ De acordo com o autor, foi o mesmo movimento que lançavam os evangélicos em candidaturas vitoriosas no legislativo.

Essas candidaturas, que foram apoiadas, segundo Silveira (2005), “por uma rede de estreitos vínculos com os meios de comunicação (redes de TV e rádio) estratégias de marketing e negócios empresariais”, utilizou-se da interpretação dos versículos bíblicos e dons carismáticos como as profecias (espécie de retórica usado em tom imperativo que atesta a fala de Deus) e as visualizações (dispositivos de imagem usados pelos carismáticos e que surgem durante as orações)” para o engajamento na política.

É interessante a observação de Silveira (2005) de que na realidade o objetivo não era formar um partido a parte, mas terem leigos e leigas inseridos “no mundo da política, construindo o mito e a utopia da ‘civilização do amor’, expressão que jovens e pessoas ligadas se referem a um projeto de reforma moral da sociedade.” Conforme o autor:

Há um encantamento religioso na atuação política dos carismáticos: visões e imagens no lugar de pesquisas de opinião, santinhos no lugar dos enormes gastos de campanhas. Contudo são recursos que mobilizam todo um ethos compartilhado por milhares de pessoas, assegurando uma legislatura em nome da Igreja e da RCC. Por outro lado a estratégia política da RCC é não apoiar explicitamente nenhum candidato, mas discernir e divulgar entre as lideranças os candidatos escolhidos por Deus. (SILVEIRA, 2005)

Como observa Silveira, os rumos da relação entre a política e o movimento passam por profundas mudanças. De acordo com o site oficial da Renovação Carismática no Brasil, o “Ministério Fé e Política”²⁷ é um serviço dentro da RCC que tem como objetivo a evangelização da política, “a partir da experiência do Batismo no Espírito Santo”. O interesse não é a formação nem de partidos políticos nem em realizar as campanhas eleitorais, mas “conscientizar os cristãos a utilizarem o voto de modo justo, [sic] e apoiarem o candidato(s) conforme a consciência de cada um. A Renovação Carismática também apóia e incentiva a participação na política daqueles que **sentem chamados** [grifo meu] a este serviço.”²⁸

Como é possível observar, a política passa a ser algo tão ligado a espiritualidade carismática que para que alguém se promova como candidato é aconselhável que haja um “chamado” divino. Observa-se nos dizeres acima a “providência divina” agindo sobre os candidatos, que são “chamados” para exercerem a função política. O voto passa a ser visto como obra do Espírito Santo. A partir de uma experiência do “Batismo do Espírito” esse candidato poderá ser capaz de utilizar o voto e o mandato recebidos com mais “integridade”.

²⁷ A RCC vem utilizando, assim, a estratégia dos seminários sobre “fé e política”, principalmente nas universidades, assunto que será tratado a seguir.

²⁸ Disponível em <http://www.rccbrasil.org.br/minist>. Acesso em 15/5/2007.

Acredita-se com isso que aumenta a probabilidade de o candidato ser mais ético, pois foi conscientizado e, principalmente, “escolhido” por Deus.

Mas nada disso impede tensões no interior no movimento. Como demonstra Silveira (2005), a liberdade de escolha e a forma de apoio no trato à atuação política têm sido causas de muitas resistências nas diversas dioceses e nos grupos de oração. Conforme o autor “[...] a visão de que a política é uma esfera estranha a espiritualidade, quando não hostil, prevalece na maior parte dos grupos de oração e do movimento.” O que se deve ao fato de “terem cultivado na maior parte de suas pregações e visão de mundo a separação de esferas como a religião e a política.”

Em um site da Pastoral das Comunicações da diocese de Franca há um link com artigos dando algumas “orientações” de como deve agir um candidato cristão. A Secretaria Matias demonstra alguns desafios enfrentados na atividade parlamentar e como devem ser vencidos.

[...] um cristão engajado na política tem que se levantar contra todo atentado aos direitos da pessoa humana. Se na condição de cristão não pode assistir passivo a tal situação, mais ainda se tiver responsabilidades políticas, com todas as dificuldades que tenha de enfrentar, entre as quais a da coragem, que se faz muitas vezes necessária. A luta do parlamentar cristão se situa, naturalmente, pela igualdade social, contra a miséria, pelo respeito à dignidade dos seus concidadãos, nunca pelo privilégio e pelos interesses dos que exploram e dominam. Da mesma forma pode ser considerada a corrupção. O posicionamento diante dela não levanta maiores dúvidas para o político que se considera cristão. O mínimo que dele se espera é que não se aproveite de sua posição para desviar dinheiro público, sob qualquer forma, para seu enriquecimento pessoal. Contudo, se não podem subsistir dúvidas numa análise teórica dessas questões, na prática elas ficam menos claras. No que concerne à busca da justiça, encontraremos diferentes propostas de como assegurá-la, já a partir da opção partidária que tenhamos feito. Quanto à corrupção, podem surgir dúvidas também, por mais incrível que possa parecer.

É possível observar que a ética deve ser vivida por esse candidato cristão carismático de uma maneira muito profunda. É por essa razão que um candidato da RCC deve ser primeiramente evangelizado e, somente depois, “escolhido” por Deus para exercer essa função.

O que foi visto até aqui foi uma postura da RCC, direta ou indiretamente, em que o pensamento político está direcionado para as eleições. É o que Júlia Miranda (1998) denomina de “tempo político” que é justamente esse período eleitoral. No entanto, ao acompanhar um “bate papo” em um chat onde ocorre o Encontro Virtual de Universitários

Católicos Carismáticos (EVUCC) no site do Ministério Universidades Renovadas (MUR),²⁹ constata-se um alargamento da noção de política para além da questão eleitoral e parlamentar. Antes, portanto, é interessante esclarecer o que é o EVUCC.

O EVUCC, que faz parte do site do Ministério Universidades Renovadas, é um encontro virtual que acontece de tempos em tempos com algum tema específico. Pessoas como Gabriel Perissé, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), doutorando em Filosofia da Educação pela USP, professor universitário, criador da Escola de Escritores e da Escola de Leitores (www.escoladeescritores.org.br) e coordenador-geral da Organização das Nações Unidas (ONG) Projeto Literário Mosaico, além de editor, tradutor e poeta, que tratou no chat do tema “Como falar de Deus nas universidades”; Dr. Roque Savioli, diretor do Incor (USP), cujo tema foi “Cura: os limites da fé e da medicina”; Marcos Volcan, Presidente do Conselho Nacional da RCC/Brasil, abordando o tema “Perspectivas para o Ministério Universidades Renovadas”; Márcia Edeuma, Coordenadora Nacional do Ministério Universidades Renovadas, tratando da questão “Uma visão para o MUR nos próximos 4 anos e o X ENUCC” e Sidnei Telles, Coordenador Nacional do Ministério Fé e Política, que abordou o tema “fé e política”.³⁰

Jean Lauand³¹ descreve que foi “[...] uma iniciativa importante na Net.” Segundo Lauand em seu artigo intitulado “Uma Experiência de Pensamento na Internet: EVUCC do PUR – Chat sobre a Virtude Cardeal da Prudentia”³²:

Quando os jovens organizadores desses encontros me consultaram sobre a idéia, recebi-a com um certo ceticismo: chat - parecia-me então - não era um meio adequado para discutir filosofia: a necessidade de dar a resposta de modo imediato (e a de digitar apressadamente a resposta), a impossibilidade de consultar livros etc., pareciam-me obstáculos difíceis de superar. Chat, pensava eu erradamente, serve para assuntos mais superficiais, como entrevistar um artista famoso sobre sua carreira e hobbies, por exemplo. Mas, depois de ter participado (como um a mais) dos primeiros EVUCC tive que rever esses meus preconceitos: aprendi muitíssimo com os EVUCC, com o brilhantismo dos entrevistados e também com os jovens universitários que formulavam perguntas muito inteligentes e sugestivas. E quando, num recente almoço de trabalho de professores da USP e da Universidade do Porto, vi o entusiasmo dos colegas ante o relato da experiência do ilustre filósofo

²⁹ Em alguns momentos será utilizado o termo PUR (Projeto Universidades Renovadas) ao invés de MUR (Ministério Universidades Renovadas). De acordo com o site do Ministério Universidades Renovadas “[e]m meados de 1998, em reunião do conselho nacional da Renovação Carismática, decidiu-se tornar o até então Projeto Universidades Renovadas uma secretaria de serviço da Ofensiva Nacional da RCC. Meses depois essa secretaria assumiria o nome de **Secretaria Lucas**, semelhantemente ao que ocorre em outras secretarias da RCC.” Atualmente, não se usa mais o termo “secretaria”, que foi substituído por “ministério”. Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/historia.asp>. Acesso em 17/4/2007.

³⁰ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/evucc>. Acesso em 23/6/2007.

³¹ Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e Instituto Jurídico Interdisciplinar (IJI) – Universidade do Porto.

³² Disponível em <http://www.hottopos.com/mirand14/evucc>. Acesso em 23/6/2007.

português Dr. Paulo Ferreira da Cunha em seu EVUCC internacional, dedicado ao tema da virtude cardeal da Justiça, decidi-me, finalmente, a aceitar o desafio de ser o entrevistado para o IV EVUCC: “Prudentia: a arte do discernimento - Um debate sobre a virtude cardeal da Prudência”, mesmo não tendo eu o preparo, a agilidade de pensamento e a familiaridade com a Internet que têm os três notáveis filósofos que me precederam.

Conferindo a relevância desse encontro para discussão de temas variados, depara-se com a temática “fé e política”. Ao analisá-la, verifica-se que essa questão vem atravessando mudanças, mesmo sofrendo resistências. Ao ser questionado por um moderador sobre a base de trabalho do Ministério Fé e política³³, Telles, coordenador nacional deste Ministério, observa que:

Sidnei Telles: olha hoje nos estamos tendo uma visão da politica e a fé a partir da mobilização social.

Sidnei Telles: Antigamente só se falava de politica num sentido eleitoral Queremos atuar em diversas instancias transformadoras, e precisamos despertar esta consciencia

Sidnei Telles: Durante varios anos a ministerio procurou apenas ocupar espaço dentro da Igreja e gerar voçoes, em um outro momento dar formação

Sidnei Telles: mas parece-me que mesmo com uma base de doutrina social as pessoas acabavam por fazer o seu projeto pessoal e muitas vezes a partir de uma interpretação particular

Sidnei Telles: Hoje coloquei um tripé de ação, sendo um de formação onde queremos ter uma escola nacional de formação mas ter também subsidios populares sobre a doutrina social o outro pé é a mobilização,. somos uma imensa massa de pessoas, que não agem para tranformar a sociedade, claro que há excessoes, mas são isoladas

Sidnei Telles: Precisamos fazer os grupos de oração ter uma atividade tranformadora, a partir de uma consciencia social

Sidnei Telles: ESTou com grande expectativa da participação do MUR neste projeto, até convidei o MOcoca para ajudar a refletir sobre isto

Sidnei Telles: Por fim o ultimo pé é o de criar um projeto para o Brasil a apartir de nossa realidade, ouvindo todos³⁴

É possível observar nas palavras de Telles que o MUR está realmente envolvido na questão de uma política não só direcionada para o sentido eleitoral, mas uma visão política de mobilização social. É a partir daí que o coordenador demonstra que há uma necessidade de que os grupos de oração também passem por mudanças e tenham atividades transformadoras. Telles chama a atenção para o fato de que apesar de sermos uma grande massa, são poucos os que agem no sentido de transformar a sociedade. Essa iniciativa sairia então do MUR, com a contribuição de grande parcela da sociedade.

³³ Foi opção deixar o texto na íntegra, sem alterações, acréscimos ou correções, ao passo que trata-se de uma conversa virtual. As citações são, portanto, uma cópia literal.

³⁴ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/evucc>. Acesso em 29/5/2007.

O interessante é que essa mudança aparece como um contraponto ao que muitos autores têm de críticas ao se tratar da RCC, que é o fato de valorizarem muito a subjetividade e deixarem de lado as questões sócio-políticas. Marcelo Camurça (2003, p. 256) destaca que, de acordo com Hervieu-Léger, o processo de autonomização do indivíduo na sua escolha religiosa, chamada pela autora de desregulação religiosa, produzirá na modernidade, além da subjetividade religiosa do crente, “a dissociação dos elementos que compõem o dispotivivo da produção de identidade religiosa clássica.” Contudo, começam a despontar algumas iniciativas de interesses por questões sociais até então distantes de seus propósitos iniciais. Ou ainda, combinando-se com eles, como a “providência divina” pactuada com a ação social.

Como será visto a seguir, o grupo de oração da UFJF parece estar um passo adiante do que foi visto até aqui e já caminha no sentido de fazer uma política social, como é o caso do “Projeto Campinho”. Não obstante, Boff³⁵, em seu estudo comparativo entre a Renovação Carismática Católica e a Teologia da Libertação, já demonstrava que falar de uma RCC fechada ao compromisso social não era genuíno. Segundo o autor, há muitos trabalhos sociais levados adiante pelos carismáticos, sobretudo obras de caráter assistencial e promocional. Contudo, o que falta, conforme Boff (2000, p. 45-47), é “o acerto da linha de engajamento social adotada pela RCC.”

Curioso também é perceber que mesmo com a determinação de muitos, o medo/receio da mudança está presente. Um participante do Ministério Fé e Política de Curitiba, argumentando sobre o preconceito existente no movimento com a palavra "política", sugere a troca para “fé e cidadania”, o que, segundo o participante, seria capaz de produzir um efeito positivo. No entanto, o entrevistado explica que esse pedido já havia sido feito e que várias questões foram levantadas. Conforme Telles:

Sidnei Telles: Este assunto foi discutido no conselho nacional, a pedido mesmo do Coord. do Paraná, foram varias questoes levantadas, a primeira é a do risco de perder o foco, a segunda para manter unidade com a nomenclatura usada pela CNBB, e outros aspectos foram levantados, sei que há resistencias com o nome, mas a resistencia foi construida por anos de ditadura e formação distorcida dentro do povo
 Sidnei Telles: Cada vez é mais forte a impressao de que no mundo todo os partidos politicos não conseguiram transformar as realidade, é hora de uma politica mais popular, e de forma mais corajosa, a RCC tem uma missão profetica e não pode deixar de manifestar
 Sidnei Telles: Queremos ver os carismas do Espirito gerar um desejo de justiça social de partilha e solidariedade³⁶

³⁵ Esse assunto será discutido no capítulo 2.

³⁶ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/evucc>. Acesso em 29/5/2007.

O participante, que parece ansioso por uma mudança imediata, argumenta se “as vezes não é bom contornar obstaculos para se seguir mais rapido do que enfrentá-los?” E nesse momento uma outra participante aparece e vem encoraja-los. “Sheily - MA: Desculpem, sei q a pergunta não é pra mim, rsrs, mas vejo q é preciso encarar esse preconceito e usar a palavra política mesmo, até q esse olhar torto pra ela acabe”.

Prosseguindo com o debate, o coordenador do “Ministério Fé e Política” expõe o que já havia, inclusive, sido citado anteriormente, que é a tensão em se tratar de determinados assuntos relacionados aos fatores sócio-políticos.

Sidnei Telles: Não é so de politica que se tem dificuldade dentro da Igreja e da RCC, a propria ação concreta da cidadania é um desafio

Sidnei Telles: Sonho que o povo cheio do Espirito comece a refletir as soluções para a economia e a politica no Brasil

[...]

Sidnei Telles: Creio que a articulação politica pode gerar mobilizações que obriguem a reais transformações no pais independente da morosidade dos parlamentares, ou mesmo do executivo, independente da cor da bandeira

Sidnei Telles: Queremos neste tempo de graça de levantarmos o Brasil, e de estarmos aos pesa da cruz, contruir um projeto de poder que preveja os excluidos, mas que considere o homem todo, alma, corpo e Espirito e não só uma das dimensoes do ser humano³⁷

Convém ressaltar aqui, novamente, a tensão vivida no interior da RCC com determinados assuntos. Vale frisar que quando o assunto está relacionado à política, a questão torna-se mais tensa e aparecem as dificuldades para que os assuntos em pauta sejam colocados em prática. Contudo, como pode ser visto no trecho acima, a política não é o único assunto que ao ser colocado em questão gera polêmica. Conforme Telles, o próprio ato de se discutir cidadania é um ato conflituoso. Desta maneira, parece que ao tratar-se de assuntos que a princípio se distanciam da subjetividade, a tensão é quase certa.

Essa nova linguagem do religioso, repleta de nuances, vem apresentar uma modalidade do catolicismo renovada, ora apaziguante ora conflitante. No entanto, a tradição não é abandonada. Ocorre na realidade uma reapropriação da tradição, adequando-se a modernidade, o que será analisado no capítulo seguinte. Surge uma nova tendência em que a subjetividade, a performance e a emoção passam a ter uma proporção articulada a questões da política e do social até recentemente não explorada pela Igreja Católica. Isso tem levado a uma maior inserção do catolicismo no mundo globalizado, mas também gerado tensões internas e externas.

³⁷ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/evucc>. Acesso em 29/5/2007.

1.2 - O Grupo de Oração Universitário: uma ponte como contribuição do catolicismo na modernidade

As mudanças que acompanham a trajetória da Igreja Católica, como dito anteriormente, estão atravessando outros espaços que não o dito campo religioso. É fascinante como que desses desdobramentos vai aparecendo uma outra face no catolicismo. Uma dessas tendências que contribui para a inserção da Igreja Católica, no espaço público, é a sua atuação por meio de jovens carismáticos em um espaço considerado o centro da laicidade: a Universidade.

Atentando para esse direcionamento para a juventude, Marizete Nascimento, palestrante e coordenadora do Ministério Fé e Política de Goiânia (GO), no primeiro dia do Encontro Nacional de Jovens (ENJ), que teve início na tarde de quarta-feira, dia 25, durante o XXVI Congresso Nacional da Renovação Carismática Católica (RCC) 2007, sediado na Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista (SP), impulsionou, segundo o site de notícias da Canção Nova, jovens carismáticos de todas as partes do Brasil e da América Latina que participam do encontro, a servirem plenamente a Deus. Pronunciou também que eles “precisam se esforçar para serem modelos de caridade, fé e castidade a outros que ainda não tiveram seu encontro pessoal com Jesus.”

A palestrante ainda frisou que “para se formar e tornarem-se formadores, é necessário que essa juventude faça estudo diário da Palavra de Deus, ore constantemente em espírito e verdade e cresça na missão de evangelizar o mundo.” Demonstrando os interesses em se investir nos jovens, Marizete Nascimento declara que “através da juventude carismática, o mundo alcançará a civilização tão sonhada por João Paulo II: a civilização do amor. Mas para que isso aconteça, é preciso que os jovens estudem e leiam a Palavra de Deus todos os dias, porque a humanidade precisa de **jovens inteligentes e capacitados para mudá-la** [grifo meu].”³⁸

Com as palavras da palestrante fica visível que o espaço a serem “lançadas as redes” é o espaço universitário. Haja vista que é território passível de capacitação para futuros profissionais, capazes de construir a tão almejada “civilização do amor”.

³⁸ Disponível em <http://noticias.cancaonova.com/noticia>. Acesso em 25/7/2007.

Nesse sentido a Renovação Carismática, apresenta uma de suas ramificações considerada “um novo sopro do Espírito Santo” no ambiente laico, que é o Grupo de Oração Universitário (GOU).³⁹

Esse teria surgido no Brasil, no ano de 1994, na Universidade Federal de Viçosa, a partir de um evento carismático durante o carnaval. Nesse evento, um universitário chamado Fernando Galvani⁴⁰, conhecido como Mococa, após rezar diante de um quadro da cidade de Jerusalém que havia em seu quarto em um alojamento estudantil, sentiu um desejo enorme de ver a Universidade de Viçosa repleta de doutrina, de amor de Jesus, e organiza um seminário denominado “RCC e Universidade” que marca o início do Projeto Universidades Renovadas (PUR) (IVNA, 2004, p. 61).

Apesar de não haver registros de estruturação de grupos de oração após o seminário “RCC e Universidade”, existem relatos de “experiência de Ivna Sá dos Santos para iniciar um grupo de oração na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (FAFI-BH), hoje Centro Universitário de Belo Horizonte/UNI-BH.”(GABRIEL, 2005, p. 47) Com o depoimento de Ivna Santos, demonstrando principalmente as dificuldades ao iniciar o GOU nessa Universidade, como obter sala para reunião, participantes interessados, é possível perceber que o seminário dirigiu seu foco para o meio universitário, principalmente motivando jovens que já possuíssem algum vínculo com a RCC (GABRIEL, 2005, p. 47).

A partir desse momento, a Igreja Católica, por meio da Renovação Carismática e provavelmente com a contribuição que nasce de um sonho de um universitário, começa a atuar em várias outras Universidades, como também na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

O GOU da Universidade Federal de Juiz de Fora, efeito direto do seminário da Universidade Federal de Viçosa, também teve início no ano de 1994. De acordo com o site oficial do movimento das Universidades Renovadas de Juiz de Fora:⁴¹

[...] a história do Projeto Universidades Renovadas teve como marco inicial o Seara, no ano de 1994, principalmente no seminário que reuniu 54 universitários para ouvir o “sonho” do Fernando Mococa. Entre estes estava uma garota de Juiz de Fora, Flávia que cursava medicina na UFJF e que voltou para a cidade cheia do desejo e da vontade de montar um GOU, da forma como foi proposto em Viçosa. Assim, Flávia encontrou algumas pessoas que começaram a sonhar com ela como Ana

³⁹ Doravante será utilizado com maior frequência o termo abreviado: GOU.

⁴⁰ Segundo Ivna Santos, Galvani possuía semelhanças com muitos adolescentes atuais, pois, envolvia-se com drogas e com bebidas, o que segundo a autora, eram atividades nada construtivas e que o levava a perder pedaços dos dedos da mão direita ao envolver-se em um acidente com detonador de dinamites. Cf. SANTOS, Ivna Sá. *Dai-lhes vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas*, p. 52.

⁴¹ Disponível em <http://jf.pur.com.br/hist>. Acesso em 17/4/2007.

Paula (medicina), Wanderly (medicina), Luiz Cláudio (Física), Claudia (informática) e Pollyanna (matemática), e juntos começaram a rezar e a “gerar” o GOU do ICE, o primeiro da UFJF. Já em maio de 1994 consagraram o GOU à Nossa Senhora, que realmente abençoou o grupo que nascia ainda no coração deles. Assim saíram do pátio, onde começaram a se reunir, e passaram para uma sala de aula atrás da antiga cantina do ICE e, no final de Agosto a primeira reunião aberta, o primeiro GOU efetivamente constituído, e é esta reunião que temos como marco inicial do PUR JF.⁴²

Segundo Gislene⁴³, responsável pelo texto do site e coordenadora arquidiocesana do Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora:

[...] a necessidade de estruturação do GOU era muito grande, então organizaram o núcleo do grupo que costumava se reunir no escritório da RCC, elegeram a coordenadora que foi a Flavia da medicina, e elegeram o nome FONTE DE VIDA, no sentido de ver o GOU que nascia como fonte de vida pra universidade e este nome permanece até hoje em todos os GOU's de JF, seguindo esta moção inicial. Já nesse primeiro ano de vida do GOU teve dois marcos importantes. O primeiro foi a realização de um seminário de vida no Espírito conduzido por algumas pessoas de Viçosa. E o segundo foi a vinda do Fernando Mococa para visitar o GOU da UFJF. Mococa estava vindo de outras missões e ao chegar no GOU de JF, impulsionou os participantes com suas palavras, Fernando foi muito objetivo ao dizer: ‘O que me faz vir à Juiz de Fora pra me reunir com 8 pessoas, depois de tantos dias de viagem? É o sonho que trago no coração que quero que vocês sonhem também.’⁴⁴

Tiago, coordenador geral do GOU no momento em que a pesquisa etnográfica começou⁴⁵, comenta que Juiz de Fora possui atualmente 14 grupos de oração universitário⁴⁶ e 1 grupo de “profissionais do reino”. São aproximadamente 300 pessoas participando dessas reuniões semanalmente. O coordenador observa que dessas, 200 a 250, são na UFJF. Conforme Tiago:

[...] temos um coordenador e uma equipe núcleo em cada GOU, que são responsáveis por preparar e conduzir as atividades do GOU, inclusive a reunião de oração. Cada reunião é composta de momentos de oração, pregação e partilha da Palavra de Deus, música e momentos de descontração ('animação'). Temos uma organização de funções peculiar, pois cada função mencionada anteriormente é dividida entre os integrantes do 'núcleo' durante a reunião de preparação da reunião. "Teoricamente" todos do núcleo podem pregar, animar ou conduzir uma oração. Teoricamente pois, apesar de ter capacidade, cada um faz aquilo que acha que pode fazer, sem se sentir pressionado ou obrigado. Temos também uma estrutura a nível

⁴²Texto apresentado no V EEUCC - Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos de Minas Gerais, em 19/11/05.

⁴³ No caso de fontes extraídas da internet serão utilizados os nomes reais, haja vista que estão como figuras públicas. No caso de entrevista, apenas coordenadores e bispo terão os nomes identificados. Os demais entrevistados serão identificados com as iniciais de seus nomes.

⁴⁴ Disponível em <http://jf.pur.com.br/hist>. Acesso em 17/4/2007.

⁴⁵ De acordo com Gislene, atual coordenadora diocesana, a coordenação tem duração de dois anos. Assim, sua permanência enquanto coordenadora termina em 2008. Ela explica que a coordenação era formada por uma equipe de oito pessoas, das quais duas foram escolhidas. Destas, Inez Pimenta, Coordenadora Nacional do Ministério de Promoção Humana da RCC, a escolheu.

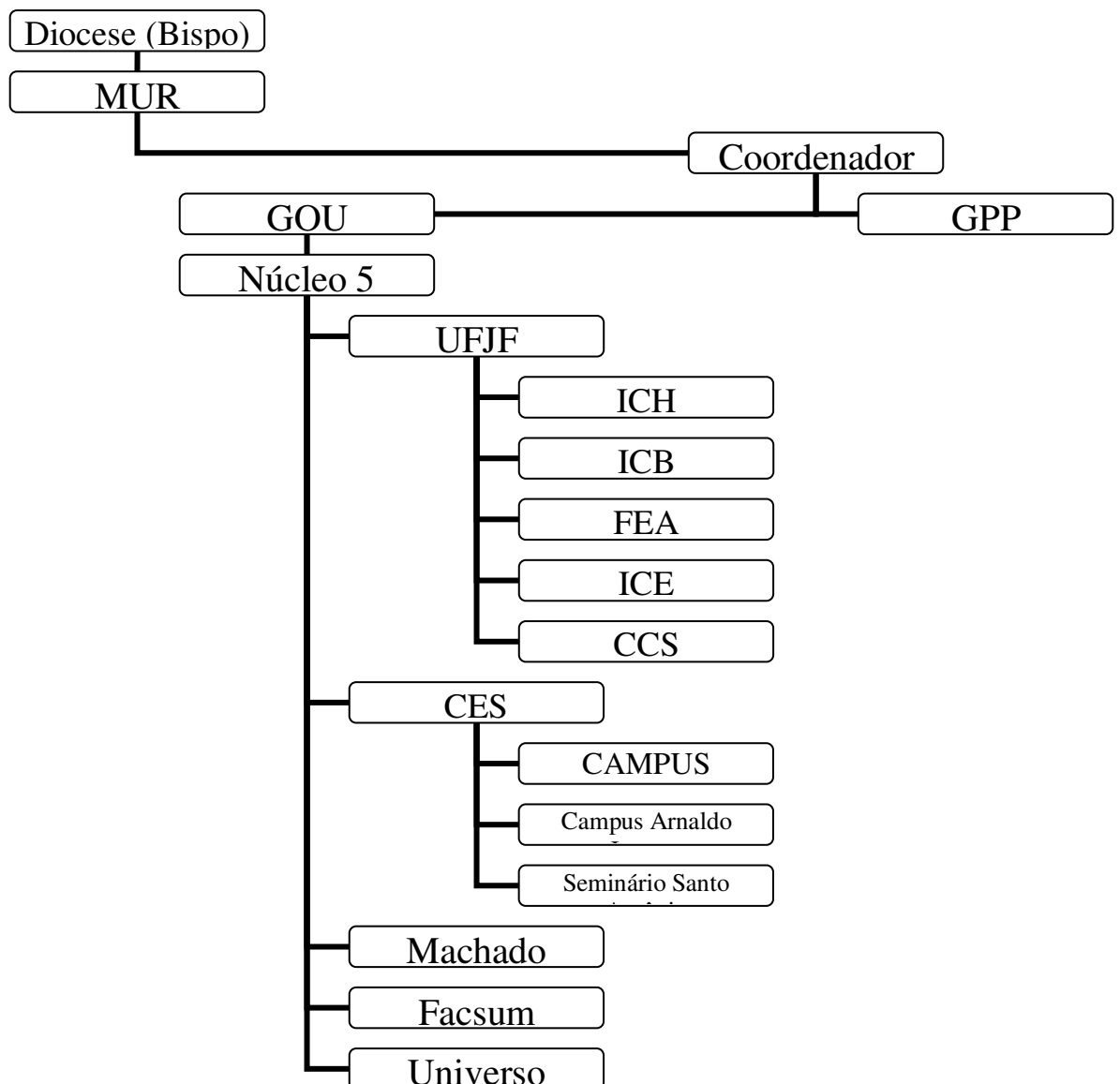
⁴⁶ Gislene acrescenta que 1 está nascendo no Vianna Júnior.

diocesano, estadual, nacional e internacional, com coordenadores. Somos parte da Renovação Carismática Católica, e também nela nos articulamos.⁴⁷

De acordo com Gislene:

[...] os GOU's são parte do Ministério Universidades Renovadas da RCC, então estão ligados a esse movimento. Cada grupo possui um "núcleo" (uma média de 5 servos) e um coordenador, que são responsáveis pela preparação da reunião do grupo. Por sua vez esse coordenador de GOU está ligado a mim como coordenação arquidiocesana do Ministério Universidades renovadas em Juiz de Fora, que estou ligada à coordenação diocesana da RCC em JF e também a coordenação estadual do Ministério Universidades Renovadas. E assim vai se criando a cadeia de relações a nível estadual e nacional.⁴⁸

O organograma abaixo representa de maneira sintetizada como funciona, em parte, essa estrutura:



⁴⁷ Entrevista fornecida em 5/9/2005.

⁴⁸ Entrevista fornecida em 13/6/2007.

De acordo com Gislene, atual coordenadora diocesana, a coordenação do MUR tem duração de dois anos. Assim, sua permanência enquanto coordenadora termina em 2008. Ela explica que a coordenação em que Tiago esteve à frente era formada por uma equipe de oito pessoas, das quais duas foram escolhidas por ele. Destas, Inez Pimenta, Coordenadora Nacional do Ministério de Promoção Humana da RCC, a escolheu. Contudo, Gislene comenta que pretende incentivar uma eleição para a próxima coordenação. Ela observa que assim, as pessoas terão mais vínculo com o coordenador, pois, segundo a depoente “as pessoas passarão por um período fazendo orações e Jesus colocará em seus corações quem deverá ser a pessoa mais adequada a assumir a liderança.”⁴⁹

Segundo o site das Universidades Renovadas de Juiz de Fora, o GOU foi tomando forma e já em uma das primeiras reuniões de núcleo que aconteceu na capela do escritório da RCC, “Deus lhes dava uma profecia que os marcou muito: “Não quero seis diante do sacrário, mas seis sacrários vivos na universidade”. Já em 1997, com Flavinho (farmácia) como coordenador, o Projeto Universidade Renovadas (PUR) foi começando a se fixar e conforme suas palavras “o tempo era de preparar a terra, para que outros plantassem e outros colhessem os frutos”.⁵⁰ A partir daí, o GOU começava a participar de iniciativas nacionais e marcando presença em encontros como II EEUCC (Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos) e também nos EEUCC’s que se sucederam, não querendo com isso dizer que não houveram tentativas frustrantes como a tentativa de formar um GOU na Faculdade Vianna Júnior e na Educação Física, que aconteceram, mas em apenas um semestre. Gislene demonstra que, mesmo com o PUR de JF já em crescimento, o número de servos ainda era pequeno e comenta que:

[...] em uma reunião na casa da Elaine, Deus mostrava através de uma passagem o que ainda faria aqui, a promessa de Deus era de expandir o projeto, algo difícil de imaginar naquele momento, diante daquelas dificuldades... Deus, mesmo nas limitações do projeto, nos incentivava a entrar em contato com outras realidades, e unir as forças e assim, em 2000, aconteceu o Encontro Regional do PUR em JF, que foi aqui nesse mesmo lugar que estamos hoje, no CES/Academia, e integrou as cidades de Ouro Preto e Viçosa. Apesar de ser um encontro regional o número de participantes foi pequeno, eram 37 pessoas, uma primeira iniciativa que pode até parecer sem muito sucesso mas que trouxe muitos frutos para o PUR JF. Nesse mesmo ano também aconteceu a troca da coordenação diocesana, a coordenação passa para o João Netto, estudante de engenharia elétrica. A eleição mais interessante que já vi, durante a reunião ele foi ao banheiro e quando voltou tinha sido indicado por unanimidade para ser o continuador dessa missão. Brincadeiras à parte, foi com a unção de coordenador que Deus o conduzia a algumas iniciativas

⁴⁹ Entrevista fornecida em 15/8/2007.

⁵⁰ Disponível em <http://jf.pur.com.br/hist>. Acesso em 17/4/2007.

dentro do Projeto. Em final de 2001 o núcleo dos GOU's foi dividido, já que antes era uma reunião só para preparar os todos os GOU's. Também nesse período foi estruturado o núcleo arquidiocesano do projeto em que Patric e Tiago estavam com o João.⁵¹

Em entrevista, Gislene acrescenta que quando criado, o GOU era a forma de expressão do Projeto Universidades Renovadas, que era ligada a Secretaria Marcos (responsável pelos jovens dentro da RCC). Depois, em 1998, a RCC viu a necessidade de criar uma secretaria só para cuidar dos universitários que já ganhava grande proporção. Então, criou-se a Secretaria Lucas⁵², que atualmente passou a se chamar Ministério Universidades Renovadas, depois de uma transformação na organização interna da RCC que transformou as secretarias em Ministérios. Conforme esclarece a depoente, “não existe o GOU sozinho, ele é a expressão, a forma mais viva do Ministério Universidades Renovadas se expressar. O GOU é parte de um projeto mais amplo.”⁵³

O movimento é formado basicamente por “universitários, pré-universitários, professores e profissionais que buscam algo mais da vida, dos estudos, da profissão. [...] pessoas que acreditam em Deus não apenas como um conceito abstrato, mas como alguém capaz de transformar-nos a todo o instante, e que insiste em colocar um sonho louco em nosso coração: o sonho de transformar o mundo, unindo a fé e a razão.”⁵⁴

Essas palavras, como também a maior parte dos depoimentos expostos, vão ao encontro à questão da “providência”. “Um Deus capaz de transformá-los”, um Deus que “coloca um sonho louco no coração desses jovens” e que a partir da coragem desses, basta contar com a “providência divina”.

Ao procurar compreender as implicações religiosas da TV Canção Nova em optar por não se fazer inserções publicitárias, Braga (2004, p. 115) parte inicialmente da definição de “providência”. Conforme o autor, a “providência” na Canção Nova é o reconhecimento de “que para os membros desta Comunidade a TV é um projeto de Deus, guiado por sua vontade, à qual eles devem se entregar e obedecer.” E é essa entrega e obediência que corresponde à possibilidade de que Deus se encarregará do necessário.”

⁵¹ Disponível em <http://jf.pur.com.br/hist>. Acesso em 17/4/2007.

⁵² O nome “Secretaria Lucas” dado a secretaria relacionada aos universitários foi escolhido, conforme o site, “por ter sido ele um discípulo zeloso de São Paulo; por ter escrito o evangelho que leva seu nome e a carta Atos dos Apóstolos; por ter tido a oportunidade de estudar mais em sua época, e se tornar médico.” Cf. <http://www.universidadesrenovadas.com/historia>. Acesso em 25/6/2007.

⁵³ Entrevista fornecida no dia 13/6/2007.

⁵⁴ Disponível em <http://jf.pur.com.br/hist>. Acesso em 17/4/2007.

Desse modo, também agem os jovens do GOU. Ao realizarem alguma atividade deixam em evidência que foi um pedido que “Deus colocou em seus corações”. O “Projeto Campinho”, que será exposto adiante, é um exemplo para eles da “providência”. Segundo os entrevistados, “Deus colocou em seus corações que era hora de fazer algo mais pelas pessoas necessitadas e depois de dias orando e refletindo, tiveram a resposta de Deus. No entanto, não sabiam um local onde poderiam desenvolver o projeto. E mais uma vez, contando com a providência, Deus os mostrou as pessoas que poderiam direcioná-los para uma localidade adequada, em que seria possível desenvolvê-lo.”

As reuniões do GOU, que serão vistas com maior detalhe no item seguinte, têm duração de aproximadamente cinquenta minutos, não devendo ultrapassar uma hora⁵⁵, e são constituídas geralmente por uma média de quinze pessoas. Na UFJF, os GOU's estão distribuídos entre as unidades de ensino Centro de Ciências da Saúde (CCS), Faculdade de Economia e Administração (FEA), Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Ciências Humanas (ICH). Cabe mencionar que além dos grupos de oração nas Universidades, esses jovens promovem palestras, retiros, cenáculos⁵⁶ e encontros a nível estadual (EEUCC – Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos), regional (ERUCC – Encontro Regional de Universitários Católicos Carismáticos), nacional (ENUCC – Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos) e o que há de mais moderno ao se tratar de encontros que é o EVUCC (Encontro Virtual de Universitários Católicos Carismáticos).

De acordo com site oficial das Universidades Renovadas, o MUR (Ministério Universidades Renovadas) consiste em formar Grupos de Oração nas Universidades para que o aluno seja capaz de compreender os planos de Deus na sua profissão e a exerça com dignidade, com ética, com respeito ao ser humano e certeza de que é preciso mudar. “É preciso avançar, buscar verdadeiramente os ensinamentos de Deus e construir definitivamente a civilização do amor no nosso país.”⁵⁷ Demanda a algum integrante que almeje entrar para a política, como mencionado anteriormente.

⁵⁵ Diferente dos grupos de oração realizados nos templos que têm em média duração de duas horas.

⁵⁶ São grandes encontros realizados em locais públicos, geralmente ginásios ou estádios. Segundo Prandi e Souza, em São Paulo, aos moldes das igrejas pentecostais, a Renovação Carismática Católica aluga o estádio do Morumbi, onde demonstra sua força, o que pode ser comparado às velhas procissões. Cf. PRANDI, Reginaldo e SOUZA, André Ricardo. A carismática despolitização da igreja católica, p. 68.

⁵⁷ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/historia>. Acesso em 15/6/2007.

1.3 - O Espírito Santo no espaço laicizado: os rituais no GOU

Mediante as colocações feitas até o momento, serão explicitadas algumas características ritualísticas do GOU, ressaltando-se de início que são consideravelmente distintas das reuniões de oração realizadas nas paróquias. É inegável que seguem o mesmo modelo ritualístico, mas com dispositivos que alteram essa dinâmica.

Conforme Nóbrega (1996), “os ritos carismáticos são essenciais para se conferir uma unidade aos seus grupos e para que se possa admitir a possibilidade de, mesmo com diferenças visíveis na organização e constituição de cada um deles, possa se falar em uma identidade católica carismática, com alguns de seus traços importantes representados por eles.” O fato ganha dimensões maiores por ser o GOU um representante da RCC e, concomitantemente, da Igreja Católica em um espaço que a princípio não parece de maneira alguma apropriado para a realização desses encontros.

Deve-se ressaltar, como observa Nóbrega (1996), que embora outros movimentos católicos já estivessem direcionados ao espaço universitário, como as pastorais universitárias ou mesmo a Juventude Universitária Católica⁵⁸ (JUC), os Grupos de Oração Universitários têm atividades construídas e ressignificadas de uma maneira bem distinta daquelas.⁵⁹

De acordo com Prandi e Pierucci (1996, p. 60), a Juventude Universitária Católica teria se envolvido com movimentos de esquerda, que eram organizados em grupos de leigos e que reuniam estudantes, operários e camponeses setorialmente. Seus quadros eram renovados e readaptados de acordo com os objetivos de luta, que davam ênfase especial à luta por maior justiça social.⁶⁰ Em contraposição, ao menos teoricamente, a RCC e, conseqüentemente o GOU, estão mais preocupados com a questão espiritual. Situação que vem sofrendo profundas mudanças atualmente.

Os encontros acontecem nas salas de aula em horários dos intervalos de turnos e em dias variados durante a semana, o que dá uma oportunidade maior para as pessoas participarem devido à dificuldade de horários. A maioria dos encontros acontece de portas

⁵⁸ De acordo com Prandi e Souza “[a] Ação Católica brasileira, reorganizada no final dos anos 50, passou a atuar muito próxima da atividade universitária, onde está presente mais tarde a ação popular. A Juventude Universitária Católica se envolveu com os movimentos de esquerda e passou por rápida radicalização e, conseqüentemente, por constantes conflitos com a hierarquia.” PRANDI, Reginaldo e SOUZA, André Ricardo. A carismática despolitização da igreja católica, p. 61.

⁵⁹ NÓBREGA, Adilson Rodrigues da. Carisma e razão: um olhar sobre as práticas católicas carismáticas de estudantes nas universidades cearenses, mimeo. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia do Grupo de Trabalho – Religião em espaços públicos: escolas, universidades e prisões, 1996.

⁶⁰ Esta questão exige muito mais aprofundamento, no entanto, não é o objetivo do presente trabalho e fica, por esse motivo, restrita ao que foi descrito acima.

aberta, com músicas e coreografias. Essas de maneira um tanto quanto discretas, envolvendo mais gestos com as mãos.

Antes de iniciar o grupo de oração é afixado na porta um banner com o símbolo do “MUR”.⁶¹ As pessoas vão chegando, cumprimentando-se, recebem uma “lembracinha” com uma mensagem e os responsáveis sempre aproveitam o momento para enfeitar o quadro, geralmente com o símbolo do projeto das Universidades Renovadas e com alguma frase de boas-vindas, uma mensagem para reflexão ou mesmo um lembrete a respeito de algum trabalho que deverá ser desenvolvido naquela semana, como um festival, um retiro ou um encontro. Decorar as salas com ícones sagrados não acontece em encontro algum, mesmo porque o tempo não é suficiente.



Figura 1 - Símbolo do Ministério Universidades Renovadas (MUR). Disponível em <http://jf.pur.com.br/>.



Figura 2 - “Mascote” do Ministério Universidades Renovadas (MUR), o “Luquinha” é muito utilizado durante as reuniões e eventos do Grupo de Oração Universitário (GOU). Disponível em <http://jf.pur.com.br/>.

Geralmente as reuniões de oração são iniciadas com uma música de louvor a Nossa Senhora ou ao Espírito Santo.⁶² Todos os encontros são realizados com muita alegria, músicas e momentos de abraços e mãos dadas. Sempre em círculo e, geralmente, com os olhos fechados começam a louvar com cânticos num misto de emoção e intimidade com o sagrado. Ao evocarem ao Espírito Santo para que esteja entre eles naquele momento, vão se embalando ao som de músicas⁶³ como a de Pe. Zeca “vem, vem, vem, Espírito Santo. Transforma minha vida, quero renascer. Quero abandonar-me em Seu amor, encharcar-me em Seus rios, Senhor, derrubar as barreiras em meu coração.”⁶⁴ Ou músicas que demonstram suas fraquezas, a necessidade da presença do Espírito ou/e a submissão à vontade de Deus como “vem

⁶¹ O símbolo do Ministério das Universidades Renovadas é um globo terrestre com as mãos postas como que em oração e um capelo (chapéu usado pelos formandos universitários na cerimônia de colação de grau). Em muitos eventos e propagandas esse símbolo ganha a forma de um jovem universitário.

⁶² Com relação ao culto aos santos, Gislene observa que para eles os santos são tidos como exemplos de vida. A essência é, segundo a depoente, o Espírito Santo. Entrevista fornecida em 20/7/2007.

⁶³ Com relação à disponibilidade das letras das músicas, conferir o site: <http://padre-zeca.letas.kboing.com.br/artista>. Acesso em 15/7/2007.

⁶⁴ Música de Pe. Zeca.

Espírito,vem Espírito, sozinho eu não posso mais, sozinho eu não posso mais viver. Eu quero amar,eu quero ser, aquilo que Deus quer. Sozinho eu não posso mais, sozinho eu não posso mais viver.”⁶⁵

Após cantarem em média duas ou três músicas, todos são convidados a darem às mãos e fazerem alguma oração, que varia dependendo de quem está conduzindo o encontro. Antes que o/a responsável pela reunião inicie, todos fecham os olhos, erguem a mão na direção daquela pessoa em um pedido de intercessão do Espírito Santo. O que, segundo explicação de alguns participantes em conversa informal, é o momento em que o Espírito Santo se manifesta e vem transmitir sua mensagem para aqueles jovens.

É efetuada a leitura de alguma passagem bíblica, geralmente fazendo um paralelo com suas questões da subjetividade.⁶⁶ Esse momento da leitura é o momento da pregação, aqui são abordados temas como o poder de Jesus, as fraquezas pessoais, a falta de fé, o cansaço diante das dificuldades, problemas no namoro, mudanças nas atitudes, sobre a necessidade do Espírito Santo para que seja possível unir fé e razão. Em seguida, uma reflexão sobre a mesma, em que mais uma vez pede-se para que todos fechem seus olhos e reflitam sobre suas vidas, fazendo uma analogia com o que o “Espírito Santo” os disse por meio de um interlocutor naquele momento. Esse é um dos poucos momentos em que é possível presenciar pessoas chorando.

Em seguida, é pedido que todos fiquem de pé, embalam-se e batem palmas ao som de uma ou duas músicas. Em alguns encontros, é sugerido que os participantes fiquem de pé e proclamem orações pessoais, ou seja, que conversem com Deus, em voz alta e que louve, que faça seu pedido ou apresente seu problema diretamente a Deus.

Após esse momento, é dedicado um tempo para que, caso alguém queira, partilhar algo. É comum falarem sobre alguma dificuldade que estavam em alguma disciplina e foi solucionada, algum amigo ou familiares com problemas de saúde. Também é comum dizerem coisas do tipo: “eu estava com os olhos fechados e Jesus me dizia que...” É finalizada então a reunião onde todos se abraçam ainda no círculo, o que chamam de “abraço coletivo” ou “abração”.

⁶⁵ Música de Jorge Ferreira.

⁶⁶ O que não quer dizer que tratem de outras questões como em uma pregação em que o condutor da reunião dizia: “Eu preciso de ti, senhor. Eu preciso do teu Espírito. Sem o Espírito Santo eu não consigo unir a fé e a razão. Eu não consigo viver a fé na universidade. Eu não consigo ser o que você sonhou para mim. Por isso eu preciso do Espírito Santo.” (P.B.)



Foto 1 - Grupo de Oração Universitário (GOU). Observa-se ao fundo o banner com o símbolo do MUR. Disponível em <http://jf.pur.com.br/>.

Analisando essas reuniões na Universidade, é possível observar uma grande preocupação com a vida dos jovens carismáticos. Geralmente as pregações estão ligadas às dificuldades e ao cotidiano dos mesmos, tanto com relação à vida acadêmica quanto com as questões pessoais ou familiares. Em uma das pregações, na qual todos estavam assentados em círculo e com os olhos fechados, a pessoa que conduzia a reunião, em um determinado momento da reflexão observou:

[...] o que Deus tem de maior glória para você? [...] A misericórdia, o amor, o companheirismo? Seja o que for, dê glórias à Deus, pelas premissas em sua vida, pelas pessoas que são canais da graça de Deus, as pessoas que te trazem alegria, as pessoas que você olha para ela e enxerga Jesus, as pessoas que dificultam seu caminho, mas que de alguma forma também te levam à Deus, porque te ensinam a ser mais paciente, a escutar mais, a se controlar. O que mais seu coração fala para você. Obrigada senhor, pelos professores que dificultam a minha vida, que é difícil conversar, que é difícil chegar num consenso. Obrigada porque eu sei que o senhor ensina alguma coisa através disso. Obrigada também por aqueles que nos ensinam tanto, que são nossos amigos, tão compreensivos. [...] Eu preciso de ti, senhor. Eu preciso do teu Espírito. Sem o Espírito Santo eu não consigo unir a fé e a razão. Eu não consigo viver a fé na Universidade. Eu não consigo ser o que você sonhou para mim. Por isso eu preciso do Espírito Santo. Vem Espírito Santo sobre os meus pensamentos, sobre as minhas dificuldades. Vem Espírito Santo me ensinar a estudar, a ser filha, me ensinar a ser companheiro, vem Espírito Santo, em cada pedacinho da minha vida. (P.B.)

Compreende-se aqui que há uma preocupação com a questão pessoal. O outro que em determinado momento traz ou é obstáculo na vida do indivíduo, acaba por ser considerado um ensinamento de vida. Os problemas, as dificuldades, são para eles algo que Deus coloca em seus caminhos para lhes dar algum ensinamento. Aliás, isso é em vários momentos destacado.

Contudo, é interessante analisar uma parte de outra pregação em que também fica visível a questão da ênfase no cotidiano. Uma universitária do curso de psicologia que realizava a pregação, utilizando como base o livro de Isaías comenta:

[...] quando as coisas estão muito confusas, a gente diz que parece que cortaram fios e foram enrolando a nossa vida e não sabemos mais desenrolar, já não sabemos mais por onde começar. Se começamos pela faculdade, pela vida espiritual, no namoro, na família. Por onde começar a organizar? [...] A gente se enrola tanto, porque é tanta coisa para ser cuidada, que muitas vezes é difícil darmos conta. Nesse sentido podemos pensar como Deus deixou isso acontecer? Sabe aquele pai que de repente o filho faz um monte de besteira e ele está sempre ali, segura, e não deixa o filho perceber as conseqüências dos próprios atos? Se o filho fizer sempre as mesmas coisas e ele for deixando, o filho nunca vai aprender, nunca vai crescer. Ele vai ser sempre um filho que não sabe caminhar sozinho. E quando a gente fala que nossa vida está muito enrolada, Deus permite que a gente dê um rumo à ela. Ele está vendo tudo, mas ele permite que cada um perceba bem. A gente tem um Deus de verdade. Então cada um tem que ver os seus atos e as suas conseqüências. Para que a gente cresça e aprenda o que é melhor e o que é pior, como deve agir. Porque muitas vezes é como se a gente olhasse para Deus e se sentisse cansada de olhar para o alto e achar que ele não está respondendo. Mas muitas vezes a resposta dele é de guiar, mas sem que a gente esteja obedecendo. Guiar-nos, mas de uma maneira que ele deixa caminhar e quando vemos, nos deparamos com o que nós mesmos fizemos. Para onde nós mesmos nos conduzimos. (N.M.S., curso de psicologia)

A organização da vida de acordo com os “designios” de Deus, uma vida organizada mediante a presença de Deus, é significativa para os integrantes do GOU. Para eles, se isso não acontece, é porque Deus teria dado a liberdade e nesse caso cabe somente a cada um saber como agir ou qual o melhor caminho a seguir. No entanto, a jovem continua dirigindo a reunião e observa:

[...] Devemos confiar em Deus, mesmo quando a gente não consegue se organizar. (...) Esse literalmente confiar em Deus no sentido de estar com ele. Cada um sabe o poder que Deus tem de tirar nossa vida da tumba vazia. Por mais que a nossa vida esteja confusa, por mais que muitas vezes a gente não esteja conseguindo ouvir a Deus. Muitas vezes até ouvimos mas não conseguimos nos organizar. Então parece que o poder de Deus não consegue te alcançar. Por mais que tudo isso esteja acontecendo, não interessa como seja. Não interessa o não enxergar a Deus. Se eu não estou morto, se o Espírito de Deus já me resgatou, e eu estou vivo, cabe a mim louvá-lo. [...] Vamos sair dos nossos pedidos, dessa nossa tendência de estar sempre às voltas com nossos pedidos, com nossos próprios sentimentos. [...] Sair de nós mesmos para louvar à Deus. E como é difícil isso para gente. Quando na verdade a única maneira de caminhar, sem se apertar tanto, é olhando para Ele, louvando à ele. Estamos em um tempo de desânimo, de não ter vontade de rezar. E é nesse tempo que a gente precisa de mais fidelidade. É preciso sete vezes mais fidelidade do que você tinha antes. Então, nesse tempo de fogueira, de deserto, nesse tempo de até estar com Jesus, mas sentir que alguma coisa está faltando, de ter muita coisa para resolver e você não está dando conta e sentir que está deixando o tempo passar. É nesse tempo que a gente vai parar e pedir que Deus nos ensine sua fidelidade, com a insistência de que realmente nos ensina a ser fiel. [...] Então por que é que a gente vai cair? Caímos, infelizmente. Mas mesmo na queda, justamente quando cairmos é

que vamos perceber o quanto há necessidade de lutar mais, ser mais fiel. E quando você se sentir na fogueira... Louve, louve por tudo. Louve pelo deserto. Pelo que não está conseguindo ouvir, mas que ele vai te fazer ouvir. Entender o ser fiel. Não o desânimo e o reclamar para Deus, com aquele olhar de “coitadinho”, não estou agüentando mais. Mas olhar para Deus e dizer: faz-me mais fiel, me ensina sua fidelidade, me faz sete vezes mais fiel. (N.M.S., do curso de psicologia)

Novamente é possível depararmos com a “providência”, assunto tratado anteriormente. A pregadora ressalta que por maior que seja o problema, mesmo que “a nossa vida esteja como uma tumba vazia”, se há confiança em Deus é possível superar qualquer obstáculo. A entrega e a obediência descritas por Braga, ao falar da providência divina (BRAGA, 2004, p. 115), são o “ser fiel” sugerido na pregação acima, e é justamente o que corresponde à possibilidade de que Deus se encarregará do necessário. É uma entrega/confiança e o restante será feito por Ele.

Ao mesmo tempo em que é marcante a presença da “providência” nas reuniões, chama a atenção o fato de que nesses grupos não é comum a prática da glossolalia, ou seja, o ato de orar em línguas, diferente da maioria dos encontros que acontecem nas paróquias ou no grupo de oração universitário pesquisado por Adilson Nóbrega na Universidade Federal do Ceará.

Conforme esse autor (NÓBREGA, 1996), em todos os encontros manifestava-se a glossolalia, “uma das atitudes que parecia chamar a atenção dos ‘estranhos’.” Para Luís Stadelmann (2004, 51), os membros do movimento de renovação carismática procuram reavivar esse dom pelo contato com as fontes da vivência bíblica das comunidades apostólicas.

Padre Severino Falvo (1976, p. 56-57) esclarece que a glossolalia, ou o dom de línguas é, sobretudo, uma oração, feita em língua desconhecida, que se faz a Deus. Não é um discurso dirigido à comunidade. “Consiste em dizer frases sem conhecer-lhes seu significado.” Conforme o autor, “[é] forma de glorificação, não de pregação.” No momento em que o “glossólogo” ora em línguas, o autor explica que este não fica estático e nem entra em transe. Continua no pleno domínio de suas faculdades e sabe perfeitamente o que está fazendo.

O fato de não praticarem esse “dom” nas reuniões de oração da Universidade justifica-se, segundo alguns integrantes do grupo, pelo fato de que muitas pessoas que vão para o grupo de oração não estão acostumadas e isso pode causar espanto e até mesmo afastá-las. Conforme comenta um depoente:

[...] pessoas que não conhecem a renovação carismática, que não são contra, mas que nunca experimentaram, acabam ficando assustadas. A igreja não proíbe e somos abertos a fazer isso, mas é uma questão de cuidado. Nós temos aqui pessoas

de vários tipos. É um espaço universitário, não estamos dentro de uma igreja. A estrutura do grupo de oração é da renovação, então tem que ser feito isso, mas com cuidado. (V.F.S., Ciência da computação)

Segundo o depoente, apesar de, geralmente, não acontecer essa prática nos grupos, a mesma não é proibida pela Igreja, mas aconselha-se certa cautela. A ausência da oração em línguas nos encontros realizados nas Universidades também é justificada pela questão do tempo, onde, conforme observado, há menos de uma hora para esse momento de oração. De acordo com F.A., aluno do curso de medicina:

[...] o dom de línguas não acontece, não sei se por causa do tempo, por ser mais prático, [...] a oração ser mais curta, mais direcionada. [...] Geralmente é muito corrido. Ou não sei também se é viável. De repente podemos começar a orar em línguas e não sabemos se as pessoas que vêm aqui estão preparadas. Nós não chegamos ainda a um consenso de como fazer. (F.A. Medicina)

Contudo, F.A. deixa clara a importância dessa prática no grupo de oração universitário e acredita que deveria ter. I.R. faz uma observação de que mesmo não ocorrendo essa prática nos grupos, na reunião de núcleo que antecede essa reunião e é realizada na casa de um dos integrantes, pratica-se a glossolalia e é inclusive o momento em que muitas vezes é decidido o que será falado nas reuniões do GOU. Segundo I.R., aluna do curso de biologia:

[...] oramos em língua na reunião de núcleo. É uma coisa que o espírito santo suscita. Essa é nossa crença. Mas temos que ter alguma cautela, muitas pessoas não conhecem e seria bom elas vivenciarem um pouco da oração e deixar que o próprio espírito santo vá conduzido-os a um momento como esse. A gente reza para que Deus fale conosco aquilo que ele quer falar para as pessoas no grupo de oração. É uma reunião de núcleo onde pedimos para o espírito santo e aí começamos muitas vezes a orar em línguas porque todos ali já têm uma vivência daquilo. Isso é comum e muitas vezes nos ajuda a levar a Deus. Nessa reunião, o que Deus fala em uma pessoa confirma na palavra de outra. Deus vai confirmando o que ele tem para dizer na reunião com as outras pessoas. (I.R. Biologia)

Com relação às reuniões de núcleo comentadas acima, Gislene explica que são realizadas de acordo com a disponibilidade de tempo de cada grupo. Alguns aproveitam até mesmo os momentos de intervalo, ao passo que alguns conseguem uma disponibilidade de tempo maior, o que, segundo a depoente é o mais indicado. Conforme Gislene:

[...] nela o núcleo reza pelo GOU, faz uma oração, pede o espírito santo para dar o direcionamento para a próxima reunião do grupo de oração. Faz-se um momento de escuta, onde cada membro fica atento ao que Deus tem a lhe “revelar” e, em seguida, todos partilham sobre a oração, e juntos vêm o que em comum cada

membro “sentiu” para a reunião, escolhem uma das passagens reveladas para ser o tema central do grupo e aí dividem as funções para a próxima reunião, como quem vai pregar, quem vai animar o grupo, tocar violão, quem vai fazer as lembrancinhas... essas coisas.

Em outros momentos, nessas reuniões de núcleo, também o grupo se reúne para partilhar sobre sua vida, o que estreitam os laços de fraternidade entre os membros e também para buscar formação.⁶⁷

Da mesma maneira que na etnografia de Nóbrega, nas reuniões do GOU na UFJF, as manifestações emocionais não são tão intensas. É evidente que em alguns encontros algumas pessoas choram, mas em encontros fora da Universidade, como retiros, a emoção é vivida com muito mais intensidade por esses jovens. A justificativa, provavelmente pode ser análoga à da prática da glossolalia. A reserva por ser um ambiente laico e o tempo de duração das reuniões, que não ultrapassa uma hora.

No entanto, Danièle Hervieu-Léger (1997, p. 33) adverte para o fato de que a “intensificação da dimensão expressiva da vida comunitária não implica necessariamente que esta expressão tenha um caráter efervescente muito marcado”, no entanto, dão um valor especial ao engajamento do corpo na oração e a manifestação física e afetiva das relações entre os membros (beijos, abraços, mãos dadas, mãos no ombro) são altamente intensificadas.

Diante das questões colocadas, fica a dúvida se não há resistência por parte dos universitários de modo geral ou mesmo por parte da própria instituição. Haja vista que a Universidade é um espaço laico e racionalizado onde a diversidade é grande e o fundamento principal é a razão.

Gislene comenta que no início, a reitoria da Universidade não aceitava e eles funcionavam “meio escondido”. Segundo a depoente: “nós entrávamos em alguma sala que encontrávamos aberta e fazíamos nossa reunião. Nessa nova reitoria, Dom Paulo, Tiago e outros jovens se reuniram com a direção e passaram a funcionar com a aceitação da Instituição”.⁶⁸ Da mesma maneira, ela explica que o GOU na Faculdade Universo não está funcionando por não ter espaço liberado.⁶⁹

Reconhecendo-se como “diferentes” e admitindo que o fato de atuarem na Universidade incomoda a terceiros, F.A. destaca que as críticas, ora leves ora importunas, existem. No entanto, a resposta do grupo, segundo os entrevistados, sempre foi o silêncio e a oração. Assim, comentam que querem a paz e não a desavença.

⁶⁷ Entrevista fornecida em 20/7/2007.

⁶⁸ Entrevista fornecida em 20/7/2007.

⁶⁹ Entrevista fornecida em 20/7/2007.

Um episódio que ocorreu durante um período em que minha pesquisa de campo estava sendo realizada foi a circulação de cartazes na Universidade divulgando a criação do “GOSU”, Grupo de Oração Satânico Universitário. Nesses cartazes havia uma foto do Papa João Paulo II que trazia no peito um cordão não com um crucifixo, mas com uma suástica.⁷⁰ Conforme V.F.S., alguns integrantes sugeriram que se entrasse em debate com o grupo por estarem se sentindo agredidos nesse episódio. Contudo, optaram pelo silêncio e aos poucos os “integrantes” GOSU foram deixando de afixar os cartazes nas dependências da Universidade.

No entanto, F.A. comenta que apesar das críticas, muitos colegas os procuram para pedir um conselho ou mesmo uma oração. Segundo o depoente, alguns passam até a freqüentar o GOU, mas não é algo comum. O fascinante aqui é perceber que esses jovens passam a se tornar “especialistas de espiritualidade” ou “amigos conselheiros” em um espaço laico. Pode-se dizer que passam a fazer parte de um grupo que responde as crises do indivíduo em um local de estudo.

Embora a manifestação contra a presença de práticas carismáticas na Universidade tenha sido mais visível pelos cartazes irônicos, como citado acima, um fato deixou em evidência que as reuniões não ocorriam sempre de maneira muito “amistosa”. Em um determinado GOU, que aconteceu por volta das 17 horas de uma quarta-feira, o violão foi tocado em tom bem baixo e foi pedido para que todos cantassem mais baixo, pois havia tido reclamações de que as músicas incomodavam, pois, mesmo não sendo em horário de aula, a sala onde se reuniam naquele horário localizava-se próxima à biblioteca. No próximo encontro do grupo naquele local, nem violão teve mais.

No entanto, as reuniões continuaram. Dependendo da sala, somente cantos sem instrumento musical, o que para eles não parecia fazer tanta diferença assim, pois a satisfação no rosto de cada um parecia a mesma. As palmas foram trocadas por dedos estalando. E o comentário da pessoa responsável pelas músicas: “ficou até mais bonito”, demonstra que esses jovens estão dispostos a enfrentar as dificuldades.

Analisando todos esses acontecimentos e refletindo sobre o fato de que os integrantes do GOU têm como objetivo unir fé e razão, pode-se questionar por que ao entrar em contato com um meio acadêmico, esses jovens vão em busca de um movimento religioso. Qual motivo os faria trocar um tempo em que poderiam estar em uma festa, em uma academia ou estudando, para estarem preparando uma reunião de oração, um evento ou estarem em uma

⁷⁰ Símbolo que faz referência ao partido nazista.

sala de aula, não estudando, mas louvando. Por que esse interesse e o que buscam na realidade?

Eduardo Gabriel analisa que é bastante comum, na Universidade Federal de São Carlos, o envolvimento de pessoas que já possuem uma vivência religiosa carismática antes de ingressar na Universidade. Isso leva a pensar que o fato de terem uma experiência anterior redonda no desejo de não perderem seu direcionamento por estarem longe de casa. No entanto, a resposta da coordenadora diocesana do Ministério Universidades Renovadas em Juiz de Fora foi objetiva com relação a procedência da maioria dos integrantes: “Com certeza a resposta é não! São em minoria casos como este de pessoas que vem de família participante da RCC, digo para você que são raríssimos. Não é difícil que venham de famílias católicas, afinal é a maior religião do país ainda.”⁷¹

Contudo, a resposta para esta questão do “por que a busca pelo GOU?” não foi diferente da encontrada por outros estudiosos⁷². Em conversas informais ou em depoimentos, o que se constata é que este movimento é tido por seus integrantes como uma base, uma possibilidade de reconstrução de laços familiares, como também são vistas pelos jovens as “comunidades de vida”⁷³, onde sempre que procuram algo, como um carinho, apoio, encontram. As palavras de F.A. descrevem bem isso:

[...] em um determinado momento me achei sem rumo, sem saber o que estava querendo e fazendo coisas que não parecia que era eu. Mudanças de atitude e de pensamento. [...] Buscar o GOU foi procurar algo que não sabia bem o que, mas que encontrei. [...] meus amigos são daqui (GOU) minha base está aqui. Minha espiritualidade vem do GOU. [...] mesmo com tanta informação na cabeça, não deixar que nossos valores passem por causa da Universidade. O gou é minha família. Quero estar o tempo todo com eles. (F.A. Medicina)

Um outro exemplo para demonstrar qual a importância do GOU para esses universitários está no depoimento de I.R.:

[...] o GOU é o meu suporte, foi onde eu tive a minha primeira experiência de Deus, mais profunda. Na Universidade eu conheci a Deus. Como muitas vezes na Universidade as pessoas se afastam de Deus, comigo foi o contrário. Por esses e outros motivos eu vejo o zelo de Deus comigo, me dando estas pessoas. [...] É a

⁷¹ Entrevista fornecida por Gislene em 20/6/2007.

⁷² Cf. GABRIEL, Eduardo. A Evangelização Carismática Católica na Universidade: o sonho do Grupo de Oração Universitário, p.63-84, NÓBREGA, Adilson Rodrigues da. Carisma e razão: um olhar sobre as práticas católicas carismáticas de estudantes nas universidades cearenses, mimeo, 2006; MARIZ, Cecília. “Comunidades de vida no Espírito Santo”: um novo modelo de família? (mimeo), 2005.

⁷³ Contudo, a autora observa que “em geral as comunidades querem ser mais do que famílias. Elas se propõem a realizar missões que transcendem a satisfação, proteção e criação de seus membros.” Conf. MARIZ, Cecília. “Comunidades de vida no Espírito Santo”: um novo modelo de família? (mimeo),

vida em comunidade. Um ajudando o outro a crescer na fé, a ser melhor. E isso vai refletir tanto na minha vida pessoal, quanto na minha vida profissional.

Diante desses depoimentos, pode-se compreender que para muitos o grupo de oração universitário não é apenas um espaço para se buscar ou divulgar a doutrina religiosa. É um local onde também buscam apoio, haja vista que muitos desses estudantes não têm suas famílias residindo em Juiz de Fora. Lemuel Guerra observa que, em sua pesquisa, grande parte dos depoentes declarou procurar o movimento “para encontrar união, amor e companheirismo”, “para conhecer o próximo”, “para conseguir alguém”, “por causa da união, da amizade”, “por causa do amor, do carinho e compreensão que encontro”. Esta acolhida, conforme o autor é, inclusive, um diferencial da RCC em relação aos neopentecostais. (GUERRA, 2003, p. 14)

Cecília Mariz (2005), fazendo uma abordagem sobre a importância das chamadas “comunidades de vida”, não apenas como possibilidade de oferecerem proteção às famílias, mas como parte de “um modelo alternativo de convivência doméstica e familiar” analisa que para a RCC “[...] tomar a defesa da família significa [...] ser crítico à sociedade contemporânea”. Em outras palavras, significa ser capaz de doar/compartilhar/desempenhar o papel que muitas famílias, devido a crise em que vivem, não conseguem cumprir.

No caso do GOU da UFJF, talvez não seja nem a fraqueza/crise da família em si, mas a questão da ausência. Contudo, tanto as comunidades quanto os GOU's parecem fazer esse papel de preenchimento/substituição familiar, o que pode legitimar uma das motivações para a pertença a esses movimentos.

Ao ter a visibilidade do quanto esses jovens buscam no GOU as respostas para seus desejos ou mesmo um preenchimento para a ausência da família, compreende-se que vão contribuindo in loco para as transformações da Igreja Católica. Hervieu-Léger defende algo que vai nesta direção. Conforme Camurça, ao fazer uma análise sobre o pensamento da autora, observa que “[...] o desequilíbrio no eixo comunitário/ético levará a uma superestimação do comunitário (do ‘nós’) na identidade singular do grupo.” (HERVIEU-LÉGER apud CAMURÇA, 2003, p. 256-257)

Por meio dessa partilha de ideais, seja de encontrar no GOU um suporte ou concretizar o sonho de verem caminhando juntas “fé e razão”, o GOU e conseqüentemente a RCC, vem atuando em variados espaços e manifestando seus propósitos/anseios, haja visto que, segundo suas crenças, “o Espírito Santo sopra onde quer”, e mais do que nunca, parece estar soprando

em diversas esferas do espaço público e contribuindo, em maior ou menor escala para um novo ethos católico.

1.4 - Entre desafetos e adesões: a relação entre o trio Igreja Católica/RCC/GOU

Prandi e Pierucci (1996) observam que, desde sua fundação até hoje, a RCC se mantém como um movimento leigo e adotou a estratégia de adesão à estrutura eclesial da Igreja. Sílvia Fernandes (1996, p. 113) observa que no início do movimento no Brasil era comum encontrar nos grupos um padre ou uma religiosa. Contudo, atualmente são organizados e liderados pelos próprios adeptos. Segundo a autora, com a difusão do poder do Espírito Santo difundido a todos, não só o padre detém o poder, mas “todos que sejam ‘batizados no Espírito’.” No entanto, segundo os autores (PRANDI; PIERUCCI, 1996, p. 64-65), o movimento se distancia da experiência de outros movimentos leigos que a Igreja conheceu até então. Um exemplo é a JUC (Juventude Universitária Católica) já citada anteriormente.

Com tamanha transformação no interior da Igreja Católica e compreendendo que a RCC pode estar contribuindo significativamente para o retorno de muitos fiéis ao catolicismo, fica a questão de como é a participação, a relação e o acompanhamento da hierarquia da Igreja Católica no que se refere ao movimento. Para uma melhor compreensão deste sistema de relações observar o GOU será de muita relevância.

Ao acompanhar o grupo, em festas, retiros ou mesmo nas reuniões de oração feitas em salas de aula da Universidade, foi possível observar que há um acompanhamento constante por parte da Igreja Católica. Dom Paulo Francisco Machado⁷⁴, além de celebrar algumas missas para esses universitários em locais variados como, por exemplo, em retiros, e ministrar palestras em alguns eventos realizados pelos mesmos, também vem acompanhando no sentido de dar apoio a projetos desenvolvidos pelos mesmos.

Um desses casos, e que pode ser considerado como um diferencial do GOU de Juiz de Fora, é o trabalho desenvolvido em um projeto social dentro de uma comunidade denominada “Campinho” cujo trabalho tornou-se tão importante que o ideal agora é que se transforme em

⁷⁴ Dom Paulo Francisco Machado atua como bispo auxiliar da arquidiocese de Juiz de Fora no momento da pesquisa.

um projeto de Extensão Universitária. Esse projeto, que será relatado com maiores detalhes no capítulo seguinte, conta com a participação de jovens do Grupo de Oração Universitário e dos Profissionais do Reino, sendo este relacionado a qualquer profissional, independente de ter curso superior, mas que busque em seu trabalho a ética cristã.⁷⁵

De acordo com o site das Universidades Renovadas de Juiz de Fora, “[...] o Projeto Campinho é um serviço de Promoção Humana do Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora, MG, que consiste num trabalho junto a uma comunidade economicamente desprivilegiada do bairro Vila Ideal em Juiz de Fora, conhecida como “Comunidade do Campinho”. O objetivo é resgatar a dignidade humana numa ética verdadeiramente cristã, entendendo o ser humano em sua integralidade bio-psico-social.”⁷⁶ As visitas a essa comunidade são realizadas periodicamente e são realizados trabalhos que sejam de interesse da comunidade, como, visitas de médicos para falar sobre a hipertensão, pedido feito por ser constante a ocorrência dessa doença em pessoas daquela comunidade; expressões artísticas, como a música e a dança e trabalhos artesanais, atividade da qual já produzem para comercializar.

Dom Paulo declara, ao relatar que esteve em reunião com o grupo na manhã que antecedeu a entrevista, que “[...] nós hoje falamos sobre isso (projeto campinho), com a reivindicação de que isso fosse realmente integrado como uma extensão universitária. [...] inclusive, já acenamos para outras possibilidades, no sentido mesmo de extensão, de acompanhamento, de estar mais com o aluno, de ajudar o aluno nas suas dificuldades, o que depende, é claro, de todo um processo.”⁷⁷

É interessante observar nas missas celebradas por Dom Paulo para esses jovens como há certa intimidade entre eles, o que demonstra que a relação de convívio é significativa. Em suas celebrações, vai citando o nome de alguns e participa muito junto ao grupo. Há uma grande sintonia durante as celebrações entre ambos.

No entanto, ao questionar ao bispo sobre a posição da Igreja Católica em relação ao GOU o mesmo observa, primeiramente, que o GOU está inserido no movimento carismático “então a visão que a Igreja tem do movimento carismático é visão que tem do grupo de oração, ou seja, segue na mesma perspectiva. A mesma visão que temos dos grupos de oração dentro das paróquias é a que temos do grupo de oração universitário.”

⁷⁵ Disponível em <http://jf.pur.com.br>. Acesso em 3/5/2007.

⁷⁶ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com.br>. Acesso em 7/2/2007.

⁷⁷ Entrevista fornecida em 25/1/2007.

Essas palavras do bispo ilustram de maneira significativa o que Lemuel Guerra (2003, p. 3) observa. Segundo o autor, “o que temos observado é a convivência de múltiplas maneiras de conceber a identidade católica. Embora exista na instituição um alto grau de hierarquização, o que ocorre é uma luta ideológica entre diferentes concepções de Igreja, que acontece no espaço de autonomia dos bispos e padres locais.”

Oro (1996, p. 108) destaca que, no geral, a RCC constitui “um movimento nacional de leigos (não anti-clerical), cujo desenvolvimento nunca foi tranqüilo. Enquanto alguns párocos e bispos assumiram posições favoráveis, outros impediram a sua implantação em suas paróquias e dioceses.”

Boff (2000, p. 39-41) analisa que a aprovação perante o Magistério foi significativa. Os dois Papas, Paulo VI e João Paulo II, a fizeram sem muitas críticas. Este defendia o movimento dizendo que a RCC representava uma “chance para a Igreja e para o mundo”. O autor observa que concomitante a cobertura magisterial do movimento, é impressionante “o juízo globalmente positivo que lhe deram eminentes teólogos da Igreja.”

Conforme Oro (1996, p. 52) “[...] até recentemente, a CNBB relutou em adotar uma posição oficial sobre a RCC, mesmo porque não sabia exatamente qual era a posição do Vaticano sobre esse movimento nascido nos Estados Unidos que se tornou internacional, incentivado inclusive por renomados cardeais e teólogos da igreja. Ou seja, a CNBB sentia que estava pisando em um terreno escorregadio.”

Segundo Prandi (1997, p. 52), os primeiros dez anos da Renovação Carismática foram, ao mesmo tempo, de crescimento e de desaprovação, não recebendo apoio do Vaticano progressista. O autor esclarece que somente após 1978, com a ascensão de um Papa mais conservador, é que a RCC conseguiu encontrar no Vaticano o seu grande aliado.

Oro (1996, p. 108-109) observa que somente após muita insistência de alguns bispos, párocos e leigos, a CNBB enviou um questionário a todas as dioceses do Brasil. Após a análise das respostas redigiu um primeiro documento, reescrito mais duas vezes, até que finalmente veio a público Estudos da CNBB, N. 53, com as **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**.

Prandi (1997, p. 38) chama a atenção para o fato de que os ideólogos da RCC são teólogos da Igreja e há um apoio considerável por parte do episcopado brasileiro e latino-americano. Há, segundo o autor, reuniões semanais que são conduzidas por leigos. Esses, no entanto, são orientados por sacerdotes e teólogos engajados no movimento.

No entanto, Prandi (1997, p. 52) demonstra que a RCC apresenta-se como um movimento bilateral para a Igreja Católica. De um lado, como uma alternativa significativa pois, é capaz de responder à crise do catolicismo, representando a “retomada do crescimento do catolicismo em uma América Latina que se tornava pentecostal.” De outro lado, a RCC pode ser perigosa para a Igreja pelo seu fácil relacionamento com movimentos e teologias exteriores e estranhos à própria Igreja. Nesse sentido, “há o medo de que o movimento se torne independente da Igreja, devido ao seu caráter isolacionista e autônomo.”

Nesse sentido, Eduardo Gabriel (2005, p. 13) observa que:

[...] sua trajetória [RCC] no Brasil é marcada por oscilações de apoio e conflitos no próprio interior do catolicismo brasileiro. A primeira manifestação oficial da hierarquia católica só ocorreu em 1994 com o documento Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A significativa demora da manifestação da hierarquia católica brasileira dá-nos a idéia do quão cauteloso é o trato sobre a religiosidade carismática, por parte da Igreja Católica.

Trato este tão cauteloso que o próprio documento, após uma demora de mais de 20 anos para posicionar-se oficialmente com relação à RCC, procura deixar os participantes do movimento em constante obediência. Fernandes observa que face a tantas orientações, é possível supor o nível de inquietação que a RCC produz na hierarquia Católica. Da mesma maneira Oro (1996, p. 113) destaca que:

[...] o centro da controvérsia situa-se no fato de que se trata de um movimento religioso que põe em evidência, expõe, as diferentes e contrárias posições ideológicas, doutrinárias e pastorais existentes no episcopado brasileiro. Por isso mesmo, enquanto os setores preferencialmente progressistas consideram a RCC um movimento descompromissado com a transformação da sociedade e desengajado com as várias pastorais, os setores moderados tendem a considerar a RCC como um “fermento renovador”, uma “graça para a Igreja”, que se traduz em maior espiritualidade, santidade e vínculo dos fiéis à igreja.

De acordo com o documento da CNBB referente as Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, a Igreja determina que “a RCC assuma com fidelidade as diretrizes e orientações pastorais da CNBB. A Coordenação Nacional da RCC terá um bispo designado pela CNBB, como seu Assistente Espiritual, que lhe dará acompanhamento e ajudará nas questões de caráter nacional, zelando pela reta aplicação destas orientações pastorais, sem prejuízo da autoridade de cada bispo diocesano.”⁷⁸

⁷⁸ CNBB: Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, documentos nº 53. Disponível em <http://www.cnbb.org.br>. Acesso em 17/6/2007.

Eliane Oliveira (2004, p. 86), ao falar do documento da CNBB “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”, observa que a relação carisma/instituição é tensa na trajetória da Renovação Carismática. No Brasil, o temor das conseqüências desinstitucionalizadoras, como o hibridismo ou as rupturas denominacionais, que o exercício livre e desimpedido do carisma poderia favorecer, caso fosse levado às últimas conseqüências, refletiu “no posicionamento disciplinar da hierarquia católica em regular e controlar as experiências religiosas consideradas ‘fanáticas’ e descomprometidas com as questões sociais do mundo contemporâneo.”

Essa atitude pode ser compreendida pelo fato de que, segundo Carranza (2004, p. 125), “o cristianismo como matriz social da cultura ocidental entra em crise no momento que não mais modela os comportamentos e as consciências dos indivíduos.” Conforme a autora isso ocorre quando outras referências, sejam elas religiosas ou não, passam a ocupar o lugar do cristianismo. É justamente por esta realidade que as instituições vêm tomando múltiplas iniciativas. Assim, tentam retomar seu papel de referência totalizante, “tanto dos indivíduos quanto dos coletivos, ao longo da história recente do cristianismo em geral e do catolicismo em particular.”

Carlos Rodrigues Brandão (1998, p. 55), ao demonstrar as várias formas de ser católico, analisa que em outras épocas as autoridades sacerdotais sustentaram lutas políticas ou doutrinárias com outras religiões ou formas eclesiais de culto. Conforme o autor, “ao longo de sua história a Igreja Católica trava, no interior do próprio catolicismo, uma persistente relação de concorrência com as formas variantes de vida e identidade católica, que tanto existem difusas entre aqueles que se recusam a viver na Igreja individualmente a sua religião, quanto se reproduzem nas diferentes modalidades populares de recoletivização do catolicismo brasileiro.”

O autor completa que são “[...] modalidades que, em parte subalternas ao poder da Igreja, em parte política e culturalmente mais determinantes na construção de uma identidade católica brasileira do que a própria Igreja, como domínio restritivamente oficial de ordenação de uma vida confessional que, afinal, pode ser de ‘todos’.” (1998, p. 55)

Uma integrante do GOU analisa que:

Somos Igreja e também somos RCC. O GOU e a RCC devem obediência à Igreja na qual estamos inseridos, é uma questão de hierarquia e respeito com a instituição na qual LIVREMENTE ingressamos e acreditamos. Caminhamos com a Igreja, o que não quer dizer que não podemos construir junto com ela. Como a maioria das instituições formadas por pessoas que vivem num tempo e num espaço, a Igreja é

mutável e formada por opiniões. Por isso também formamos a Igreja. No final somos todos partes de uma mesma frente: a Igreja Católica. O que é bonito, porque a Igreja é Una e Universal, Única e Plural. A ambigüidade não está na Igreja, que é de Cristo, que é de Todos, está na posição das pessoas, o que é muito produtivo, pois é nessa dialética que fazemos da instituição um lugar para se trabalhar a aceitação, a diversidade, o pluralismo que caminha com um mesmo objetivo!⁷⁹

Contrário ou não ao movimento, diante da posição ambígua vivida pela Igreja Católica, o que se percebe é que muitos padres, como demonstra Prandi (1997, p. 54), “deixam de se opor aos grupos de oração quando percebem a atuação dos carismáticos nas comunidades.” O autor demonstra que o próprio testemunho dos leigos vai vencendo essas barreiras e, a partir daí, os carismáticos vão recebendo credibilidade.

Mas Prandi (1997, p. 56) expõe algo que se apresenta de início como um complicador: quando padres não carismáticos são indicados para cargos como o de diretor espiritual. No entanto, o autor destaca que, não raramente, “é no próprio movimento que os padres acabam aderindo à RCC, passando a ter um envolvimento mais espiritual com o grupo, e a realizar, inclusive, missas de imersão no Espírito Santo.”

Contudo, ao fazer uma apreciação mais ampla do GOU da UFJF, dom Paulo observa que nossa sociedade possui a necessidade da formação de pequenos grupos e acrescenta que seria importante deixar de estar vivendo apenas no interior destes, pois, é o momento de se viver o verdadeiro cristão. Faz uma pequena crítica de que talvez fosse interessante que o grupo de oração universitário tivesse uma abertura maior.

De acordo com o bispo “eles ficam lá, naquele mundinho pequeno, muito contentes com aquela experiência deles [...] mas eu vejo uma esperança. Aquele projeto do campinho, eu de certa forma estimei isto no início [...] procurei encaminhar as pessoas e a coisa foi dando certo. Isto significa também que eles não estão tão fechados.”

É interessante que ao agendar a entrevista com o bispo foi possível observar certo receio ao assumir uma ligação com o grupo. A princípio chegou a dizer que não tinha ligação alguma com eles, no entanto, aos poucos o depoente foi demonstrando que realmente há um acompanhamento bem próximo da Igreja, como também uma grande simpatia por parte do bispo com os integrantes do GOU. Simultaneamente, demonstra que a própria Igreja, aos poucos, vai se adaptando a mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. Ele deixa claro que, mesmo com certa cautela, a Igreja católica está permissiva às atitudes desses universitários. O

⁷⁹ Entrevista fornecida em 30/7/2007.

que parece ser inevitável uma vez que a estrutura que foi se formando e fortalecendo, provavelmente impediria que fosse diferente.



Foto 2 - Dom Paulo Francisco Machado e alguns integrantes do GOU. Fornecida por Gislene Lacerda.

Após minutos de conversa, o bispo destaca que esse grupo possui algo que não é tão comum aos grupos carismáticos, que é justamente essa visão “para além” de uma vivência da fé e de suas crenças. Isto segue muito na direção de Novaes (2005, p. 264) que observa que “no que diz respeito particularmente à fé e às crenças, é preciso desnaturalizar pares de oposição consagrados que polarizam religião e participação política e/ou ciência e religião.”

Isto fica evidente nas atividades realizadas pelos jovens, especificamente no que diz respeito aos projetos “Campinho” e “Fé e Política”, este dando seus passos iniciais no GOU de Juiz de Fora. Segundo dom Paulo, “este grupo está refletindo sobre questão política, [...] estamos marcando uma palestra, eu vou ter uma conversa com eles. Isso nos mostra que são pessoas que estão bem inseridas na sociedade hoje, que querem ajudar se vendo no direito e no dever de contribuir com esse mundo que nós acreditamos”. Conforme Gislene, o GOU sozinho já não os satisfaz. Ele abastece para fazer com que sejam capazes de “mudar o mundo”. De acordo com a depoente: “[...] temos outros projetos. Ampliar os horizontes. O GOU foi o início.”⁸⁰

Ao analisar a grande questão a ser colocada, que é a relação entre a fé e a razão, fica evidente o ânimo que há por parte da Igreja Católica, neste sentido sendo representada pelo

⁸⁰ Entrevista fornecida em 20/7/2007.

bispo, em se depositar no GOU esse compromisso. Isso porque esses jovens parecem representar a vontade de viver a fé, mas sem se manter distante da Universidade e concomitantemente, estar na Universidade, sem perder sua fé. As palavras do bispo nos mostram que o interesse em se investir nesse potencial do grupo existe e não pára por aí. Dom Paulo deixa claro que quer mais. Que acredita, por exemplo, que o trabalho desenvolvido com o Projeto Campinho poderá ser desenvolvido em outras comunidades que necessitem.

Mas o acompanhamento do bispo ao GOU não fica somente neste âmbito. Ao utilizar as palavras de Paulo VI para citar os profissionais do reino⁸¹, Dom Paulo sugere que:

[...] nós somos os construtores do reino [...] eu chamei a atenção deles em um encontro que tivemos, dessa necessidade do cristão mostrar o seu diferencial. Não precisa ficar fazendo propaganda, jogando bíblia na cabeça dos outros, criticando a sociedade de hoje, o mundo de hoje, os seus defeitos, mas eles têm que mostrar à que ele veio como profissional, ele é um médico cristão, ele tem que ser diferente por causa da fé [...] por que ele é chamado a ser um bom samaritano. [...] ele tem de ser diferente daquilo que o mundo propôs.

Essas palavras do bispo vão ao encontro ao que propõem os “profissionais do reino”, ou seja, ser um profissional que tenha capacidade de exercer suas atividades tendo como base a ética cristã. A participação do bispo diretamente com o grupo é visível aqui. Sua preocupação com esses profissionais, ao atuar como uma espécie de conselheiro, deixa isso bem claro. Contudo, deve-se lembrar que Dom Paulo exerce também o seu papel de obediência ao documento da CNBB, de dar total acompanhamento às atividades da RCC e, é óbvio, do GOU.

É interessante, a empolgação do bispo ao afirmar que enxerga algo que esse grupo possui e que segundo ele:

[...] nos falta muito e que falta muito nas Igrejas, que é o entusiasmo. [...] nós na Igreja ficamos assegurando uma piedade e nos esquecemos do principal que é a base de tudo que é a evangelização. Eu gosto dessa alegria de viver a fé. E apesar das dificuldades isso é que é bonito, o jovem não se deixa vencer, às vezes, por certa dificuldade. Por que é uma reação muito grande. [...] quantas vezes as pessoas ficam rindo deles. [...] É bonito esse heroísmo do jovem que quer viver a sua fé. Que não entra nessa corrente do tudo igual. Esses jovens remam contra a corrente, eu acho isso bonito. Esse é o jovem que se identifica mais com Cristo.

Um fato relevante nessas palavras de Dom Paulo é que o bispo corrobora, e talvez afirme com mais segurança os dizeres dos alunos quanto a resistência encontrada nas

⁸¹ É a continuidade do trabalho desenvolvido no GOU. São profissionais que, segundo integrantes, procuram ter sua profissão vivenciada com a fé.

dependências da Universidade. Provavelmente a força para continuar e vencer esse tipo de obstáculo venha não só da fé que possuem, mas da própria Igreja, no caso, representada pelo bispo.

Presença marcante da Igreja Católica também foi no I Fórum da Juventude⁸², encontro que aconteceu nas dependências do Colégio Cristo Redentor, entre os dias 26 e 27 de junho de 2007. Deve-se atentar primeiramente para o fato de que esse foi realizado com uma parceria entre a arquidiocese de Juiz de Fora e a RCC.

Dois padres (Pe. José Luís e Pe. Danilo) assistiam à pregação no sábado a tarde quando foram convidados a irem à frente para falar um pouco sobre o Espírito Santo. Ao passo que iam caminhando para chegarem ao altar que foi montado para evento, mais aumentavam os aplausos e assovios. Ambos, ao proferirem uma locução sobre o Espírito Santo destacaram a importância do entusiasmo, do viver a fé com mais fervor e da necessidade de se ter coragem de ser um jovem cristão, católico e carismático, sem se preocupar com o que os outros vão pensar ou dizer.



Foto 3 - Padres José Luís e Danilo. Arquivo pessoal, 2007.

Para se ter uma noção da participação da Igreja Católica junto a esses jovens, a missa que aconteceu no sábado à noite durante o encontro foi presidida por cinco padres de cidades ou bairros diversificados, o que demonstra que o acompanhamento destes no movimento é significativo, obedecendo assim o que prevêem as orientações pastorais. Este documento determina, conforme comentado anteriormente, que “os Bispos e os párocos procurem dar

⁸² Esse encontro foi também da família. Um espaço ocupado pela “família” e outro pelo “juventude” Portanto, duas dependências do CES foram ocupadas para a realização do evento.

acompanhamento à RCC diretamente ou por meio de pessoas capacitadas para isso. Por sua vez, a RCC aceite as orientações e colaborem com as pessoas encarregadas desse acompanhamento.”⁸³



Foto 4 - Celebração realizada durante o Fórum. Arquivo pessoal, 2007.

Na manhã de domingo, foi realizada uma missa com Dom Eurico dos Santos Veloso, bispo de Juiz de Fora. Após, foi servido um café e, em seguida, todos voltaram ao ginásio ao som de músicas entoadas pelo ministério da música. Nesse momento, o bispo voltou ao “palco” e disse ter deixado para falar algo aos jovens depois da missa para que saísse daquele clima de celebração. Disse que usaria um pouco as palavras do papa Bento XVI aos jovens durante sua visita ao Brasil e pediu que tivessem coragem de convidar outros jovens para a mesma experiência de fé. Dom Eurico finaliza com a seguinte frase: “A Igreja precisa de vocês para manifestar ao mundo o rosto jovem de Jesus.”

⁸³ CNBB: Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, documentos nº 53. Disponível em <http://www.cnbb.org.br>. Acesso em 17/6/2007.



Foto 5 - Participação da Igreja Católica durante o I Fórum da Juventude de Juiz de Fora. Ao centro, o bispo Dom Eurico dos Santos Veloso. Arquivo pessoal, 2007.

O que se deduz, num primeiro momento, é que a Igreja Católica, sendo favorável ou não ao movimento carismático, e a esse se inclui o GOU, vem acompanhando a juventude universitária carismática bem de perto.

É perceptível a orientação e a presença de bispos e padres no movimento. Isto equivale a uma reflexão de que provavelmente para a Igreja, o GOU é, além de um resgate da juventude para a religião católica, fonte de adesão, uma maneira de divulgar esta religião e ainda, de demonstrar que, apesar da concorrência, o catolicismo está atuante com espaços e temas diversificados.

Isto porque como demonstra Oro (1996, p.90) o avanço pentecostal preocupa abertamente a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que promove seminários referentes “A diversidade religiosa no Brasil”. Segundo o autor, dentre as diversas iniciativas da Igreja Católica (algumas já citadas anteriormente) em frear a deserção católica está a dinamização, por parte principalmente do clero conservador, de importantes “práticas religiosas populares/tradicionais” como “devoção aos santos e veneração de suas imagens nas igrejas, práticas ritualísticas de bênçãos, [...] terço em família, novenas, missões populares, [...] valorização de gestos e símbolos...”(ORO, 1996, p. 97). E isto a Renovação Carismática Católica parece contribuir em grande proporção.

A importância da Renovação Carismática Católica para a Igreja Católica é visível. Celebrações mais animadas, que se aproximam muitas vezes das religiões concorrentes, para onde muitos católicos estavam (ou estão) se “mudando”. De acordo com Oro (1996, p. 114) “[...] entre os vários movimentos e/ou pastorais realizados pela igreja católica no Brasil (sic) visando alcançar, direta ou indiretamente, o duplo objetivo de reter os seus fiéis e de barrar o avanço pentecostal, destaca-se a Renovação Carismática Católica, que se inscreve na linha da

Nova Evangelização da Igreja, apregoada por João Paulo II. Ainda conforme o autor a RCC parece constituir na atualidade a **“possibilidade concreta dos seus promotores de agir simultaneamente em duas frentes visando restringir ao mesmo tempo o poder e a ação expansionista do pentecostalismo e dos setores progressistas católicos** [grifo do autor].”

Clodovis Boff (2000, p. 46-48), porém, aponta alguns pontos positivos, que podem ser considerados como efeitos da Renovação Carismática que merecem ser destacados. De acordo com o autor, são os seguintes esses pontos:

- o reavivamento da fé e da graça batismal, com a retomada dos sacramentos e o reencontro com a vida cristã em geral;
- a conversão pessoal, expressa na transformação moral da vida pessoal, familiar e profissional;
- a redescoberta do Espírito Santo e de seus dons, recuperando os carismas extraordinários: a profecia, as curas e especialmente a glossolalia (também em forma de oração e de canto), elementos que, com o louvor, estão entre as “práticas distintivas” da RCC;
- o reencontro com Jesus Cristo, proclamado como Senhor e Ressuscitado;
- novo gosto pela oração, que flui livre e espontânea, especialmente a oração de louvor, rompendo com a rigidez da oração tradicional na Igreja latina;
- o resgate da emoção, expressa nos cantos e gestos, seja nos grupos (“comunidades emocionais”), seja nas manifestações de massa;
- a participação dos leigos, que possuem, no movimento, papel ativo e mesmo diretivo, animando assembleias orantes, dirigindo exortações, dando palestras, dando bênção de mãos estendidas, fazendo orações de libertação (exorcismo) etc.;
- amor à Igreja e a seus pastores, cujo ministério sacramental e direção espiritual são muito apreciados;
- o relançamento da missão e do apostolado, não tanto para “batizar os convertidos” quanto para “converter os batizados”;
- um reforço da identidade católica, com apreço de suas marcas características, as “três devoções brancas”, a saber: a Eucarística, a Virgem e o Papa;
- o surgimento de vocações para os ministérios “leigos”, para os ordenados e para a Vida Religiosa;
- proposta de uma alternativa eficaz da Igreja Católica face à atração das “novas igrejas”;
- incentivo à vida comunitária, seja na forma dos “grupos de oração”, seja na forma das “comunidades de aliança”, reproduzindo traços das “comunidades emocionais”. (BOFF, 2000, p. 43-44)

Não é sem motivos que percebemos um maior controle da Igreja Católica com relação aos carismáticos. Perder as amarras sobre esse movimento pode significar um forte concorrente no diversificado campo religioso brasileiro, mesmo que o interesse do grupo não pareça em momento algum ser este. Perceber esses pontos descritos por Boff em um movimento no interior do catolicismo possivelmente deixa inquieta a hierarquia católica. O que requer muita atenção por parte desta para que a dissolução não aconteça. Por outro lado, é

o que parece haver de mais substancial para que a mesma não continue perdendo terreno no campo religioso brasileiro.

É interessante o que Boff (2000, p. 45) destaca sobre essa força que a RCC possui. Segundo o autor, tem-se falado nos últimos anos sobre a necessidade de uma renovação pastoral da Igreja, como “pastoral urbana”, “pastoral da classe média”, “pastoral de massa” ou “pastoral da mídia”. Contudo as dificuldades de implementação têm sido alvo de discussão. Mas “a RCC, sem muitos seminários e sem maiores programas (pois não é daí que nasce vida, mas do Espírito, sempre imprevisível), está na prática respondendo a estes desafios”. Isto porque a RCC, e aí se inclui o GOU, consegue falar ao homem urbano, seja ele de classe média ou excluídos e envolve a massa utilizando, principalmente a mídia.

Entre posturas ambíguas, a Igreja Católica se reveste de atitudes que remodelam seu interior. Parece perceber que manter a tensão carisma/instituição não é o procedimento mais adequado. Manter as rédeas do movimento e tê-lo ao seu lado auxilia, e muito, na busca ou recuperação de fiéis, ao passo que este parece estar “dando conta” de um terreno em crise, como é o caso da Igreja Católica.

Contudo, é relevante a observação de um artigo do pregador da Casa Pontifícia, Pe. Raniero Cantalamessa, que afirma que “existe certo medo da RCC”. Conforme o padre:

[...] quero dizer aos fiéis, aos bispos, aos sacerdotes, que não tenham medo. Desconheço por que há medo. Talvez em alguma medida porque esta experiência começou entre outras confissões cristãs, como pentecostais e protestantes. Contudo, o Papa não tem medo. Falou dos movimentos eclesiais, inclusive da Renovação Carismática, como de sinais de uma nova primavera da Igreja, e muito com frequência faz referência na importância disso. E Paulo VI afirmou que era uma oportunidade para a Igreja.

Não há que ter medo. Há Conferências Episcopais, por exemplo na América Latina --é o caso do Brasil--, onde a hierarquia descobriu que a Renovação Carismática não é um problema: é parte da solução ao problema dos católicos que se afastam da Igreja porque não encontram nela uma palavra viva, a Bíblia vivida, uma possibilidade de expressar a fé de maneira gozosa, de forma livre, e a Renovação Carismática é um meio formidável que o Senhor pôs na Igreja para que se possa viver uma experiência do Espírito, pentecostal, na Igreja católica, sem necessidade de sair dela.

Tampouco se deve considerar que se trata de uma «ilha» na qual se reúnem algumas pessoas que são um pouco emocionais. Não é uma ilha. É uma graça destinada a todos os batizados. Os sinais externos podem ser diferentes, mas em sua essência é uma experiência destinada a todos os batizados.⁸⁴

⁸⁴ Disponível em <http://www.zenit.org/article>. Acesso em 19/7/2007.

Não obstante, como confirma Prandi, para a Igreja Tradicional que não possuía um projeto de prática religiosa à altura da demanda popular, atendidas então por outras religiões que prosperavam, a Renovação Carismática Católica “passou a ser vista como braço muito operante, a arma procurada para defender e reconquistar os territórios perdidos para pentecostais, afro-brasileiros, religiões orientais, crenças da new age.” (PRANDI, 1997, p. 53)

CAPÍTULO 2 - A COMPLEXIDADE DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA ENQUANTO MOVIMENTO DE PERFIL IDENTITÁRIO INSERIDO EM TENDÊNCIAS HÍBRIDAS

Pensar na Renovação Carismática Católica, tendo como base os grupos de oração universitários, deixa certa inquietação, ao ver que o movimento é mais complexo do que pode parecer em um primeiro momento. Compreender a RCC no sentido de estar contribuindo para a atuação da Igreja Católica no espaço público, faz com que esta se configure em um contexto emaranhado de sentidos.

O que se percebe ao analisar o movimento carismático, além da proposta de evangelização, é muito mais uma busca por inovações, justamente para que seja possível acompanhar a modernidade, não deixando, contudo, de adequar a isso o modelo tradicional.

Ao propor uma “restauração” dos católicos, padre Jonas Abib (1996, p. 10) defende que:

[r]eformadores aparecem em quantidade, mas o que o Senhor quer fazer é RESTAURAR. Restaurar é fazer voltar ao original. É devolver à forma primitiva aquilo que infelizmente foi estragado. Quadros artísticos e preciosos, com frequência, precisam passar por uma restauração. Imaginemos um quadro que sofreu muitas danificações do tempo, do clima e por isso está semidestruído. O artista vem para restaurá-lo. O que ele faz? É muito mais difícil do que fazer um quadro novo; não se trata de consertar, de dar um retoque. O artista precisa fazer daquele quadro, o que ele era na sua origem.

Nessas palavras de Pe. Jonas, é possível perceber que o objetivo dos carismáticos é não perder de vista o modelo tradicional. Ao dizer que “o que o Senhor quer fazer é RASTAURAR.” e “Restaurar é fazer voltar ao original” compreende-se que mesmo a RCC adentrando na modernidade, seu objetivo não é apenas acompanhar a modernidade. Isso fica evidente quando ele diz que restaurar é “devolver à forma primitiva aquilo que infelizmente foi estragado”. E assim padre Jonas (1996, p. 10) continua:

[...] é nesse sentido que dizemos que o Senhor está restaurando a sua Igreja. Uma Igreja concreta, que somos nós. O nosso povo. A Igreja Católica. Que não são apenas os padres, os bispos. Não olhe por este prisma: você embaixo e, lá em cima, a “igreja” – a Igreja hierárquica, que são os padres, os bispos, o papa... Não! O Senhor está querendo restaurar a sua Igreja, o seu corpo: Ele é a cabeça, nós somos

o corpo de Cristo... nós, povo de Deus, somos os membros deste corpo, em que Cristo é a cabeça.

No entanto, essas palavras de padre Jonas Abib demonstram que a Igreja Católica apresenta-se na atualidade com uma proposta inovadora: buscar com fortalecimento sua tradição. No entanto, essa “restauração” vem acontecendo de uma maneira em que a tradição está sendo valorizada em grande teor e há realmente uma busca por seu resgate, contudo, de uma maneira moderna. Acrescente-se a isso que a Renovação Carismática Católica (RCC) vem contribuindo de maneira significativa para toda essa transformação no interior do catolicismo.



Foto 6 - Jovens carismáticos com braços erguidos em momento de oração. Arquivo pessoal, 2007.

Conforme observa Antony Giddens (1991, p. 31-32), a tradição é algo que está ligado à memória, “envolve ritual; está ligada ao que vamos chamar de noção formular de verdade; possui ‘guardiães’; e ao contrário do costume, tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional.” O autor ainda completa que, a “memória, como a tradição [...] diz respeito à organização do passado em relação ao presente.”

Myrian Sepúlveda dos Santos (2000, p. 90) também destaca algo que podemos transferir para o movimento carismático. Segundo a autora, o que é importante ser analisado “não é a oposição entre o tradicional e o moderno, mas a coexistência entre práticas descritas como pertencentes à tradição e aquelas vinculadas à modernidade.”

Essa parece ser a situação atual da RCC que, mesmo fazendo oposição a muito do que apresenta como modernização, acaba por adequar-se ao mesmo. Por exemplo, quando criticam a televisão, revistas, rádio, mas ao mesmo tempo estão inseridos nesses meios de

comunicação. Da mesma maneira, compreende-se o discurso de Giddens, que demonstra a organização do passado para amoldar o presente.

Reginaldo Prandi (1997, p. 162), seguindo uma linha que compreende o movimento carismático mais pelo viés tradicional, faz uma observação de que a Renovação Carismática “nasceu tradicional e conservadora. A sua mensagem sempre é de retorno, de volta, nunca de avanço.”

Partindo dessa proposição, é possível observar que o tradicionalismo e conservadorismo da Renovação Carismática Católica é relativo, pois, apesar de manter-se integrada ao catolicismo hierárquico tradicional, esse movimento possui características internas próprias, que o aproximam de novas linguagens religiosas.

Pensar também na RCC como um movimento nunca de avanço parece meio problemático, pois diante do atual contexto em que vivem, muitas de suas atitudes são de avanço, como no caso de já demonstrarem certa preocupação com relação à tecnologia de ponta, mídia, a valorização da subjetividade e da corporalidade.

Isso faz crer que no âmbito de um movimento que se apresenta com características conservadoras, mas que as reinterpreta como uma maneira de se inserir no espaço moderno, depara-se com um conjunto de práticas bem mais próximas de tendências pós-modernas, como se verá a seguir.

Considerando, no entanto, apenas em parte a posição de Prandi, pode-se dizer que há realmente uma valorização do discurso tradicional católico, havendo inclusive posição no interior do movimento de luta contra os inimigos⁸⁶. Reza do terço, obediência ao papa e veneração a Nossa Senhora são comuns e totalmente valorizadas e são aspectos sempre frisados pelo grupo,⁸⁷ mas em contrapartida, encontra-se, no movimento carismático, a partilha de outras crenças, conforme demonstra Camurça (1998, p. 85-125), comuns à Nova Era e religiosidades alternativas, que a princípio são tenazmente combatidas pelos mesmos. Nesse sentido parece haver uma apropriação de outras tendências onde a Renovação Carismática Católica, sem deixar de ser tradicional e apodera-se de características modernas e pós-modernas.

Contudo, ao assumir uma identidade no mercado religioso atual, a RCC é inserida na modernidade, o que a transforma em um movimento que assume modernamente o tradicional.

⁸⁶ Neste caso, a Umbanda, Candomblé, Nova Era, Espiritismo, dentre outros.

⁸⁷ Camurça observa que houve inclusive união entre as potências do cristianismo institucionalizado, formando uma Santa Aliança contra o Movimento Nova Era onde podemos destacar como membros desta adesão: ‘o Papa, os pentecostais, os carismáticos, a direita conservadora e os progressistas da “pastoral popular”’ CAMURÇA, Marcelo A. Sombras na Catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o holismo da teologia de Leonardo Boff e Frei Betto, p. 87.

Todavia, seja pela disputa por fiéis no mercado religioso, seja como meio de evangelização, ou mesmo como experiência individual, a RCC tem disputado espaço e sido destaque na mídia (cf. CARRANZA, BRAGA, 2004). Seja com a utilização da imagem, por exemplo, do Padre Marcelo Rossi, pela Rede Vida, Século XXI ou Canção Nova, ou pela atuação nas páginas da internet.

Conforme observou Emerson Silveira (2004, p. 6), o catolicismo, e mais especificamente a RCC “é o que mais tem investido na expansão e utilização dos meios de comunicação em geral e o eletrônico, de modo específico.”

Conforme o autor (2004, p. 14), ao “ser digitalizada, a religião desterritorializa-se, desvincula-se de laços territoriais e dos signos a ele associados, sendo (re)traduzida em imagens, sons, hipertextos em processo de constante associação. Ocorre, por outro lado, uma reterritorialização em novos signos, numa comunidade virtual, mas agora num outro sentido de espaço que passa a ser simultâneo a temporalidade.”

Assim, apesar de ser possível observar a presença dos carismáticos de forma moderna, o autor acrescenta que a temática do site da Canção Nova observada “é de cunho conservador, conforme atesta a manchete estampada no site: ‘porquê não usar camisinha: veja provas científicas e a posição da igreja’. Essa coluna termina com o link Santo do dia, com uma pequena foto, biografia e oração de santos e santas comemorados pela igreja”. (2004, p. 9)

Conforme observa Fernandes (1996, p. 114) “[...] para que a eficácia do Movimento se concretize é necessário a reinterpretação dos símbolos anteriores e uma redefinição dos significantes que passam a nortear a conduta dos novos adeptos. É algo que, ao mesmo tempo em que rejeita o mundo, “precisa” estar nele. A alternativa então parece ser a de levar para o mundo a necessidade de mudanças, como diz Fernandes (1996, p. 114) “urge que o mundo seja transformado, ‘convertido’ de maneira que o novo modo de vida paute-se na busca de um valor sagrado.”

Justifica-se talvez nessa necessidade de “um mundo transformado/convertido”, investindo em jovens na Universidade se preparando para fazerem parte da “civilização do amor” ou de jovens que abrem mão de uma conduta considerada desviante, pecaminosa, em nome de “por hoje não vou pecar (PHN)”.

2.1 - Conversão diante da questão moral

Ao pensar nas várias modalidades da Igreja Católica, em sua trajetória de inserção no espaço público, objetivando condições de permanência na sociedade moderna, são várias as características que se fazem perceber na RCC um movimento que comporta a ambigüidade entre o tradicional, o moderno e o pós-moderno.

Nos dizeres de Marcelo Camurça (2006) “o binômio reavivamento/conversão, em nosso entender, parece ser a pedra-de-toque do movimento carismático em sua articulação da tradição com a modernidade, conformando sua identidade católica e buscando inflamar toda a Igreja para esse fim.” Deve-se atentar, portanto, para o fato de que essa conversão é um ato de vontade seguido de decisão.

Conforme demonstram Mariz e Machado (1994, p. 32), este “desejo de converter só se faz presente numa visão de mundo moderna onde se assume que o indivíduo escolhe seu próprio destino.” Nesse caso, a conversão tem para as autoras o “sentido de que se exige uma transformação no estilo de vida.”

Essa transformação está relacionada ao discurso tradicional da Igreja ao reprovar o consumo de bebidas alcoólicas, uso de preservativos, valorização da virgindade, dentre outros. Porém, deve-se ter em mente que essa mudança é uma opção do indivíduo, o que leva o movimento mais uma vez a apropriar-se das tendências modernas. Pois, no momento em que a religião passa a ser uma escolha, já é possível fazer uma alusão a esse indivíduo, e aí ao grupo ou religião que lhe concede esta possibilidade, como moderno.

Fernandes observa que dentre os diversos aspectos e até mesmo motivações para que aconteça a conversão está o sentimento de perseverança em relação “ao novo estado religioso, dimensionando a vivência dos fiéis para uma esfera que se pretende definitiva.” Nesse sentido, é fundamental, segundo a autora, encontrar o que se busca.

Ao ouvir o testemunho de um jovem no Ruah⁸⁸, que se dizia ex-usuário de drogas e que relatou sobre sua convivência familiar, e que termina por dizer que estava proferindo aquelas palavras, porque talvez alguém ali estivesse precisando ouvir, é o que realmente parece acontecer. Muitos depoimentos demonstram que primeiramente ouviram em uma pregação/testemunho alguém, parecendo que falava diretamente para eles, e aí se assustaram que procuraram uma mudança de vida. É nesse sentido que justifica-se o que Fernandes

⁸⁸ Assunto a ser tratado no capítulo 3. Ruah é um retiro que acontece semestralmente.

defende: “encontrar o que busca”, mas depois de uma auto-identificação com uma narrativa-modelo apresentada pela RCC.

Desta maneira, segundo Dunga⁸⁹, todo jovem passa por fases. Seja ela a fase da maconha, da insegurança, da contestação, da violência, da prostituição ou mesmo das dificuldades na vida afetiva. Muitos jovens ao saírem de casa para estudar fora, possivelmente por estar longe do seu ambiente natural e distante do auxílio dos pais, começam a fazer o uso do cigarro, da bebida, do sexo e até mesmo do homossexualismo.

Reginaldo Prandi (1997, p. 136) observa que “[...] em termos de orientação de conduta, verifica-se sempre uma acomodação a padrões que condenam as práticas sexuais fora do casamento e as práticas homossexuais.” Para os carismáticos, conforme Prandi, o desvio destas condutas decorre da ausência de valores religiosos ou ainda pela submissão a valores seculares. Segundo o autor, a RCC prega que o homossexualismo é uma doença passível de cura. Também defende que essa prática é além de anormal, pecaminosa.

Contudo, Dunga (2005, p. 32) aconselha: “Seja esperto e saia dessa fase. O que você tem experimentado é lixo, e você o tem visto como tesouro. Tudo isso vai pesar demais em seu baú; chegará a um ponto que você não agüentará e ficará prostrado por causa do pecado.”

Assim, Dunga (2005, p. 13) adverte que é preciso vivificar o Espírito Santo onde estivermos e não podemos nos deixar levar pelos programas seculares de rádio e televisão. Segundo o autor, por exemplo, não é correto deixar fazer propaganda de camisinha e, sim, pregar para todos a castidade. E essa é uma luta constante. É nesse sentido que o autor trabalha com o Por Hoje Não Vou Mais Pecar (PHN).

De acordo com Dunga, tudo começou quando foi convidado a apresentar um programa de TV com o título: “Resgate já”. Esse mostrava algumas atitudes da Igreja em relação aos mais necessitados que viviam em presídios de segurança máxima, casas de apoio ao portador do vírus HIV em fase terminal, FEBEM, cadeias públicas, lares para crianças e para idosos, casas para recuperação de drogados.⁹⁰

Em um determinado dia, portanto, Dunga diz que Deus teria colocado em seu coração a seguinte inspiração: “ ‘ENSINE ESSES JOVENS A DIZEREM NÃO AO PECADO’ para que não precisem pagar no seu próprio corpo aquilo que eu já paguei no meu [grifos do autor]”. Como na época convivía muito com as pessoas que lutavam contra o consumo de

⁸⁹ Dunga é cantor católico, compositor, pregador, apresentador de programa de televisão e web tv, locutor de rádio e escritor.

⁹⁰ Disponível em <http://blog.cancaonova.com/dunga/missao-phn/>. Acesso em 25/7/2007.

bebidas alcoólicas, participantes do “AA” (Alcoólicos anônimos) que defendiam o lema “só por hoje, só por hoje serei sóbrio”, aplica a experiência iniciando o PHN.⁹¹

Dentre os “aconselhamentos” apresentados para os jovens, grande maioria está ligada a problemas enfrentados no cotidiano por eles. Segundo o apresentador “[...] se o pecado bater na porta da sua casa, ou alguém o convidar para ir ao motel, ou ficar com um ‘gatinho ou uma gatinha’, não tenha medo de dizer que você está morto para o pecado. É a palavra de Deus que nos garante isso.” (COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2005, p. 18)

Em um outro momento, Dunga (2005, p. 44) chama a atenção dos jovens para a questão do uso da camisinha. “Talvez você tenha ouvido que deve usar camisinha para evitar a Aids e, mesmo tendo um bom tempo de caminhada com Deus, ainda pensa: ‘Só por precaução, vou ter uma em minha carteira’. Esta é a abertura, uma tremenda brecha para o pecado. Você pode evitar a Aids, mas não evitará o inferno ao prostituir-se. Pense! Pense! Pense!”

As citações acima contribuem para demonstrar como parece ser um jovem hoje dentro que se propõe a seguir as instruções da Renovação Carismática Católica, especificamente aquele que se compromete a viver o PHN. Um jovem que, apesar de estar inserido na sociedade moderna, opta por viver quase que totalmente em oposição ao estilo de vida que lhe é apresentado no senso comum.

Não é fato incomum ouvir um jovem dizer, como foi presenciado por mim durante a pesquisa de campo no RUAH, citado anteriormente, que após três anos de namoro, teve seu relacionamento terminado pela namorada, porque eles tinham uma vida sexual ativa e, ao se encontrar com Deus e decidir por sua conversão, resolveu não mais ter relações sexuais até o dia do casamento.

É justamente isso que é defendido no livro da Comunidade Canção Nova: “a cura da nossa afetividade e sexualidade”. De acordo com o professor Felipe Aquino (COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2004, p.7), que faz a apresentação do livro:

[...] juventude é uma bela época da vida. [...] É o momento em que o jovem desperta para a busca de sua complementação com uma pessoa do outro sexo, ou então decide abrir mão da vida conjugal para ser inteiramente de Deus. [...] Qualquer que seja o caminho escolhido, sempre será muito forte no jovem a sua afetividade e a sua sexualidade, duas forças enormes que Deus colocou em nós e que não deu aos animais. Bem orientadas e usadas, essas duas belas energias nos fazem felizes, mas, desequilibradas, podem gerar muitas dores e lágrimas.

⁹¹ Disponível em <http://blog.cancaonova.com/dunga/missao-phn/>. Acesso em 25/7/2007.

Ao relacionar a decisão daquele jovem que testemunhou durante o RUAH com as palavras do professor Felipe Aquino, percebe-se que a decisão não foi tomada por uma simples vontade, mas por um “desejo de conversão”. Felipe Aquino completa defendendo que quando o jovem encontra o equilíbrio afetividade/sexualidade, compreende a relevância da castidade até o casamento, como uma preparação pessoal. Deste modo, Prandi (1997, p. 136), na sua análise, destaca que os carismáticos mantêm essa posição da Igreja de vincular sexualidade e procriação.

São interessantes as críticas que são feitas pelos carismáticos no sentido de que o governo deveria dar mais atenção a esse caso, mas não incentivando com distribuição de preservativos, como camisinha ou anticoncepcionais, pois isto, segundo eles, incentiva o sexo antes do casamento. Conforme professor Felipe Aquino ao tratar da questão do sexo perfeito:

[...] o sexo é para ser vivido dentro do matrimônio; fora dele há doenças e tragédias. Um tempo atrás, o ex-ministro da saúde foi à televisão dizer que o Brasil tem dois milhões de adolescentes grávidas. São meninas com treze, catorze anos de idade, que deveriam brincar com bonecas e já estão embalando um filho. Essas meninas estão tendo bebês nas maternidades do SUS e 20% dos partos são de adolescentes. (COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2004, p. 37)

E o autor continua com a observação de que “[...] casos assim mostram que se o governo estivesse preocupado com a situação humana dessas meninas não faria campanhas distribuindo camisinhas, liberando o sexo. A triste realidade é que a despesa que esses partos trazem é levada muito mais em consideração que a dignidade que se perde.” (COMUNIDADE CANÇÃO NOVA, 2004, p. 37).

É visível nessas citações acima o quanto existe a preocupação com os comerciais relacionados ao uso de preservativos. A RCC, portanto, ao estar na modernidade, luta contra um clima de liberalidade propagado pela mesma, pregando um discurso altamente vinculado à questão moral.

Contudo, nas palavras de Dunga (2005, p. 32): [...] precisamos lutar contra nossa natureza pecadora e não deixar que os pensamentos façam um ninho em nossa cabeça. Nossos sentimentos maus não podem nos controlar. É preciso rezar e pedir auxílio. É preciso estar atento.” Portanto, para o autor, o PHN é o “antídoto para que o Espírito Santo não seja extinto em nossas vidas.”

No entanto, a questão moral, tão frisada pelos carismáticos, vai além. Ao condenarem o aborto, a pornografia, o alcoolismo e o uso de drogas, a RCC vai contra uma sociedade que

cada vez mais vem trazendo alguns desses assuntos para o espaço público como algo do senso comum, como é o caso do aborto.

Foi organizada, no dia 30 de junho de 2007, uma caminhada em defesa da vida e contra o aborto. A convocação para a caminhada foi transmitida por Marcos Volcan, Presidente do Conselho Nacional da RCC, e por Marizete Nascimento, Coordenadora Nacional do Ministério Fé e Política, por meio do site da RCC.

De acordo com o site: “O Ministério Fé e Política da Renovação Carismática Católica-RCC, com conhecimento e apoio da presidência do Conselho Nacional da RCC, convoca todas as lideranças de Grupos de Oração, comunidades vinculadas à RCC, Cidades, Dioceses, Arquidioceses e Estados a organizarem, em nível de cidade ou de diocese, manifestação pública por meio de passeata, denominada GRITO PELA VIDA, dia 30 de junho de 2007 [grifo do autor].”⁹²

Muito interessantes foram as “recomendações” passadas logo embaixo da convocação:

[...] nesta manifestação iremos orar, cantar e denunciar toda e qualquer agressão contra a vida humana, principalmente o Projeto de Lei 1135/91, que prevê a total descriminalização do aborto em nosso País, com o agravante de que até a 12ª semana de gestação seja assegurada a cobertura deste crime pelo SUS e pelos Planos de Saúde do Brasil.

Ressalta que com a aprovação deste PL o aborto estará completamente liberado no Brasil, desde o início da gestação até o momento do parto, uma vez que o PL corrobora no seu art. 9º a revogação dos artigos 124, 126, 127 e 128 do Código Penal Brasileiro, eliminando assim, definitivamente, da legislação brasileira a tipificação do aborto como crime. Será mantido apenas o art. 125, que prevê o caso de falta de consentimento da gestante.

Solicita que a manifestação pública se realize mediante contato e aprovação dos senhores bispos e que se tente também envolver outros setores da Igreja local, lembrando que todos os cristãos católicos devem se posicionar frente aos ensinamentos da Igreja sobre a importância da vida e às palavras do Papa em defesa da família e acolhida das mulheres.

Ressalta também a importância de estarmos equipados para confrontar a questão do aborto com propriedade e conhecimento. Assim sendo, solicita que, na medida do possível, as pessoas que freqüentam o Grupo de Oração sejam esclarecidas a respeito dessa tentativa de descriminalização do aborto e que seja incluído um tempo de clamor e intercessão, em cada reunião do Grupo de Oração, para que esta lei não seja aprovada. Se assim fizermos, estaremos envolvendo toda RCC nesta luta pela vida e defesa da nossa fé.⁹³

Algo que chama bastante atenção é a orientação de que os Grupos de Oração sejam locais de conscientização quanto ao assunto. Ao dizer que “na medida do possível, as pessoas que freqüentam o Grupo de Oração sejam esclarecidas a respeito dessa tentativa de

⁹² Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/minist/show_textos. Acesso em 21/7/2007.

⁹³ Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/minist/show_textos. Acesso em 21/7/2007.

descriminalização do aborto” e “que seja incluído um tempo de clamor e intercessão, em cada reunião do Grupo de Oração, para que esta lei não seja aprovada,” é possível compreender que as reuniões de oração começam a serem utilizadas não só como espaço de oração, mas de conscientização.

Em Belo Horizonte essa manifestação saiu da Praça Sete em direção à Praça da Liberdade, onde foi marcado um ato público em defesa da vida. Todas as pessoas que participaram foram convidadas a irem vestidas com roupas escuras, em sinal de luto pelas crianças vítimas de aborto no Brasil. O “Grito pela Vida”, denominação dada ao evento, “foi uma promoção da Renovação Carismática Católica (RCC) de Minas Gerais e contou com o apoio de diversos movimentos católicos e entidades da sociedade civil, como a Sociedade São Vicente de Paulo e também o Comitê Nacional contra o Aborto [...] representado pela sua presidente, Marta Pelipec.”⁹⁴

Conforme Tânia Mara Araújo, coordenadora do Ministério Fé e Política da RCC de Minas Gerais e uma das organizadoras do evento, “o propósito é chamar a atenção da sociedade contra os projetos que estão em tramitação no Congresso Nacional e que favorecem a descriminalização do aborto e sua ocorrência.”⁹⁵

No site do MUR também traz na página principal o “mascote” do Ministério com uma placa divulgando um abaixo-assinado contra a legalização do aborto.



Figura 3 - “Mascote” do Ministério Universidades Renovadas (MUR) em campanha contra a legalização do aborto. Disponível em <http://jf.pur.com.br/>.

Logo abaixo da figura, um título “defenda a vida”, onde o usuário do site obtém maiores explicações a respeito do assunto. No site, Ierecê Gilberto, Coordenadora Nacional do MUR, apresenta a seguinte explicação:

⁹⁴ Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/formac/biblioteca/show_textos. Acesso em 21/7/2007.

⁹⁵ Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/formac/biblioteca/show_textos. Acesso em 21/7/2007.

Prezado irmão em Cristo Jesus,

Nosso país está vivendo um momento decisivo diante do qual se faz necessária a manifestação de todos aqueles que acreditam que a vida humana não é apenas um bem precioso, mas, sobretudo um Dom de Deus, sobre o qual nenhum de nós tem direito de dispor, mas todos têm o dever de defendê-la em todas as circunstâncias.

Contudo ela encontra-se ameaçada e isto tudo se deve à iminente votação do Projeto de Lei (PL) 1135/91 que prevê a total legalização do aborto em nosso país, com o agravante de que até a 12ª semana de gestação seja assegurada a cobertura deste crime pelo SUS e pelos Planos de Saúde do Brasil. Com a aprovação deste PL o aborto estará completamente liberado no Brasil. [...]

Esta cartilha tem o propósito de esclarecer as dúvidas principais sobre a vida do ser humano desde a concepção e nossa luta enquanto cidadãos para que ela seja sempre protegida. Nossa meta é divulgar o conhecimento que nos conduz à verdade, levando-nos à ação concreta, principalmente neste ano eleitoral, onde nosso voto é nossa arma.⁹⁶

É interessante como os carismáticos utilizam aqui a mídia para criticarem, nos padrões tradicionais/morais, uma causa tão em voga na modernidade. No entanto, o que se observa é que neste tema a complexidade é grande, pois, estão inseridos em meios modernos para defender causas que no terreno moral discrepam totalmente do estilo e das concepções que se reivindicam produto da liberdade de escolha. Conquistas, pois, da modernidade. A castidade e a recusa ao aborto, por exemplo. Da mesma maneira, apesar de fazerem a utilização da mídia, nela também despejam suas críticas. De acordo com Dunga (2005, p. 23) :

[...] a mídia está “embrulhando” o pecado num papel de presente muito bonito para que nos encantemos com o papel e compremos o presente. Mas, ao abri-lo, o susto é grande, pois, às vezes, trata-se de Aids, overdose, aborto, casamento homossexual, assassinato, roubo [...] O presente é muito bem preparado nos comerciais de televisão, nas novelas, nos filmes, na música, nos outdoors, nas revistas [...] Não adiantará usarmos forças físicas, somente o poder e a ação do Espírito Santo serão armas contra tal situação.

O que é possível observar, mais uma vez, ao analisar os dizeres acima, é que há no movimento carismático uma complexidade muito grande. Basta visualizar como um movimento, ao mesmo tempo em que inserido na modernidade, ambiente que segundo eles está envolto em situações de pecado, de repente vê-se diante de situações/attitudes em que o “regresso” ao tradicional, o “voltar ao original”, como proposto por padre Jonas Abib, como no caso da situação moral.

No caso, porém, do consumo de álcool e de drogas, vale lembrar os dizeres da jovem que explicou que muitas vezes as festas são “estratégias” para mostrarem a outros que é possível divertirem, dançarem, cantarem, sem o consumo de bebidas alcoólicas ou drogas.

⁹⁶ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/artigos/artigo>. Acesso em 20/6/2007.

É comum, também, durante as pregações muitos jovens admitirem que fizeram uso de drogas e que bebiam muito. No entanto, a maioria declara que após viver a “experiência” do Espírito Santo, deixaram essa “vida de pecado” para trás.

Um artigo apresentado pelo Ministério de Comunicação da RCC no site oficial do movimento, resume bem a partir de um congresso realizado pelo Ministério Jovem de Tefé, Amazonas, o que foi descrito acima. De acordo com Fabiana Lima, Coordenadora no Ministério de Comunicação:

[...] o Ministério Jovem da RCC de Tefé realizou nos dias 26 e 27 o I Congresso Vai ou Racha com o tema: "Jovem, até onde vai a tua liberdade?" O encontro contou com a participação de Fernando Cavalcante e Fabiana Lima que ministraram temas nas seguintes áreas: Família, Sexualidade e Afetividade, Namoro e Drogas.

O sábado teve início com um momento de animação. Em seguida [sic] o Pregador Fernando refletiu sobre a necessidade de Deus na família, fazendo uma alusão a doença AIDS dizendo nossas famílias estão contaminadas com o vírus, “nossas famílias estão morrendo, elas necessitam de Deus”. Assim Fernando foi motivando os participantes a serem luz para suas famílias, fazendo isso a partir de gestos concretos. Pela tarde houve a pregação do tema sexualidade e afetividade por Fabiana Lima, onde foi abordado sobre como o inimigo tem ferido a sexualidade dos jovens através dos meios de comunicação em geral, fazendo com que o templo do Espírito seja profanado pelas más escolhas que muitos jovens acabam fazendo no campo da afetividade. Em seguida foi realizado um momento de oração de amorização pedindo a cura da afetividade e sexualidade.

No domingo, o encontro teve início com um momento de Efusão do Espírito Santo, este momento foi aprofundado pela presença de Jesus Eucarístico, sendo acompanhada por curas e libertações. Em seguida Fabiana Lima partilhou o tema namoro, enfatizando que Deus tem alguém reservado para aquele que tem vocação ao matrimônio e sabem esperar. Houve também reflexão sobre as dificuldades de viver um namoro santo, e as possibilidades de viver a santidade quando o namoro tem Jesus como prioridade.

Logo após, Fernando partilhou o tema drogas contando seu testemunho de vida quando era usuário de drogas, como foi seu resgate e como Deus tem constituído sua missão na Igreja.

O encontro foi finalizado com um momento de oração dos participantes para os pregadores, onde Deus falava em profecia para o município de Tefé. A noite, o ministério de Tefé realizou um show de evangelização na praça Santa Tereza.⁹⁷

O que se deduz é que a Renovação Carismática Católica, atrelada ao GOU ou a jovens por meio de outras vias (Ministério Jovem, PHN), trabalha no sentido de que podem estar na modernidade, sem seguirem todas as características modernas.

Ao tratar da questão da conduta, esses jovens parecem procurar viver muito mais de uma maneira dita “tradicional”, defendendo a virgindade e a castidade, por exemplo, como preceitos morais a serem seguidos. Como observa Prandi (1997, p. 116), é um trabalho em

⁹⁷ Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/atual/cobertura/noticias.php?cod_cobertura=1586. Acesso em 1º/6/2007.

“nível de interiorização de compromissos éticos que implicam a internalização de valores.” Não obstante, como define Fernandes (1996, p. 116), “é muito mais um componente de interiorização em dado contexto religioso do que propriamente um elemento demarcador de denominações.”

2.2 - Culto mariano e a mística: o tradicional pela via moderna

Diante dessa adequação da Igreja Católica à modernidade, principalmente a partir da RCC, percebe-se que o hibridismo torna-se cada vez mais presente em seu interior. Chegando a alguns momentos a serem confundidos: Renovação Carismática Católica com outras Igrejas Pentecostais.

Não raro é possível presenciar pessoas que, ao relatarem suas primeiras experiências com o Movimento Carismático Católico, dizem que pensaram estar em uma Igreja Evangélica, pois, depararam-se com pessoas com olhos fechados, braços erguidos e orações em língua. No entanto, somente perceberam que era uma Igreja Católica após virem uma imagem de Nossa Senhora.

Prandi (1997, p. 136), ao fazer uma comparação entre carismáticos e pentecostais destaca algumas diferenças como, por exemplo, com relação à sexualidade e à procriação. Diferente dos carismáticos, que como visto anteriormente, “rejeitam as técnicas de controle da natalidade que não impliquem abstinência sexual e combatem as campanhas de prevenção da Aids que estimulam o uso de preservativo”, os pentecostais se mostram com maior flexibilidade, “inclusive encorajando os adeptos a fazer laqueadura das trompas quando do nascimento do segundo filho”.

Contudo, são diferenças pequenas, que não dão conta de serem demarcações entre uma Igreja e outra. Nesse sentido, pode-se questionar qual fronteira demarca o território dos carismáticos, fazendo com que se identifiquem como católicos.

Na realidade, como forma de manter ou recuperar adeptos e até mesmo para se diferenciar do pentecostalismo, um discurso que está ligado ao catolicismo tradicional e que vem sendo muito utilizado pela RCC é o culto mariano. Para Prandi (1997, p. 141), esse pode ser considerado em relação aos pentecostais como “uma fronteira intransponível entre dois territórios que, de outro modo, poderiam ser um só.”

Segundo o autor (PRANDI, 1997, p. 141), o culto a Maria é “[...] uma das armas da RCC na luta com o protestantismo.” O que também contribui no fortalecimento da identidade católica, uma vez que podem ser considerados pentecostais, mas com Maria.

A “presença” da Virgem nas reuniões, seja nas paróquias ou mesmo na Universidade, é constante. O estímulo à devoção mariana vem sendo cada vez mais intensificado. Em grupos de oração que acontecem nos templos, é comum terem um momento reservado para que um pequeno grupo entre pelo corredor da paróquia com a imagem de Maria nas mãos ou mesmo quando esta está no altar e todos cantam utilizando-se de gestos em sua direção.

Já nos Grupos de Oração Universitários, essa “presença” de Maria se estabelece com orações e cânticos, sendo realizados em alguns encontros no início e no final das reuniões. Uma outra maneira em que Ela aparece no decorrer das reuniões, e isso acontece com certa frequência, é quando pedem para que todos fechem os olhos e profiram seus problemas ou louvores diretamente, ou então que se abracem em um símbolo de que aquele ato está sendo feito por Maria.

Steil (2001, p. 120) observa que os estudos sobre as aparições marianas “vêm mostrando que estas possuem tal densidade e força simbólica que podem ser tomados como loci privilegiados de compreensão e interpretação da religião no mundo contemporâneo.” Contudo, o autor chama a atenção para o fato de que nenhuma das aparições tem sido mais alvo de estudos do que a da Virgem de Medjugorje.

No Brasil, no entanto, o autor analisa que os relatos de aparições de Nossa Senhora vêm ganhando grande proporção, passando a fazer parte da experiência cotidiana de muitos católicos. Um exemplo é o da aparição de Maria em Piedade dos Gerais (MG) iniciada em 1987. (2001, p. 120)

De acordo com a Revista *Época*⁹⁸, que trouxe como reportagem de capa o assunto “O Triunfo de Maria”⁹⁹:

[...] a 120 quilômetros de Belo Horizonte, em Piedade das Gerais, cinco adolescentes relatam um encontro com Maria em setembro de 1987. O pedido feito a elas teria sido grandioso: deveriam passar suas mensagens à humanidade para livrá-la das trevas. Hoje, só uma das ex-adolescentes diz manter esse contato, todos os dias, às 20h30. Marilda Santana, 23 anos, mora em uma comunidade com cerca de 140 pessoas, na fazenda de seu pai, rebatizada de Vale da Imaculada Conceição. “Sou jovem, poderia estar me divertindo, mas só visito doentes e rezo”, diz. A arquidiocese mineira, apreensiva com o falatório na região, teme reprimir o movimento. “O povo tende a simpatizar com os injustiçados”, alega o padre Alberto Antoniazzi, assessor da arquidiocese.¹⁰⁰

No entanto, Cecília Mariz (2000) destaca que tal fato pode ocasionar tensões no interior do catolicismo na medida em que inauguram conflitos entre “o poder do vidente

⁹⁸ Para melhor entendimento de algumas datas contidas nas citações deve-se observar que a revista é de 21 de dezembro de 1998

⁹⁹ A reportagem é de Debora Crivellaro.

¹⁰⁰ Disponível em <http://epoca.globo.com/edic/19981221/capa1.htm>. Acesso em 1º/6/2007.

versus o do clero ou da instituição. Os videntes podem ameaçar a instituição. Dependendo de como seu discurso seja apropriado, podem mesmo se tornarem um força contrária capaz de gerar rupturas e dissidências sérias.”

Carlos Steil (2001, p. 122-123), ao analisar as interseções entre a RCC e as aparições marianas, observa que essas “pertencem a uma longa tradição católica que remonta ao quinto século da era cristã”, ao passo que “a RCC surge do movimento pentecostal protestante na segunda metade da década de 1960.” Nesse sentido, o autor observa que mesmo estando ambos situados no campo católico, “cada um desses eventos aglutina núcleos de significados com conteúdos históricos bastante diferentes”, o que o autor caracteriza como “sincretismo singular” entre a tradição e a modernidade.

Não obstante, Steil (2001, p. 122-123) observa que nos séculos XIX e XX essas aparições são inseridas no contexto católico pela mediação do clero e de organismos oficiais da Igreja Católica, ao passo que as aparições contemporâneas encontram na Renovação Carismática Católica outra interventora que estabeleça “a ponte entre o local e o universal [...] redefinindo o modelo e o padrão que estes eventos locais e particulares vão assumir para se universalizarem.”

A questão acima é justificada pelo fato de que, segundo Camurça (2006), “através do movimento carismático o fenômeno das aparições é inserido no mercado globalizado de bens simbólicos e na cultura de massa global.” Nesse sentido, acabam apropriando-se de mais uma estratégia para se adequar a modernidade.

Os carismáticos católicos utilizam essas aparições marianas, segundo Steil (2001, p. 128), “como mais uma mediação lingüística da experiência religiosa”, o que levaria a justaposição entre a ciência e o milagre devido ao fato de que o clero, em posicionamento oficial, vai acionar a ciência como objetivo de desmistificar as aparições, esforçando-se para que a mística seja traduzida numa linguagem teológico-racional. No contexto carismático, portanto, tentando-se provar a veracidade do fato, “mistificam os procedimentos e recursos da ciência, traduzindo-os numa linguagem simbólica e espiritual.”

Conforme Silveira (2000, p. 7), “as ‘Aparições da Virgem’ poderiam ser entendidas como reforço das grandes narrativas da Igreja, embora na verdade realizam uma apropriação privada desses grandes relatos, já que nestas aparições a subjetividade dos sujeitos poderia ser o elemento de ‘substancialização’, ou seja, de concretização de vínculos sociais e existenciais.”

É possível que se observe, segundo Prandi (1997, p. 24), que, com a Renovação Carismática, a “Igreja Católica volta ao êxtase místico, assume a incorporação do Espírito

Santo, que apaga momentaneamente a consciência e adere ao milagre na sua forma mais tradicional.”

Da mesma maneira Steil (1998, p. 71), ao analisar o movimento carismático como uma tendência mais moderna, identifica as aparições marianas como um resgate da experiência mística inscrita na tradição popular do catolicismo.

Conforme o autor (1998, p. 71), a experiência mística se torna mais atraente à medida que agrega um forte conteúdo emocional, o que possibilita a recuperação dos sentidos como linguagem religiosa. As experiências extáticas tornam-se relevantes nos encontros, contudo há certa preocupação em controlá-las, utilizando-se a estrutura dos ritos. A Renovação Carismática propõe uma relação direta, através do Espírito Santo, com o sagrado, com Maria, o que pode ser “situado no quadro de um modelo místico”(1999, p. 6).

Destacando a cautela com que o Vaticano lida com essa situação, a Revista *Época* chama a atenção para o fato de que “o último reconhecimento formal feito pela Santa Sé data de 1933, com as aparições de Beauraing e Banneaux, na Bélgica.”¹⁰¹ No caso do Brasil há, segundo a revista, um processo sendo analisado. São aparições que acontecem em Angüera, pequena cidade baiana perto de Feira de Santana, há 11 anos.

[...] lá, três vezes por semana, Maria visitaria Pedro Régis de Oliveira, 29 anos. É o que ele conta. Ainda garoto, Oliveira teria desmaiado quando voltava para casa, sendo amparado pela Virgem. "Ela é jovem, linda, tem cabelos negros, olhos azuis e pele clara", descreve o vidente, que costuma anotar as mensagens de Maria durante as aparições. Curiosamente, a descrição física da santa, segundo seus videntes, sempre revela os mesmos traços. No último dia 29 de setembro, aniversário da primeira aparição, cerca de 80 mil pessoas, trazidas por 1.400 ônibus fretados, estiveram na Fazenda Nova Malhada, onde ela ocorreu. São momentos de alta devoção. Professor de ensino fundamental, Oliveira não fuma, não bebe e jura jamais ter feito sexo. Foge do rótulo de milagreiro. "Parece coisa de curandeiro. Sou apenas um instrumento." Os seguidores do professor recusam tanta modéstia. "Vi o sol girar soltando raios coloridos e pulsando como um coração, o coração de Deus", afirma a sergipana Sônia Aragão, que visita Angüera há cinco anos.¹⁰²

Nesse contato direto com o sagrado, a RCC configura-se como uma experiência atraente à medida que associa a esse contato um forte caráter emocional. No entanto, aponta para uma tendência híbrida do catolicismo. Isso porque ao articular vidência com locução interior, configura-se num modelo em que o fiel fala direto com o sagrado no seu íntimo: o self sagrado. Esta tendência corresponde, segundo Steil (2001, p.130) a uma condição “pós-moderna”, marcada por uma reflexividade entre tradição e inovação.

¹⁰¹ Disponível em <http://epoca.globo.com/edic/19981221/capa1.htm>. Acesso em 1º/6/2007.

¹⁰² Disponível em <http://epoca.globo.com/edic/19981221/capa1.htm>. Acesso em 1º/6/2007.

Assim, pode-se dizer que essas são algumas das diversas características que esboçam tendências da pós-modernidade, que segundo Camurça (2001, p. 54-55), “se expressaria através de sua faceta experimental: mística e emocional que encaminha os processos modernos de individualização, internalização, subjetividade a serem regidos menos pela inteligência/razão e mais por experimentações emocionais de comunhão com o transcendente e de participação numa totalidade divina (os “dons” carismáticos).”

2.3 - Hibridismos e a Nova Era

A Renovação Carismática Católica, como visto anteriormente, utiliza as aparições marianas com uma nova abordagem, colocando a descoberta do “self sagrado” no centro da experiência religiosa. (STEIL, 1998, p. 70). A RCC vem divulgando e dando grande destaque à essas aparições, que segundo Steil (2001, p. 130), não mais vistas como vidência e, sim, como “locução interior”.

Deste modo, não se faz menção do outro fora do indivíduo. Há uma valorização do que o autor chama de self sagrado, que fala no interior dos integrantes e que é apresentado na própria consciência. Neste sentido, pode-se observar a aproximação da Renovação Carismática Católica com o Movimento Nova Era, pois a questão da “locução interior” ou do self podem ser caracterizados como discursos valorizados por esse movimento.

Leila Amaral (2003, p. 20), ao utilizar o termo Movimento Nova Era refere-se, em princípio, a um fenômeno espiritual, que ganha visibilidade desde a década de 60, onde um campo variado de discursos se cruza. Neste contexto estão inseridos, segundo a autora:

- a) o dos herdeiros da contracultura com suas propostas de comunidades alternativas; b) o do autodesenvolvimento, na base das propostas terapêuticas atraídas por experiências místicas e filosofias holistas [...]; c) o dos curiosos pelo oculto, informados pelos movimentos esotéricos do século XX e pelo encontro com religiões orientais, populares e indígenas; d) o discurso ecológico de sacralização da natureza e do encontro cósmico do sujeito com sua essência e perfeição interior; e) o da reinterpretação yuppie dessa espiritualidade centrada na perfeição interior, através dos serviços new age oferecidos para o treinamento de pessoal nos setores de recursos humanos, nas empresas capitalistas.

Contudo, Amaral (2003, p. 20) observa que utiliza o termo para referir-se tanto a práticas espirituais quanto religiosas que sejam diferenciadas e em combinações variadas, “independentes das definições ou inserções religiosas de seus participantes.

Conforme Eliane Martins de Oliveira (2004, p. 174), ao analisar de maneira mais minuciosa o movimento carismático, será possível identificar vários pontos de críticas católico-carismática a outras “religiões” que na realidade estão muito próximos de suas concepções e práticas rituais, principalmente no que tange ao caráter religioso-experiencial.

Camurça destaca que por existir, de maneira geral “uma concordância na hierarquia, no clero, nos teólogos e pastoralistas de que a influência da Nova Era na Igreja Católica é sutil, difusa e penetra de uma forma subliminar, quase invisível, fazendo-se mister ‘separar o joio do trigo’, assistimos, então, tanto nos setores ‘conservadores’ quanto ‘progressistas’ da Igreja, um esforço de demarcação das fronteiras do Cristianismo face às concepções da Nova Era.” (CAMURÇA, 1998, p. 89)

Segundo Oliveira (2004, p. 174), “a presença íntima de Deus no interior do indivíduo e a presença imediata do sagrado na realidade ordinária, a sacralização da natureza; a experimentação de fenômenos extra-sensoriais”, são exemplos que, ao serem analisados, demonstram certa proximidade entre o MNE com as práticas carismáticas católicas.

Conforme a autora (OLIVEIRA, 2004, p. 174), a identificação de semelhança entre RCC e Nova Era leva a radicalização da demarcação de fronteiras, “valendo-se da figura do demônio como símbolo máximo de aversão à Nova Era.”

Camurça (1998, p. 89) escreveu o artigo “Sombras na catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o holismo da teologia de Leonardo Boff e Frei Betto”, no qual apresenta dois exemplos de esforços para a demarcação entre o Movimento Nova Era e a Renovação Carismática Católica. Para a explanação, apresenta os argumentos de Padre Joãozinho, que é de perspectiva “conservadora”, e Frei Vítor G. Feller, do setor “progressista”.

Conforme o autor, Pe. Joãozinho chega a afirmar que a Nova Era “sugere o fim do Cristianismo. É um perigo real. Quem não se opõe energeticamente à lógica aquariana está ajudando esta rede anticristã”(Pe. JOAOZINHO apud CAMURÇA, 1998, p. 91). Ainda de acordo com o padre “não se pode admitir que o ‘lobo new age’ faça sua mortífera catequese disfarçado de ovelha cristã”. Na mesma tentativa de demarcar fronteiras, Camurça destaca que Feller afirma que “a Nova Era [...] vem a ser um golpe mortal sobre toda a dogmática, seja ela cristã ou islâmica ou marxista.” (FELLER apud CAMURÇA, 1998, p. 91).

Oliveira (2004, p. 173) também chama a atenção para o caso da Canção Nova que, segundo a autora, “produz um discurso severo e ‘demonizador’ que não só rejeita fenômeno Nova Era como, a ele, atrela o final dos tempos e a segunda vinda de Jesus Cristo.” Conforme a autora, Pe. Jonas Abib defende que o aparecimento de uma religiosidade que se diz “nova”, mas que na verdade não passa de uma “mistura anárquica” de antigas tradições culturais e

religiosas “só pode estar anunciando a tentativa do demônio, em sabendo da proximidade da vinda de Jesus Cristo, de cooptar a humanidade para depois destruí-la.” E continua afirmando que a Nova Era é um “disfarce do demônio”.(Pe. JONAS ABIB apud OLIVEIRA, 2004, p. 173).

O que percebe-se nas descrições acima é que a proximidade entre a Nova Era e o Catolicismo são tão significativas, que a necessidade de demarcação torna-se algo imprescindível. E é interessante como, geralmente, fazem a associação Nova Era/demônio. Contudo, basta observar um pouco mais atentamente para compreender o quanto ambos parecem apropriar-se a uma gama de características comuns.

Nesse sentido, Amaral (2000, p. 142) demonstra que os frequentadores do Movimento Nova Era estão em busca de uma transformação contínua do self, sentindo-se penetrados “pelo ‘pleno potencial de vida’ que é o ‘espírito’,” no caso da RCC representado pelo Espírito Santo ou por Maria, nesse caso, enquanto “locação interior”.

Oliveira (2004, p. 103) acrescenta que a intencionalidade dos carismáticos em atingir a santidade e o padrão dos novaeristas de alcançar o self sagrado tem certa equivalência. Segundo a autora, “[...] o exercício contínuo de cultivar a presença do sagrado no interior de si mesmo conduzirá o fiel a um processo de santificação e de desenvolvimento espiritual.”

O que a autora denomina “mergulho místico no Espírito de Deus” é o que se refere à qualidade experiencial, mística e extraordinária da religiosidade vivenciada pelos carismáticos. Conforme Oliveira (2004, p. 177):

[...] abarca a experiência de possessão dos fiéis pelo Espírito de Deus; a experimentação da presença divina no “ser interior” (self) dos fiéis; a tradução carismática do Espírito Santo como espírito ou energia espiritual onipresente, ordenadora, “movimentadora” da realidade ordinária; o abandono incondicional da vida à “movimentação do Espírito Santo de Deus” e à Providência Divina; a relação íntimo-afetiva entre Deus e o fiel; a aquisição e o desenvolvimento dos dons espirituais através do exercício da “vida no Espírito” (ampliação da visão, poder de cura, “oração na língua dos anjos”, audição apurada para receber mensagens de Deus, da Virgem Maria, dos santos e anjos, sensibilidade corporal para “sentir a presença”, ou a passagem de Jesus ou de outros seres celestiais tal como espíritos, poder de profecia e previsão do futuro), a experiência religiosa vivenciada no presente.

Oliveira (2004, p. 99) observa que, em certo sentido, as concepções e experimentações do Espírito Santo são compatíveis às crenças ligadas ao holismo e a energia cósmica, sendo estas questões próprias do universo da Nova Era. Segundo a autora, “[...] é sugestivo que a

imagem do Espírito Santo [...] seja concebida menos como uma pessoa concreta e mais como um 'fluxo', um campo invisível de circulação de energia divina, espiritual.”

Nesse sentido, ao presenciar nas reuniões de oração na Universidade e ouvir os jovens dizendo que “enquanto estava com os olhos fechados, Jesus me dizia que...” ou no I Fórum da Juventude de Juiz de Fora, assunto que será abordado no capítulo seguinte, todos aqueles jovens orando, cantando em línguas e repousando no Espírito, representando uma experiência místico-espiritual, pode-se dizer que a proximidade com o Movimento Nova Era é expressiva.

Outrossim, ao utilizarem expressões como, por exemplo, “deixe-se encharcar pelo poder do Espírito Santo” estão imprimindo, como observa Oliveira (2004, p. 177-178), “a idéia de Espírito Santo de Deus como um ‘campo ou fluxo contínuo de energia’.” Segundo a autora, a própria expressão do Pe. Eduardo Dougherty, “movimentação de Espírito”, utilizada para explicar os fenômenos vividos na Renovação Carismática, “é sugestiva de comparação com a concepção taoísta representada nos movimentos do T'ai Chi Chuan,” onde segundo Leila Amaral (2000, p. 142) “Chi” é “fluxo de energia” ou “a força vital por todo o corpo humano.”

Os jovens do GOU de Juiz de Fora, ao tratarem da questão do Projeto Campinho, assim como em vários outros depoimentos carismáticos, colocaram-se com um discurso de grande proximidade com o movimento Nova Era. Ao destacarem que “Deus colocou em seus corações que era hora de fazer algo mais pelas pessoas necessitadas e depois de dias orando e refletindo, tiveram a resposta [Dele]. No entanto não sabiam um local onde poderiam desenvolver o projeto. E mais uma vez, contando com a providência, Deus os mostrou as pessoas que poderiam direcioná-los para uma localidade adequada, em que seria possível desenvolvê-lo.”

Aqui demonstram que a “Providência Divina” prevaleceu em suas decisões. Nesse sentido pode-se comparar com o que Camurça (1998, p. 106) destaca como o mito hinduísta da dança de Shiva, o “Deus da Criação”. Segundo o mito, esse Deus sustenta o ritmo do Universo com sua dança cósmica. Da mesma maneira o Espírito Santo parece impulsionar situações e pessoas.

Ao aproximar, portanto, o próprio evento “I Fórum da Juventude” com o universo “Nova Era” das feiras místicas e workshops, analisado em trabalho etnográfico por Leila Amaral (2000, p. 142), compreende-se que em ambos a espiritualidade é vista sob a ótica de “aprimoramento constante”, relacionado à “busca” do bem-estar do “Corpo”, da “Mente” e do “Espírito”.

Conforme a autora:

os freqüentadores não se encontram na feira em busca da tradição ou da razão, mas em busca de si mesmos, através das tradições e das culturas que provêm de outras partes e de outras pessoas. Encontram-se com uma busca que tem um fim em si mesmo, desde que o que se persegue seja uma transformação contínua do self: “alcançar mais aquela sua verdade inesgotável”, “tornar-se melhor”, “começar de novo”, enfim, sentir-se penetrado pelo “pleno potencial de vida” que é o “espírito”.

Salvo suas peculiaridades, haja visto que em alguns, diria poucos momentos, o assunto foi encaminhado no sentido de discussões de contexto político-social nos workshops, o Fórum também evidenciou-se como um momento de satisfação muito mais pessoal que coletiva. “Melhorar/transformar a vida”, “experimentar o Espírito Santo”, local de “experimentar mudanças imediatas e imprevistas”, foram pontos marcantes no encontro.

Tem-se aqui, portanto, um discurso carismático que, apesar de relacionado às tendências tradicionais do catolicismo, apresenta-se com uma linguagem que pode-se chamar de pós-moderna que é a questão do autocontrole, do diálogo com o interior e principalmente da ambivalência entre exclusivismo e hibridismo.

2.4 - Cura como meio de inserção na modernidade

Nesta interação que acontece entre o sagrado e o ser, a Igreja Católica parece cada vez mais se pôr diante da modernidade. No entanto, é visível o quanto sua impulsionadora, a Renovação Carismática Católica, se envolve ao mesmo tempo entre tendências modernas pela via tradicional, trazendo à tona características pós-modernas.

Diante desse retorno de muitos fiéis à Igreja Católica é comum dentre seus pedidos de oração, ou mesmo nas palestras e pregações, a questão da cura. No entanto, não são somente curas para doenças físicas, mas também psíquicas, como depressões, traumas, angústias, ansiedade, solidão, medo.

De acordo com Irmã Maria Eunice, “a ansiedade/preocupação, por exemplo, entre inúmeras enfermidades psicológicas, destaca-se a ansiedade. Ela é a base de todos os problemas emocionais. De todas as feridas emocionais: do medo, da solidão, da depressão. [...] A ansiedade gera a insegurança. [...] A maioria de nossas doenças físicas são emocionais. São psicossomáticas.”¹⁰³

No entanto, Sílvia Fernandes (1996, p. 113) observa que “muitas doenças podem ser percebidas como mal físico gerado por traumas de infância que necessitam de “cura interior”,

¹⁰³ Palestras: Cura e libertação: ansiedade e a preocupação, Irmã Maria Eunice. Disponível em CD-ROM – Canção Nova.

ou como ação demoníaca sobre a vida do indivíduo que, “fraco na fé” é possuído pelo mal, representado pela figura do demônio.”

O que chama a atenção nessas situações é que não necessariamente precisa ser o padre o portador da cura, mas outros fiéis que recebem o “dom da cura”.

Padre Serafino Salvo relata que foi pároco por muitos anos e que visitou centenas de doentes. Mas jamais teve a presunção de poder curá-los por meio da imposição das mãos. Quando começou a participar da Renovação Carismática, porém, foi-lhe dito que “entre os grupos de oração se realizavam numerosas curas”, mas ainda dizia não estar convencido.

Encorajado pelo exemplo de outros, acabou impondo as mãos a uma jovem senhora que, segundo ele, sofria de leucemia e os médicos tinham lhe dado dois meses de vida. De acordo com Falvo (1976, p. 82) “[...] a jovem senhora confessou-me que, enquanto eu orava por ela, senti algo estranho tomar conta de todo o seu ser, como se fosse um choque elétrico a perpassar-lhe todo o corpo, da cabeça aos pés. Na tarde daquele mesmo dia, ela se sentiu melhor e, dias depois, os médicos deram-na completamente curada. Hoje, ela está forte e sadia, irradiando alegria em seu lar.”

No testemunho acima é possível compreender, ao menos em parte, o que é para os carismáticos católicos o “dom da cura”, que segundo Falvo (1976, p. 82), a Igreja sempre exerceu. No entanto, o problema foi que com o tempo impôs-se a convicção de que esse dom deveria ser um dom reservado somente a alguns privilegiados e santos. Diferente da atualidade em que esse dom passa a ser comum.

Durante as reuniões de oração que se realizam nas paróquias, é comum terem um tempo destinado à cura com a imposição de mãos. Geralmente antes de a reunião ser iniciada. Em alguns encontros, é pedido para que a própria pessoa coloque a mão onde está sua dor, se for física. Caso seja uma dor “psíquica” ou que não há possibilidade de a pessoa tocar, ela deve então colocar sua mão no coração, mentalizando naquela doença. Esse instante, geralmente, vem acompanhado de “orações em língua” ou de músicas, em uma ligação direta do ser com o Espírito. Um exemplo é a música “Cura-me senhor” onde as pessoas vão cantando e participando de um momento de cura:

Vamos Jesus passear na minha vida
 Quero voltar aos lugares em que eu fiquei só
 Quero voltar lá contigo, vendo que estavas comigo
 Quero sentir teu amor a me embalar
 Cura Senhor onde dói, cura Senhor bem aqui
 Cura Senhor onde eu não posso ir
 Cura Senhor onde dói, cura Senhor bem aqui

Cura Senhor onde eu não posso ir
 Quando a lembrança me faz adormecer,
 sabes que a espada da dor entra em meu ser
 Tu me carregas nos braços, leva-me com teu abraço
 Sinto minh'alma chorar junto de ti
 Tantas lembranças eu quero esquecer,
 deixam vazio em minh'alma e em meu viver
 Toma Senhor, meu espaço, te entrego todo cansaço
 Quero acordar com tua paz a me aquecer.¹⁰⁴

Contudo, nas reuniões do GOU, a cura não é realizada pela imposição de mãos. Diferentemente, é feita por meio de orações e no momento em que estão refletindo. Poderia-se dizer que a cura ocorre em um momento de “meditação”. São pedidos de cura não somente físicas, pelo seu cansaço, desânimo, dificuldade em alguma disciplina e até falta de fé.

No I Fórum da Juventude, a cura também foi percebida em dois momentos distintos¹⁰⁵. Primeiramente, quando a Coordenadora Nacional do Ministério de Promoção Humana da RCC pediu que cada um daqueles jovens que estavam ali fechassem seus olhos e se esforçassem para lembrar de momentos de sua infância em que se sentiram rejeitadas ou sofreram algum tipo de trauma. Depois de um tempo, quando foi pedido para que falassem, todos ao mesmo tempo, seus traumas, estava havendo um momento de cura. Algo parecido com a libertação de um mal que os afligia.

Um segundo momento de cura bem marcante, foi quando centenas de jovens começaram, durante a pregação de Irmã Maria Eunice, a “repousarem no Espírito”. Segundo a Irmã, estar em “repouso” significa muitas vezes estar sendo curado. “É um momento de graça em que a pessoa pode estar se libertando de algum mal.”

No caso, os dois momentos ocorridos no Fórum são provenientes de cura interior que requer, conforme Silveira (2000, p. 7), “a utilização explícita dos dons e a que mais se pareceria como uma prática terapêutica.” Não obstante, para a última situação descrita acima, dons de língua e de cura, esse por meio de imposição de mãos, constituíram o momento. De acordo com o autor, parece que essa ritualidade, que se forma a partir da oração de cura interior, “institui uma espécie de ‘mundo interior’, expressão da subjetividade religiosa da RCC.”

No entanto, existem na Renovação Carismática Católica outros momentos predefinidos apenas para situações de cura, tais como “missa de cura e libertação”,

¹⁰⁴ Cura-me senhor. Música do grupo Agnus Dei.

¹⁰⁵ Ambos os momentos foram comentados no capítulo 2 e aparecem aqui a título de complementar o assunto.

“seminários de cura interior e libertação”, ou ainda grupos de oração de “cura interior e libertação”.

Independente de qual seja a prática religiosa de cura, o objetivo parece ser levar o fiel, assim como suas mentes, corpos e, talvez principalmente, seu “interior” a um contato com o Sagrado, cujo poder é segundo Silveira (2000, p. 147), desencadeado para “combater a profanação dos corpos (prostituição, sexo antes do casamento, aborto, métodos anticoncepcionais não naturais); a profanação dogmática, (multiplicação das seitas, práticas esotéricas e as ligadas as religiões afro-brasileiras) e a profanação psicossomática (as “doenças” corporais e especialmente as ligadas a psique, como as depressões, angústias, medos, traumas).” É nesse sentido que “levar a pessoa ao contato com o poder do Espírito, é também levá-la à cura de suas enfermidades, das enfermidades psicossomáticas.”

Muitas dessas curas, principalmente as interiores, são posteriormente testemunhadas em outros eventos. Geralmente durante alguma pregação. São citadas curas relacionadas à angústia, à depressão, aos vícios, às doenças físicas, crises familiares ou financeiras e até à falta de fé. Esses locais de testemunhos seriam “o espaço essencial de reconstrução da identidade sócio-existencial, tão fragmentária na experiência da modernidade e ‘pós-modernidade’.” (2000, p. 147).

CAPÍTULO 3 - O GOU COMO ESPAÇO DE CONFLUÊNCIA DO MISTICISMO E MODERNIDADE

Diante das transformações vivenciadas pelo catolicismo na atualidade, compreende-se que a Renovação Carismática Católica está entre um dos seus maiores pivôs. Isso quer dizer que muitas das mudanças com as quais a Igreja Católica convive, grande parte tem influência direta da RCC.

Conforme Almeida e Rumstain (2004, p.9), a Renovação Carismática Católica (RCC) organiza grandes eventos reunindo milhares de pessoas em datas comemorativas da Igreja Católica em torno de figuras como Padre Marcelo Rossi e que contam com a participação de grandes artistas de novela, sertanejo ou do mundo pop.

De acordo com os autores, há um outro lado onde a sociabilidade dos grupos resulta em programas em conjunto, como cinema, festivais de pizza, barzinho de Jesus (que somente tocam músicas de louvor e não vendem bebidas alcoólicas), Baile de Jesus, Lazer no Espírito (churrascos, jogos de bola, tudo com “um espírito cristão”), e outros mais. (ALMEIDA; RUMSTAIN, 2004, p.9-10)

São exemplos de novas formas de sociabilidade que sugerem maneiras “diferentes” de participação no espaço público. Essas, são possibilidades, muitas vezes, reapropriadas para aqueles jovens que queriam “estar com Deus”, mas sem deixar de lado a diversão com a qual estavam acostumados ou convivem seus parceiros.

Ao procurar compreender essas novas modalidades de converter o espaço público à formas religiosas, compreende-se que a princípio o GOU tem como finalidade atuar nas universidades, ou seja, a evangelização desse espaço. Portanto, ao observar o GOU da UFJF ficou entendido que a pertença do movimento não está limitada somente ao espaço universitário.¹⁰⁶ Ao contrário, estão atravessando espaços laicos e permeando a esfera da política, da ciência, da arte, do lazer e da tecnologia.

¹⁰⁶ Alguns dos aspectos analisados são comuns à outros grupos, como o Grupo de Partilha Profissionais do Reino (GPP). No entanto, serão tratados aqui, além dessas, outras características específicas do GOU.

Loriza Almeida (2004, p.14) observa que o jovem universitário na atualidade é rotulado como alienado e politicamente descompromissado. No entanto, a autora demonstra que houve uma mudança nas formas de manifestação da juventude. Hoje, elas “estão estruturadas sobre novas formas de expressão, inclusive as que se referem ao campo político.” Fundamentalmente, transferindo essa hipótese para o jovem universitário carismático o que vem aparecendo na atual conjuntura é a preocupação e atuação desses nos assuntos correlacionados com a sociedade. Ao contrário de um imobilismo, depara-se, sim, com atitudes concretas em que o discurso de suas crenças, munidos de toda uma formação universitária, estão contribuindo para a transformação da visão que foi construída em torno de um estilo carismático.

O jovem universitário carismático, muitas vezes, ao atuar em alguma atividade social ou política, estará fazendo, geralmente, de forma comunitária. O que se percebe é que ele vai em nome de um princípio, no caso do que foi observado nesta pesquisa, um princípio cristão, com “orgulho” em dizer a qual propósito e em nome de quem está lutando. Passa a haver um “orgulho” por defender ou lutar por uma causa em nome do catolicismo.

Conforme Guerra (2003, p. 16) esse “orgulho” de ser católico é algo que faz parte da modernidade. Segundo o autor “[...] essa proposta implica numa identidade católica moderna, marcada pela idéia de ‘novo nascimento’ espiritual, por uma visão do catolicismo como energético, ‘para cima’, que produz entusiasmo e bem-estar nos que o incorporam.” E esta identidade católica, ao meu ver, ressurgiu na atualidade com a Renovação Carismática Católica.

Como observa Sílvia Fernandes (1996, p. 112), a “transformação do ethos religioso e como consequência da visão de mundo, dá ao passado um caráter maleável, permitindo a reconstituição da identidade numa perspectiva de superação.”

De acordo com Fernandes (1996, p. 112), a identidade dos carismáticos é definida em oposição, por exemplo, ao sincretismo que existe no catolicismo tradicional, o que “é percebido pelos católicos carismáticos como um diferenciador entre sua prática religiosa e aquela vivida pelos católicos não carismáticos.”

Buscando o que há de novo no comportamento dos universitários e procurando compreender quais são as influências e modificações pelas quais a juventude universitária vem passando, Loriza Almeida (2004, p. 10) percebeu em sua pesquisa “novas formas de comportamento sócio-político nos estudantes universitários, que realizam várias intervenções

na sociedade, negando a opinião de alguns estudiosos que os limitam a comportamentos apáticos e alienados.”

3.1 - Festas e retiros como lugares de hibridização e do místico

As reuniões de oração, realizadas nas salas de aula, como descrito no capítulo anterior, seguem um roteiro que é básico em um tempo pré-estabelecido. Quando necessário, aproveitam alguns minutos para divulgarem ou resolverem pendências sobre algum assunto.

Já nas primeiras reuniões acompanhadas por mim durante o trabalho de campo, o que se falava sempre era da programação de uma festa. Era um festival de tortas doces e salgadas que ocorreu no dia 4/6/2005, no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES).

Todos demonstravam grande entusiasmo e também preocupação pelo assunto. Minha surpresa foi grande, pois, num primeiro momento, o que esperava em um grupo deste é que estivesse em uma sala de aula da universidade em horários pré-estabelecidos para cantarem e orarem, ou seja, fazendo a reunião de oração. E, no entanto, não foi apenas isso o que ocorreu durante o período de etnografia.

O trabalho, que é todo de responsabilidade desses jovens católicos, desde a divulgação, organização até o momento do evento, é feito em conjunto, muitas vezes dividindo-se em equipes. Durante a realização das reuniões de oração do GOU, era sempre dispensado um tempo para resolverem algumas pendências. Uma delas era decidir quem ficaria em qual equipe para saírem pela cidade arrecadando material para fazerem tortas ou conseguirem ganhar tortas prontas. Todos, no entanto, estavam com a incumbência de divulgarem e venderem ingressos. Alguns se prontificavam em elaborar cartazes para afixar nas dependências da Universidade. E o trabalho era realmente colocado em prática.

Em todos os encontros do grupo, frisavam muito que no festival teriam a presença do bispo Dom Paulo, que estaria pregando sobre Maria e a questão da Santidade. Em vários sábados que antecederam ao evento, ocorreram encontros de perseverança, com palestras contendo assuntos variados como, por exemplo, a importância da missa e a explicação de cada uma de suas etapas.¹⁰⁷

O festival foi marcado por dois momentos. Primeiramente, a palestra com o bispo. Durante a palestra foi possível contar umas setenta pessoas (chamando a atenção para o fato

¹⁰⁷ Para cada assunto que era apresentado nos sábados, durante a perseverança, havia a presença de um padre diferente.

de que era sábado à noite), sendo que muitos dos integrantes do GOU não estavam presentes na palestra por estarem preparando para o segundo momento. Neste, o bispo falou ao público jovem sobre a importância de Maria em suas vidas e dos vários títulos atribuídos a Virgem. Aproveitou para falar sobre os santos. Por que algumas pessoas se tornaram santas e o que significa isso para a Igreja Católica.

Após a palestra, todos seguiram para o salão onde aconteceria o festival, que contou com uma participação de aproximadamente cento e trinta pessoas. Um grupo esperava na porta, fazendo a acolhida, que é expressivo entre os carismáticos. Abraços, aplausos, sorrisos e música católica. Assim as pessoas que iam chegando eram recebidas. No salão, um banner enorme com o “mascote” do Ministério Universidades Renovadas e por todo o salão, o mesmo símbolo, mas em tamanhos menores. Maneira de demonstrar, por meio dos símbolos que o evento faz parte do GOU.

Ao indagar sobre o objetivo da festa foi possível perceber, e também confirmado em conversa informal com alguns universitários carismáticos, que essa teria função de socialização, além de abrir novos caminhos de evangelização. Pois, procurando uma maior fidelidade aos preceitos católicos, essas festas tornam-se necessárias para estabelecerem um convívio entre seus membros. Haja vista que essa é uma dificuldade encontrada devido ao meio com o qual convivem. Ao ingressarem em uma universidade estão em contato com jovens de costumes e credos totalmente adversos (pessoas que consomem bebidas alcoólicas, drogas, ateus).

Portanto, tem aumentado a cada dia o interesse/necessidade em estar desenvolvendo eventos e festas para que, a partir desses, haja uma maior aproximação entre os integrantes, que se consideram, como relatado por vários entrevistados, e visto no capítulo 1, uma família.¹⁰⁸

V.F.S. comenta que o objetivo dessas festas estaria no fato de que seriam para eles:

[...] mais um momento para se encontrar, [...] pois no GOU o tempo é pequeno e é corrido. Então marcando no final de semana, conseguimos reunir mais pessoas, conversar mais. Mas muito também que tentamos fazer é mostrar que quem está na universidade pode estar com a gente. Quem chega de fora, não está sozinho. Passar um pouco da nossa alegria, que estamos ali, nas mesmas dificuldades, que tem um escape.

¹⁰⁸ É interessante lembrar como esses grupos carismáticos vêm se fortalecendo como detentor na função de “família”. Cecília Mariz, ao pesquisar sobre as “Comunidades de vida no Espírito Santo”, também os compara a um novo modelo familiar. Cf. MARIZ, Cecília. “Comunidades de vida no Espírito Santo”: um novo modelo de família? (mimeo).

É perceptível que esses jovens sentem a necessidade de que os encontros aconteçam com maior frequência. Afinal, são canais para permanecerem “fiéis” a seus princípios, pois estando ali aumenta a probabilidade de deixarem de estar envolvidos em atos com os quais seus pares não compartilham (bebidas alcoólicas, drogas, sexo antes do casamento). Daí a relevância de eventos com um tempo maior que as reuniões de oração, onde possam oferecer apoio aos colegas novos que chegam e ajudar aqueles que estão passando por alguma dificuldade.

Contudo, aproveitam também o momento como oportunidade de estarem divulgando o projeto das Universidades Renovadas. Como demonstra V.F.S “não é só o objetivo maior que é conhecer a Deus, mas nos conhecermos também. [...] os eventos são artifícios para que as pessoas conheçam o projeto e nos conheçam. É esse mais ou menos o objetivo.” Em conversa informal declaram que é um momento para as pessoas os virem felizes e detectarem que não precisam do consumo de bebidas alcoólicas ou de drogas para se sentirem bem.

Nesta festa, foi possível perceber como a Igreja Católica parte em busca de novos espaços para continuar mantendo/recuperando adeptos. Se o jovem gosta de sair aos finais de semana e talvez isso o leve ao risco de “se afastar de Deus”, então ele agora pode se divertir, mas estar em um espaço público “contaminado” pelo sagrado.

A respeito dessa hibridização entre profano/sagrado Emerson Silveira (2003) descreveu uma festa interessante, denominada Festa do Happy Day, que se passou em Juiz de Fora, organizada por jovens carismáticos. Segundo os integrantes do GOU, não se sabe a justificativa do porque não acontece mais. Essa foi descrita por Silveira como um evento de reação ou apropriação ao “Dia das Bruxas” no dia 31 de outubro.

De acordo com o autor (2003, p. 137-138), essa festa foi composta por músicas carismáticas e orações. Seus participantes, com idade entre 15 a 26 anos, estavam fantasiados dos santos de suas devoções. O autor observa que o ambiente era composto por tons claros justamente para contrapor os tons escuros do halloween. Contrapondo as figuras de caveiras, vampiros, esqueletos e de bruxas, estavam as figuras de Jesus, anjos, santos e Maria.

O que se detecta na análise de Silveira é que essa festa demonstrou a apropriação de um espaço profano, pelo sagrado. Foi uma maneira daqueles jovens católicos estarem comemorando, mas sem deixar de lado seus preceitos religiosos (jovens vestidos de santos de sua devoção numa atitude entre o lazer e o louvor).

Almoço aos domingos, festa junina, também são eventos constantemente promovidos entre os universitários. I.R. observa que os jovens carismáticos procuram não se esquecer de

que por meio desses eventos, além de estarem em confraternização, estão também evangelizando, o que admitem que deixam passar despercebido em muitos momentos. Segundo I.R.

[...] ali é o momento de dar um atendimento especial. De oferecer alguma coisa diferente. [...] De sair evangelizando por meio da palavra, do olhar, da nossa convivência. Quem vem de fora e vê a convivência que temos enquanto comunidade. Vêm o amor que sentimos um pelo outro. Ver e querer ter isso para elas também.

Assim, parafraseando os dizeres de Silveira, a festa pode ter continuidade ou ser apenas um evento único, sem repetições. Em todo caso, ela é um plano de análise dos comportamentos, idéias e valores que os grupos colocam em jogo, de diversas maneiras: ao dramatizar suas relações com a sociedade em geral, lapidar bens e valores, a promover sacrifícios, ao reafirmar/romper, simbólica/concretamente, com crenças e tradições.

Um outro momento de etnografia que chamou bastante a atenção como forma de reconhecer o catolicismo inserido na modernidade foi o RUAH. De acordo com site do grupo, “Ruach”:

[...] é como os primeiros cristãos designavam a ação do Espírito de Deus em suas vidas. Ora línguas de fogo, ora um sopro suave, uma moção divina. Um vento que sopra onde quer...Um fim de semana, um local tranqüilo, um grupo de pessoas inquietas. Querendo algo a mais da vida, de seus estudos, suas profissões. Querendo viver em paz, viver com emoção, fazer valer o curto tempo que têm nesta Terra! Querendo tão somente ser felizes, ter a vida plena de sentido...¹⁰⁹

Este encontro, que acontece semestralmente, teve início em uma sexta-feira à noite e terminou na tarde de domingo. Seguindo na mesma linha dos outros Grupos de Oração e nitidamente mais desinibidos que nas reuniões de oração na universidade, o encontro foi marcado por vários momentos de depoimentos, muita música, reflexões e pregações. Pessoas em círculo, mãos dadas, aplausos, abraços e danças são constantes. Não obstante, sempre prevalecendo a emoção. A cada depoimento ou reflexão, sempre se fazia presente um momento para se fechar os olhos e uma conversa com o próprio eu. São a subjetividade e o self¹¹⁰ como presenças marcantes no ritual carismático. A partir desse momento já é possível e comum observar muitas pessoas chorando e, logo em seguida, aplausos e gritos de alegria muito fortes.

¹⁰⁹ Disponível em <http://jf.pur.com.br/ruah.htm>. Acesso em 21/5/2007.

¹¹⁰ Esses dois assuntos foram tratados no capítulo anterior.

Self, uma tendência moderna da RCC, é entendido aqui como locução interior, que fala no interior dos integrantes e que é apresentado na própria consciência. (2001, p. 130) Conforme Silveira (2000, p. 48) “[...] a ritualidade emocional dos cultos carismáticos possibilitaria ao adepto reavaliar sua subjetividade, empreendendo uma vivência cada vez mais reflexiva em torno da reavaliação de si, que realiza ao entrar nas atividades do grupo.”

Conquanto, essa subjetividade é atribuída a um cuidado consigo mesmo. Segundo Silveira (2000, p. 48), ao ser construído, no grupo de oração e em outros espaços da RCC, um espaço de manifestação tanto das subjetividades como de suas demandas, “a performance ritual por meio do discurso, do cantos, das orações proferidas, permitem o estabelecimento de uma analogia entre o domínio do que está sendo ritualmente expressado e o domínio da experiência cotidiana dos participantes.”

Ao tratar da questão da subjetividade, Fernandes (1996, p. 112) observa que experimentar a “falta” conduz a uma busca constante, pretendendo preencher o “vazio interior”. Conforme ocorre a satisfação na esfera espiritual “as adversidades materiais são amenizadas.”

A emoção, que possibilita ao adepto reavaliar sua subjetividade, é de considerável relevância entre os carismáticos. Conforme Prandi, ao examinar o movimento carismático, os encontros dos integrantes em grupos de oração são marcados por um forte caráter emocional. O autor comenta que é importante para o fiel sentir o Espírito Santo antes mesmo de o compreender. (cf. PRANDI; FERNANDES, 1996, p.61 - 112)

Conforme demonstra Hervieu-Léger (1997, p. 33), o movimento carismático expressa tendências emocionais comunitárias. Segundo a autora, “todas as comunidades emocionais dão um peso particular ao engajamento do corpo na oração, à manifestação física da proximidade comunitária e da intensidade afetiva das relações entre os membros.”

A emoção, como parte indissociável da Renovação Carismática Católica estava, talvez, em um dos momentos mais marcantes do encontro. Um jovem advogado, integrante dos “Profissionais do Reino”, dava um depoimento ao grupo quando de repente um participante (responsável por uma das equipes) pediu a palavra dizendo que estava sentindo uma forte necessidade de falar ao público.

Começou a narrar um caso de um usuário de droga que chegou ao ponto de abusar sexualmente de sua própria irmã. Falou da raiva que esse sentia por sua mãe e por seu pai e do desprezo com o qual tratava toda sua família. Ao final de seu relato assumiu que era ele o jovem de quem falava durante todo aquele tempo, o que pareceu ser uma surpresa para todos

que ali estavam. Ele explicou que nunca havia falado sobre o assunto com mais ninguém, além de um amigo que foi para ele um “conselheiro espiritual”. Mas que naquele momento sentiu um forte desejo de falar porque alguém, ali dentro, poderia estar vivendo uma situação semelhante e precisava saber/ver que com Deus há solução para todas as causas.

Ao final, com muito choro e abraços, foi aplaudido por todos que estavam presentes. O Ministério da Música fortalecia o momento com músicas voltadas para o poder do Espírito Santo. A emoção mais uma vez como protagonista no cerne do movimento.

O Ruah favoreceu momentos em que a expressão corporal e as emoções foram de grande relevância, seja para tornar o momento mais animado ou para chamar mais a atenção dos jovens participantes, dois grandes atrativos.

No sábado, durante o encontro, após o intervalo do almoço, todos os participantes fizeram uma grande roda. O Ministério da Música, com bateria, guitarra, violão, pandeiro, ficou por conta da animação. A música falava de uma pessoa que estava mal e que “parecia um vaso que se quebrou, mas conheceu Deus e o vaso endireitou”. A cada vez que a música repetia uma pessoa que ficava sozinha no centro do círculo, simulava um vaso quebrado e dançava até o chão e se levantava como um vaso novo. Quem estava no círculo, escolhia alguém na roda e a trazia para o centro para que fizesse o mesmo. Pessoas mais tímidas, outras mais ousadas, a participação foi quase que unânime.



Foto 7 - jovem dançando no Ruah. Arquivo pessoal, 2005.



Foto 8 - jovem dançando no Ruah. Arquivo pessoal, 2005.

Convergindo para o argumento de Hervieu-Léger, Silveira (2000, p. 144) observa que ligados ao experimentar, que é algo relevante na RCC, estão a emocionalidade e o misticismo, o que, conforme o autor, expressa uma crescente subjetivação ou psicologização da religião.

Silveira (2000, p. 155) demonstra que o corpo, antes enfatizado como o medo, o terrível, é agora para ser habitado pelo Espírito, com a finalidade de ser locus de alegria. O autor (2000, p. 164) observa que “a interioridade do sujeito seria objeto de ‘salvação’ da religião.”

Um outro acontecimento desse evento, desta vez direcionado não só a emoção, mas também a “providência” merece ser mencionado. Foi feita uma dinâmica e todas as pessoas foram divididas em equipes e levadas para salas diferentes, cada qual com um coordenador. Cada grupo possuía um nome como, por exemplo, Lucas, Marcos, Mateus. Nas salas, as cadeiras já estavam organizadas em círculos e todos foram se acomodando e se preparando para iniciar com uma oração conduzida pelo coordenador.

Dando sempre muita ênfase às dificuldades para se estar ali naquele momento, o coordenador pediu que cada um relatasse, caso tivesse passado por alguma experiência de obstáculo para estar ali. Isso seria um exemplo para alguém que talvez tenha vivenciado alguma dificuldade ou falta de vontade, mas venceu a barreira para estar com Deus. Essa situação deu a atender uma valorização da perseverança. Muitas pregações são trabalhadas no sentido de que “para estar com Deus precisamos ser perseverantes”, “não vamos pensar que é fácil seguir a Deus” ou frases do tipo “quando estamos ao lado de Deus as coisas se tornam mais difíceis ainda, porque as tentações são maiores”.

Em meio a tudo isso chamou à atenção uma atitude do coordenador. Uma jovem que aparentava ter entre 16 a 17 anos, completamente vestida de preto, como um estilo “roqueiro”, não demonstrava satisfação nenhuma em estar ali. O coordenador apontou em sua direção e fez um comentário de que “ela não estava ali por acaso e que ainda estaria muitas vezes ali, em outros encontros, no entanto, servindo a Deus”.

Como costumeiro entre os dizeres dos carismáticos: “isto seria uma providência divina”. Em outras palavras, aquela jovem estava ali à força (divina), mas porque Deus tinha algum propósito para ela. Estava ali porque Deus a levou, era um desejo Dele. Recordando as palavras de Braga (2004, p. 115), “a ‘providência’ é a entrega e a obediência que corresponde à possibilidade de que Deus se encarregará do necessário.” Aquela jovem que estava ali contra sua própria vontade, na realidade havia sido conduzida por Deus. Sua resposta ao coordenador foi, primeiramente, um olhar de espanto, mas, em seguida, disse que não queria realmente ter ido ao Ruah e não sabia por que estava ali. Comentou sobre alguns conflitos familiares, como brigas constantes com sua mãe e, em um tom de dúvida, se estar ali era providência ou não, começou a chorar.



Foto 9 - Palestra durante o Ruah. Arquivo pessoal, 2005.

3.2 - O I Fórum da Juventude

Ao buscar novas formas de sociabilidade da Igreja Católica como maneira de adequação à sociedade moderna, um encontro trouxe diversas possibilidades. O “I Fórum da Juventude” que foi realizado entre os dias 26 e 27 de junho de 2007, no Colégio Cristo Redentor, em Juiz de Fora. Esse encontro foi uma parceria da Renovação Carismática Católica com a arquidiocese de Juiz de Fora. Foi composto por dois encontros em só espaço: “jovens” em uma repartição e “família” em outra. De acordo com Gilmar, um dos organizadores do fórum, esse contou com a participação de aproximadamente 1.200 pessoas, das quais cerca de 400 eram jovens, residentes não só em Juiz de Fora, mas em cidades próximas como Santos Dumont, Matias Barbosa, São João Nepomuceno, Bicas, Mar de Espanha dentre outras.

Trazendo como lema: “Avance para águas mais profundas”, em alusão a uma passagem bíblica, o encontro foi marcado por palestras, pregações, teatros, momentos de reflexões, muita música, cristoteca, celebrações e workshops. A todo o momento, entre uma dinâmica e outra, os jovens eram convocados a não terem medo de ousar, ou, “de avançar para as águas mais profundas”, como sugere o lema.



Foto 10 - Logomarca do I Fórum da Juventude. Arquivo pessoal, 2007.



Foto 11 - Jovem em um dos momentos do I Fórum da Juventude. Arquivo pessoal, 2007.

Muito marcante e de grande contribuição para a etnografia, devido aos discursos e estágios aos quais levaram o público jovem, foram as presenças do bispo de Juiz de Fora, Dom Eurico; Inez Pimenta, Coordenadora Nacional do Ministério de Promoção Humana da RCC; vários sacerdotes de Juiz de Fora e de regiões vizinhas e Irmã Maria Eunice da Comunidade Canção Nova.

O encontro chama a atenção desde o início com o que a RCC tem como uma de suas características mais marcantes: a acolhida. Na entrada do ginásio, jovens cantando e dançando. Colocando uma dose de humor, quatro rapazes vestidos de palhaços direcionavam algumas coreografias, muitas engraçadas e que acabavam descontraíndo a todos, como uma dança em que as pessoas iam se contorcendo toda e tinham que ficar um tempo em forma de

estátua. Ali os jovens permaneceram, cantando, dançando e rindo por volta de 15 minutos até servirem o café.



Foto 12 - Coreografia. Arquivo pessoal, 2007.

De volta ao ginásio, teve início uma encenação onde uma pessoa ia narrando e outras interpretando. Em alguns momentos, os “artistas” saíam e a peça era representada por danças. A apresentação resume-se no seguinte: tratava-se de dois jovens, sendo que um estava com dificuldades em uma disciplina. Um colega ajuda ao outro e a dificuldade é superada. Uma indagação direcionou a apresentação a uma reflexão: “ajudo meu amigo que está em dificuldade na Universidade?”

Essa encenação foi finalizada com uma dança que tinha como representação o lema “um pelo outro”, valorizando a importância em se ajudar o próximo, no caso daqueles jovens, principalmente diante das dificuldades constantes na Universidade.



Foto 13 – Apresentação durante o fórum. Arquivo pessoal, 2007.



Foto 14 - Apresentação durante o Fórum. Arquivo pessoal, 2007.



Foto 15 - Jovens durante o Fórum. Arquivo pessoal, 2007.

Ao término da encenação, começaram a cantar a música que foi tema do fórum: “Leva-me as águas mais profundas” que traz em sua composição a seguinte súplica: “Dá-me escolher/ as tuas águas/para mergulhar em Ti./ Dá-me conhecer/ a tua graça/ pra me decidir por ti!”¹¹¹. Ao som dessa música e com os olhos fechados as pessoas iam se embalando. Ao término desse momento, a pessoa que daria início a uma pregação, instigava para que todos gritassem, ainda com a participação do Ministério da Música com um tom musical mais suave, “eu sou livre”, cada vez em um tom mais alto ecoando por todo o ginásio. O Ministério, acompanhando os gritos, também aumenta gradativamente o som.



Foto 16 - Ministério de Música. Arquivo pessoal, 2007.

Inez Pimenta, ou “Tinez”, como é chamada por todos de uma maneira carinhosa, durante sua pregação, pediu que as pessoas fechassem seus olhos e lembrassem de momentos de sua infância em que se sentiram rejeitadas ou sofreram algum tipo de trauma. Assim foi pedindo para que cada um falasse seu trauma ou lembrança em voz alta, todos ao mesmo tempo, e fossem pedindo para que o senhor os libertasse. Ao final dessa fala, pediu que todos gritassem “Eu sou linda... eu sou lindona, que culpa tenho eu se Jesus me fez assim?”

Prosseguindo, solicitou, de acordo com a passagem bíblica: carta aos Romanos 12,2, que os jovens não se conformassem com este mundo. E aos poucos o Ministério da Música começa a cantar uma música do Padre Fábio de Melo em que um dos trechos diz: “já me acostumei com a falta de caridade, já me acostumei com os gestos de Barrabás, já me acostumei com toda a certeza. Pois a natureza de insano me atingiu.”¹¹² E fazendo esse pedido

¹¹¹ Música de Ziza Fernandes.

¹¹² Já me acostumei. Música de Alexandre Malaquias.

foi deixando claro para os jovens que “amem... Tanta gente passando fome, sofrendo. Viva “jesusmente”. Vamos agir como Jesus agiu. Não somos anjos. Sentimos raiva. Ser santo é ser normal, é ser gente.” Frase com a qual encerrou sua pregação.

Neste momento levanta do meio do público, dando continuidade às palavras de Inez Pimenta, Irmã Maria Eunice da Comunidade Canção Nova. Essa proferiu algumas palavras sobre a juventude onde afirmava que “em uma boate, em uma festa, eu vou me tornando luz. Isto é santidade.” Assim, explicava aos jovens que eles não precisavam deixar de sair, mas que soubessem estar nos lugares como filhos de Deus. E que, a cada instante, que tivessem oportunidade, evangelizasse, por meio de palavras ou de atitudes.

Durante o tempo em que Irmã Maria Eunice falava aos jovens, apresentou-os aquele que deveria estar acima de todos os seus pensamentos. Foi entrando, então uma procissão, composta por integrantes do encontro da “família”, trazendo o Santíssimo Sacramento, diante do qual todos se ajoelharam e assim permaneceram por cerca de vinte minutos. Tempo em que a Irmã continuou falando.



Foto 17 - Inez Pimenta durante sua pregação no I Fórum da Juventude. Arquivo pessoal, 2007.



Foto 18 - Irmã Maria Eunice da Comunidade Canção Nova. Arquivo pessoal, 2007.

Vários fatores podem ser analisados durante a pregação de Inez Pimenta. Primeiramente o comentário que essa fez com um dos organizadores, minutos antes de começar, de que “esse pessoal não é do aquário”. Ao indagá-la explicou que perceberam até mesmo pela maneira como diziam “amém”, que a maioria dos jovens que estava ali não era acostumada com o entusiasmo dos carismáticos e provavelmente nem estavam acostumados a

participarem de missas. Realmente, em vários momentos de pregações ou missas, era possível presenciar pessoas da organização buscando jovens que estavam deitados ou brincando na arquibancada.

Em seguida, o que se percebe é que foi uma pregação de muita valorização da auto-estima. O “ser belo” por ser criado por Deus foi muito valorizado. Você se aceitar como é, pois foi assim que Deus quis que você fosse. Essa valorização do interior, de se auto conhecer e aceitar-se, é paradigmática na RCC e algo novo para a Igreja Católica.

Outro fator que chama a atenção nesse encontro, e que também foi marcante na pregação de Inez Pimenta, é a necessidade que vem aparecendo, cada vez em proporção maior, de os jovens atuarem mais intensamente divulgando a religião Católica e, a partir daí, mostrar uma maneira diferente de “ser jovem”. Jovens que curtem o rock, o rap, o pagode, o forró, a dança, as coreografias, mas com um novo estilo: o de Jesus. Nesse sentido, o jovem não precisa deixar de “estar no mundo”, mas vai estar de uma maneira “sagrada”, longe de drogas, de bebidas ou de sexo. É o que Inez Pimenta denominou “viver jesusmente”.

Isto pode ser articulado dentro da análise feita por Loriza Lacerda de Almeida (2004, p. 9-10). Segundo a autora, os jovens atualmente:

[...] concorrem para a dissolução da identidade de ‘estudante’ e a formatação da nova identidade de ‘cidadão’, as mudanças verificadas nas relações culturais: a emergência das gangs ou tribos de jovens alicerçadas em grande parte em estilos culturais alternativos, a popularização da tecnologia informacional, em especial, a televisão e o computador (que oferece experiências juvenis on-line, onde o virtual e o real se confundem), o shopping center com sua primazia consumista e alienante, entre outras.

Juntamente com essa juventude caracterizada acima está embutida a juventude carismática, que forma sua “tribo” no Grupo de Oração Universitário e procura expandir-se buscando novos parceiros.

Mas as alternativas de inserção na modernidade que o catolicismo vem utilizando tendo como ponte a RCC e, conseqüentemente o GOU, não ficam por aí. Começa um segundo momento, na parte da tarde, em que a Irmã Maria Eunice, que teve uma pequena participação na parte da manhã, começa sua pregação. Ela inicia falando da importância da missão. Insiste no fato de que aqueles jovens não devem ter medo de serem jovens autênticos. Não devem ter medo da missão.

Segundo Irmã Maria Eunice “[...] Jesus sabia que à tarde viria a tempestade. Nós também. Nossa barquinha, às vezes, é assolada por tempestade: intriga na família, doença. O importante é não tirar o pé da barca (no caso, a Igreja). Atravessar para o outro lado, não ficar parado. Essa é a missão...” E nesse momento as palavras da Irmã chamaram a atenção daquele público jovem. Pois, afirmou que para que tudo isso aconteça “o primeiro passo é orar em línguas, que é a porta de entrada para muitos outros.” O medo/receio estava estampado na fisionomia na maioria dos jovens, que se entreolhavam partilhando a dúvida pelo desconhecido, ao menos, para a maioria.

A partir desse momento o encontro foi tomando um novo rumo. Irmã Maria Eunice começou a comentar sobre uma pessoa que havia “repousado no Espírito” na parte da manhã, durante a adoração ao Santíssimo Sacramento, e comentou como as pessoas ficaram assustadas. Procurando explicar esse dom do Espírito Santo observou que “você não é só corpo, é também espírito. Antes de ser formado, você já era espírito. Você entra em um estado que você escuta tudo, não sai de si. Não tenha medo. É uma graça. [neste momento, pediu para todos olhassem para trás e uma jovem estava deitada no meio do corredor]. É nesse momento [continua] que Deus pode me curar de um trauma.”

De acordo com Cardeal Suenens (2005, p. 2), o repouso no Espírito “trata-se geralmente de um fenômeno de queda involuntária, geralmente para trás, com muita frequência no decorrer de algum serviço religioso de cura ou de oração. Essa manifestação física visível pode ser descrita – vista de fora – por toda uma gama de expressões: cair, abater-se, desmoronar, deslizar, ficar abalado, estirar-se, oscilar, ficar rígido.” Conforme o autor, o termo clássico e habitualmente empregado nos diversos meios carismáticos é: “fulminado pelo Espírito”, “invadido pelo Espírito”, “repouso no Espírito” ou “a benção”

Segundo o padre Jonas Abib (2004, p. 14), “[...] o que chamamos de ‘Batismo no Espírito Santo’ – pois é assim que Jesus o chamou [...] – podemos chamar, também, de ‘derramamento’ do Espírito Santo, de ‘efusão’ do Espírito Santo. O Batismo no Espírito Santo faz parte da Teologia da Graça: é uma graça ‘extraordinária, e que está tendo efeitos “extraordinários” na vida das pessoas.”

A irmã, portanto, faz um convite para que alguém que quisesse fazer o teste/experimentar fosse à frente. Muitos olhares, receio, até que uma jovem foi, ajoelhou-se, resistiu um pouco, mas, em aproximadamente dez segundos estava “em repouso”. E com a jovem ainda “deitada” a irmã foi dando mais explicações sobre o acontecimento. Chamou a

atenção para o fato de que aquela jovem estava, naquele momento, sendo curada e que, apesar de estar “em repouso”, conseguia ouvir tudo. Depois de um tempo, como que acordando uma pessoa, a irmã foi chamando pela jovem, que da mesma maneira que se desperta de um profundo sono, levantou-se e foi para seu lugar.

Após essa demonstração irmã Maria Eunice convidou todos a orarem em línguas e depois que cantassem também em línguas. Como explicitado no capítulo anterior, esse dom do Espírito Santo é, segundo Falvo (1976, p. 56-60), uma oração, feita em língua desconhecida, que se faz a Deus. “Consiste em proferir palavras que não são, propriamente manifestação de um pensamento formulado pela mente. Consiste em usar a língua para externar ao Senhor os sentimentos que não vêm de nós.” O autor observa que o “glossólogo”, além de saber o que está fazendo, é livre, podendo começar e terminar quando quiser. É, conforme Salvo, “o meio mais fácil de deixar plena liberdade ao Espírito para glorificar a Jesus e ao Pai” e “trata-se de um meio infalível para a obtenção de favores especiais e para dar combate às tentações”.

Prosseguindo, a irmã convidou quem não conseguia orar em línguas para que fosse à frente. Um ao lado do outro, à frente do altar montado para o fórum, cerca de trinta jovens oraram em línguas, cantaram e depois foram se ajoelhando para repousarem no Espírito. Sugeriu que quem também quisesse participar daquele momento, se ajoelhasse que ela iria até a pessoa. Pediu que tirassem as cadeiras, pois precisaria de muito espaço, afinal, segundo ela, “daqui a pouco esse espaço será pequeno para tanta graça, pois serão muitos repousando no Espírito. Será como um dominó enfileirado e caindo”. E não foi diferente.

Aos poucos mais pessoas iam ajoelhando-se, e às vezes, ela apenas aproximava e as pessoas já caíam. Pode-se dizer que, 90% dos jovens presentes estavam em “repouso” e aos poucos iam levantando-se, uns mais demorados que os outros. Naquele clima de conhecer algo até então não experimentado pela maioria, onde medo e curiosidade rondavam o ginásio, uma senhora, cujos dois dos três filhos são portadores de doença física, e acompanhada de sua mãe que ajudava, pediu para que a irmã fosse até elas.

A avó, nesse instante entra em repouso, e o que foi o momento mais marcante. A mãe, com uma criança aproximando-se três anos de idade (portadora de deficiência física) no colo, repousou no espírito, assim como também a criança. (2005, p. 18)¹¹³ No chão, por alguns minutos, o filho deitado sobre a mãe, ambos parecendo adormecidos. Foi um momento

¹¹³ De acordo com Suenens as crianças também “caem”, no entanto, é algo raro. Cf. SUENENS, Cardeal. O repouso no espírito, p. 18.

marcado por um forte caráter emocional, onde muitos jovens choravam e se abraçavam diante daquela situação.

Além da emoção presente no episódio descrito acima, é importante atentar-se para o “experimental”. Esse é imprescindível para os carismáticos. Como demonstra Silveira (2000, p. 80) “[a] emoção dota de substância o experimentar. A atitude de experimentar funda-se pela imersão do sujeito no fluxo de comunicação e vivência da vida social regulado pelos grandes modelos de socialização.” Na Renovação Carismática, assim como no GOU, o aspecto experimental da religiosidade é de profunda relevância, pois é a “via de redescoberta das verdades fundamentais da fé.”

Essa emoção e esse experimentar vão, portanto, além dos momentos de pregação. Passa-se também pelo experimentar o “sagrado” nas “coisas do mundo”. Ao comentar uma passagem do evangelho daquele dia o bispo faz um convite para que todas as pessoas batizadas na Igreja Católica ou em outra religião onde o batismo é válido, renovem a face da terra. O bispo continua:

Podemos estar no barulho e termos paz interior. Mas, podemos estar em um quarto fechado e não termos esta paz... Em muitos momentos da missa invocamos o Espírito Santo. Somos instrumentos de Deus. O que nos falta é estarmos abertos. O Espírito Santo sopra onde ele quer. Até nos ateus. João não se limita a nenhuma igreja. Graças à Deus estamos entendendo melhor a ação dele e estamos aceitando e partindo para um diálogo.

Mais no final da celebração, durante a consagração, o bispo volta a pedir: “rezemos por todos os irmãos, mesmo de outras religiões, pois não são nossos irmãos separados, mas irmãos na diversidade e na pluralidade.”

Essas palavras do bispo mostram-nos como mudou o discurso da Igreja Católica. A necessidade de um diálogo entre as religiões se fez presente em vários momentos da celebração. E ainda mais, o próprio reconhecimento de Dom Eurico, de que faltava à Igreja Católica esse reconhecimento e uma abertura maior para o diálogo.

Ao mencionar que o jovem pode estar no barulho, mas ter a paz, compreende-se que esse não precisa deixar de gostar de música ou de dançar, mas sim, fazer tudo isso com a presença de Deus. Não obstante, durante o fórum, em todos os intervalos a banda, representada pelo Ministério da Música, tocava em vários estilos, como o rap, forró ou rock. Ao terminar um intervalo, de café ou de almoço, as pessoas, que já encontravam o Ministério da Música tocando e cantando, adentravam no ginásio nos embalos do Ministério. Assim

ficavam até que a pessoa que fosse conduzir o próximo momento os pedisse para que se assentassem. De muito barulho ao silêncio, todos iam aquietando-se até que um novo momento de efervescência reiniciasse.

No sábado à noite, após a missa, todos começaram a se “concentrar” para a “Cristoteca”, onde os jovens dançam ao som de muita música católica em estilos variados. É um evento em que os jovens “curtem” como se estivessem em uma discoteca. A diferença é não haver bebidas alcoólicas e as músicas serem relacionadas a Deus, Jesus, Espírito Santo ou Maria. Diga-se de passagem, que a missa, imprescindível para os carismáticos, foi o momento em que muitos jovens aproveitaram para tomar um banho e se prepararem para o evento.¹¹⁴

As luzes se apagam, a fumaça produzida pelo gelo seco e luzes coloridas em forma de flores e estrelas começam a percorrer e decorar o ginásio. Como que em um movimento ensaiado todos se reúnem no centro do ginásio e ao som de muita música com coreografias bem conhecidas entre eles, todos cantam e dançam com muita euforia. Assim, observa-se um tipo de diversão antes profano sendo invadido pelo sagrado, seguindo justamente na direção do que foi falado por Dom Eurico (“este jovem não precisa deixar de gostar de música ou de dançar, mas sim, fazer tudo isso com a presença de Deus”) e por Irmã Maria Eunice (“em uma boate, em uma festa, eu vou me tornando luz.”).



Foto 19 - Jovens na Cristoteca. Arquivo pessoal, 2007.



Foto 20 - Jovens na Cristoteca. Arquivo pessoal, 2007.

¹¹⁴ Este fato pode corroborar o que foi observado por Inez Pimenta ao dizer que aqueles jovens “não eram do aquário”, ou seja, não eram acostumados nem a freqüentar missas.



Foto 21 - Jovens na Cristoteca. Arquivo pessoal, 2007.

3.3 – RCC/GOU: inserção na mídia virtual

Se como demonstrado no capítulo anterior, a Igreja deixou de ter medo dos meios de comunicação¹¹⁵, pode-se dizer que ela agora vem atuando cada vez no sentido de estar mais inserida neles. Assim, aspecto fascinante da Renovação Carismática Católica, que também contribuiu para sua inclusão na modernidade, é a sua atuação cada vez mais marcante na mídia e na internet. De acordo com Oro (1996, p. 90), tanto a CNBB quanto o clero católico reconhecem que há uma participação da Igreja Católica nos meios de comunicação social ainda muito pequenas se comparadas às igrejas evangélicas. Contudo, essa participação na mídia vem crescendo e criando, inclusive, condição de competitividade com as igrejas evangélicas.

A começar pelo assim chamado por Carranza (2005, p. 63), fenômeno midiático Padre Marcelo Rossi, a Igreja Católica vem conquistando espaço na mídia e possivelmente trazendo de volta a Igreja antigos adeptos. Com seu cântico cujo trecho traz como referência a dúvida de que não se sabe se “a Igreja subiu ou se o céu desceu”, demonstra que o fervor contido dentro do catolicismo mudou, ou seja, o catolicismo está se transformando.

Conforme Carranza (2005, p. 63), são canções “que alimentam um imaginário mítico no qual deuses e anjos transitam livremente na terra, projetando esteticamente um universo infantil. Músicas que, por serem executadas num ambiente litúrgico, a missa, permitem fazer a ponte entre um clima religioso e o divertimento, a evasão.” Segundo a autora, essa aeróbica de Jesus trouxe para a liturgia católica algo que talvez estivesse esquecido que é a jovialidade e a performance gestual.

¹¹⁵ Dom Orani João Tempesta, Arcebispo de Belém e presidente da Comissão para Comunicação da CNBB, ao abrir o ciclo de conferências do 5º Mutirão Brasileiro de Comunicação (Muticom), no dia 16/7/2007.

Padre Marcelo Rossi também atua evangelizando pelo meio radiofônico. Com o programa Momento de Fé por meio da Rádio Globo AM leva sua mensagem a ouvintes de praticamente todo o Brasil e o que é mais interessante é que o número de participantes que se declara evangélicos é considerável.

Com relação à participação na rede televisiva a Igreja Católica vem ganhando cada vez mais espaço. Atuando com a Rede Vida, TV século 21, TV Aparecida e Canção Nova, todas no interior de São Paulo e a TV Horizonte com sede em Belo Horizonte¹¹⁶ a Igreja Católica vem buscando uma evangelização que alcance um contingente cada vez maior de pessoas. Carranza (2005, p. 295) destaca que “[...] é claro que do conjunto do sistema midiático, a oferta não representa um volume significativo para se falar em ofensiva religiosa no espaço aberto televisivo. No entanto, a tendência a ocupar esse espaço pelas instituições religiosas, é cada vez maior nas últimas três décadas, convertendo-se num veículo decisivo de proselitismo para as igrejas e de visibilidade da religião no campo midiático.”

Não tendo até o momento nada mais em termos de modernidade do que a internet, a Igreja Católica, assim como milhares de outras instituições, vai inserir-se e adequar-se como mais um meio de comunicação onde possa estar evangelizando ou até mesmo utilizando como meio de divulgação. Desta maneira a religião, e neste caso também se inclui o catolicismo, passa a estar não só nos templos, e nem mesmo nas rádios e televisões, mas também na internet. Como observa Benedetti (2001, p. 58) “[...] a tecnologia é incorporada e sacralizada. A ligação entre Deus, graça e técnica é imediata.”

Como visto no capítulo anterior, o catolicismo começa a atuar no “espaço virtual” de maneira dinâmica. Acender velas, aconselhamentos, bênçãos, pedidos de oração, já são possíveis sem a pessoa ter a necessidade de se deslocar de sua residência. Contudo, deve-se atentar para uma questão abordada por Carranza (2005, p. 144). Essa cultura facilita a desritualização, o que resignifica as próprias mensagens. O uso do espaço cibernético parece levar, segundo a autora, “a novas formas de apropriação da tradição” que não são necessariamente as propostas pela Igreja.

De acordo com Silveira (2004, p. 6), provavelmente pelo objetivo de renovar a Igreja, por sua crença em uma missão e por sentir a necessidade de evangelização, a Renovação Carismática Católica seja o movimento que mais “tem investido na expansão e utilização dos meios de comunicação em geral e o eletrônico, de modo específico.” O autor observa que

¹¹⁶ Disponível em http://www.rccsl.com.br/conteudo_canais/13.tvs_catolicas.htm. Acesso em 2/7/2007.

“[...] seu investimento na mídia decorre do proselitismo que desenvolve tanto dentro quanto fora das fronteiras católicas. Para os não católicos o movimento se apresenta como um catolicismo diferente, modernizado. Para os católicos não carismáticos ele se apresenta como uma renovação da Igreja, uma alternativa espiritual.”

No site da Canção Nova há um link, “Shopping Canção Nova”, que possibilita ao fiel adquirir os produtos religiosos via internet. Uma característica moderna, comum em vários sites da mídia virtual. Trazendo produtos direcionados a crianças, livraria, áudio, vídeos, palestras, vestuários e até acessórios como porta bíblia, piercing de celular de Nossa Senhora das Graças, brinco com a imagem da Mãe Rainha, a Canção Nova vai ao encontro a um grande tema da modernidade que é o consumo de produtos que antes seriam, em sua maioria, considerados apenas produtos profanos, mas que passam a ter um significado sagrado ou até mesmo de divulgação a fé.

Contudo, diante essa inserção na mídia, a Igreja perde consideravelmente o controle sobre seus adeptos. E é aí que pode-se presenciar a religião como uma escolha. Escolha esta individual e realizada pelo indivíduo moderno. A religiosidade cristã passa a ser, segundo Carranza (2005, p. 426), além de individual, vivida de forma ocasional e informal, o que abre uma brecha entre as propostas da instituição e o que é incorporado com a religiosidade vivida. Portanto, é o momento em que a Igreja Católica precisa repensar sua postura. Ao mesmo tempo em que é importante adequar-se à modernidade, perde-se o controle institucional. São momentos em que movimentos como a Renovação Carismática Católica parecem tomar o papel de fortalecedora desse laço entre a instituição e os adeptos.

É a partir desses meios também que se expõem com maior amplitude e tornam-se alvos constantes de críticas com muito mais facilidade. Um exemplo interessante foi de uma pessoa, que se dizia católica, após assistir a um vídeo em que demonstravam a cura por meio da dança por um grupo carismático. Na carta enviada a um site é possível perceber como, por intermédio da mídia, a Igreja pode, ao mesmo tempo, evangelizar e repudiar.

Caríssimos da A. C. Montfort,
Caríssimo prof. Orlando Fedeli,
Salve Maria!

Primeiramente gostaria de antemão agradecê-los pela acolhida, pois sei que aqui encontro pessoas que temem a Deus. Contudo, gostaria de fazer um desabafo: Ainda a pouco, deparei-me com um vídeo produzido pela TV Canção Nova datado do dia de ontem, 02 de novembro [sic], onde neste mesmo local (TV CN) realiza-se o "Congresso Mundial das Novas Comunidades".

Professor, o que há neste vídeo é de estarrecer! Uma total e absoluta profanação do Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor!

Um Padre que deveria, com suas mãos unguidas e a língua com a espada da Verdade, levar as almas até Deus; Faz o inverso! Submete Nosso Senhor a tal absurdo...Lastimável!

A Renovação Carismática Católica chega a seu extremo. Basta! Esta tal "a oração de cura através da dança"(sic) é algo abominável! Digna de exorcismo... Até onde chegaremos caro professor? E até quando Jesus terá que suportar tal afronta? Quem são os responsáveis por isso que fazem aos olhos de todos? Cadê o digníssimo reverendíssimo Bispo de Lorena? Alguém tem que fazer algo! Que Nosso Senhor tenha misericórdia de todos nós! Que pela intercessão da Santíssima Virgem Maria, Deus nos dê a graça de perceber nossos erros.

Um fraterno abraço ao senhor querido professor e a todos!
Pax Domine.

Ps.: Eis o link para ver o profano vídeo:

<http://www.cancaonova.com/portal/canais/eventos/novoeventos/cobertura.php?tit=Ora%E7%E3o+de+cura+interior+atrav%E9s+da+dan%E7a&cod=169&sob=777#>

Tenha junto, o terço de Nossa Senhora... Irá precisar! [grifo meu]

Desculpe-me pelos excessos.¹¹⁷

Este “desabafo” deixa evidente a vulnerabilidade que a Igreja Católica, assim como qualquer outra instituição religiosa ou não, passa a vivenciar.

Carranza (2004, p. 141) observa que, a partir do fenômeno midiático Pe. Marcelo, Igreja e Modernidade apresentam-se diante de uma tensão, revestida e atualizada “oscilando a postura institucional entre, de um lado, uma assimilação oportunista de apropriação das linguagens contemporâneas, em nome da exigência de estar em sintonia com os sinais dos tempos e, de outro lado, uma insistente recusa dos valores intrínsecos da qual essa Modernidade é portadora.

Com relação a inserção do Ministério Universidades Renovadas na internet, Ariana Pereira, jornalista e coordenadora do Ministério Universidades Renovadas do Estado de São Paulo, demonstra que no Brasil, o desenvolvimento da rede caminha concomitante ao crescimento do Projeto. Isso devido ao fato da larga utilização que o movimento faz dela e “porque seu uso espalhou-se pelo país a partir da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa no estado de São Paulo), órgão intimamente ligado às universidades do estado de São Paulo.”

Conforme a autora, em maio de 1995, um ano após “a primeira reunião de universitários católicos, no Seara, uma portaria conjunta do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia criou a figura do provedor de acesso privado, liberando a operação comercial da Rede no Brasil”, quando começa a fazer parte da história do PUR.

O site oficial do Ministério Universidades Renovadas possui um mural em um de seus links.¹¹⁸ Parece ser a parte mais atualizada. Os recados vão desde assuntos religiosos até

¹¹⁷ Disponível em <http://www.montfort.org.br>. Acesso em 20/7/2007.

assuntos políticos. Um recado, por exemplo, deixado no dia 16/7/2007 diz o seguinte: “Olá irmãos Católicos Carismáticos vamos incendiar a chama do ES, e viver na Trindade Santa, família e intimidade de DEUS. Tamires espero seu contato para ser seu guia. Que a paz do SENHOR fique c/ todos vcs.”, outro pedia para que todos rezassem “1 Ave-Maria pelas vítimas do acidente da TAM!”, outra referência ao acidente da TAM foi “Vamos orar pelas vítimas do acidente, principalmente aos familiares que se encontram em desespero. Oremos: O credo... avemaria... pai que estais no céu... amparai todos e dai o descanso eterno.” e um pedido que diz o seguinte: “No dia do Amigo perdemos um grande líder político Católico BAIANO: O Senador ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, VAMOS ORAR E PEDIR AO PAI O SEU DESCANSO ETERNO. PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉU...[grifo do autor]”¹¹⁹

Um link interessante é o “Jornal da Partilha”¹²⁰. Um artigo contido neste jornal questiona sobre a validade ou não da oração pela “net”:

Todos os domingos, às 21h (horário de Brasília), cerca de 15 luquinhas de vários lugares do Brasil se reúnem para mesmo à distância rezarem juntos por suas vidas, pelos GOUs, pelo MUR, por toda a Igreja.

A iniciativa, um tanto ousada, nasceu alguns dias, quando o carioca Carlos Porto começou a convidar alguns amigos para rezar pelo msn. Depois da primeira oração, os internautas decidiram repetir a dose antes do Enucc. Após o evento realizado em Maceió, a idéia deu lugar a um Grupo de Oração fixo, pela internet, que já está até ganhando um núcleo para organizar as reuniões, que duram cerca de 60 minutos.

Os luquinhas internautas se reúnem em uma janela de msn e durante uma hora louvam, adoram, pedem a unção do Espírito Santo e até proclamar palavras de cura e ânimo uns aos outros, sem esquecer dos cantos, ou melhor das letras colocadas na tela e claro, cada um canta e reza em linguas em sua casa.

Áh, mas grupo de oração tem que ter pregação. Sim, tem! E o GOUV tem, só que ao invês das palavras, o pregador usa as teclas de seu computador e como cada luquinha já se aproxima do pc com sua bíblia, basta abrir a palavra escolhida e ouvir a partilha da palavra.

Irmãos em Cristo, sonhadores de um mundo melhor, esses luquinhas, mesmo a distância estão mostrando que quando a fé em Jesus é grande, quando o amor mútuo permanece, não importa a distância, a graça de Deus toca os corações e onde um ou mais estiverem reunidos no nome de Deus, Ele lá está.¹²¹

Esse artigo demonstra quão intensa vem sendo a utilização/apropriação dos católicos carismáticos pela internet como canal para evangelização e promoção da fé. Mais uma vez

¹¹⁸ O chat não é praticamente visitado em horário algum. Foram vários meses na tentativa de participar do “bate-papo” em vão.

¹¹⁹ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/mural>. Acesso em 22/7/2007.

¹²⁰ Este jornal foi inicialmente impresso, mas devido a dificuldades como, que faria o jornal, impressão, partiu-se, então, para a versão on-line, cuja aceitação não é muito expressiva. Cf. PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

¹²¹ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/jponline>. Acesso em 18/7/2007.

deve-se frisar que a utilização de espaços laicos vem sendo empregada em proporções cada vez maior. São as demandas de um meio moderno, requerendo de quem almeja permanecer ativo diante de uma sociedade cada vez mais exigente e detentora de liberdade de escolha, principalmente religiosa.

3.4 – A relação entre ciência e a religião no Grupo de Oração Universitário

Como lema, o GOU defende a união entre “fé e razão”, mas estar no interior de um espaço laico/racional onde o óbvio é que a razão deva prevalecer, é como ter à frente um obstáculo indomável. No entanto, mesmo diante de dificuldades o Ministério Universidades Renovadas (MUR) vem diligenciando efetivar esse ideal.

As questões que entrelaçam esse tema são polêmicas e discrepantes. Não obstante, acontecem das mais variadas formas. Assim, o que se percebe é que a pertença da fé no espaço ocupado inicialmente pela razão vem acompanhada de conseqüências distintas. Ao mesmo tempo em que pode ter reações de repúdio, onde quem está no meio universitário, por exemplo, apresente resistências; pode originar projetos que possuam em sua essência uma ética cristã; e formar cidadãos-profissionais que tenham em suas formações, além do profissionalismo, o teor cristão, o que pode mudar substancialmente sua “filosofia” de vida enquanto construtor/integrante de uma nova civilização. Maneira esta, como os carismáticos católicos acreditam ser possível vivenciar um mundo melhor.

Para um melhor entendimento do assunto, é interessante fazer uma breve explanação sobre um grupo estudado por Clarisse Mota.¹²² Mesmo não fazendo parte do GOU é interessante um breve olhar sobre os mesmos, pois fazem parte da RCC e vivem diretamente o duo fé/razão.

Durante um encontro carismático em 1997, oito médicos, tendo como referência algo já existente nos Estados Unidos, decidiram fundar um grupo formado por profissionais da saúde. Surge então o grupo denominado “Médicos que oram”, atualmente composto por uma média de 50 pessoas e recebendo eventualmente pacientes convidados. (MOTA, 2005, p. 3)

¹²² Texto apresentado durante o VII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), I simpósio de ciências da religião – PUC Minas/ISTA e XIX ciclo de palestras e debates do núcleo de estudos em teologia da PUC Minas em 2005.

O grupo é coordenado, segundo a autora, por um grupo menor, o núcleo, que se reúne semanalmente e constituído por oito médicos, uma terapeuta e uma dentista. As reuniões acontecem com o intuito de orarem, convidarem palestrantes, discutirem sobre as próximas reuniões e sobre o andamento do grupo maior, “que se reúne mensalmente e conta com a presença de outros profissionais de saúde, seus pacientes, bem como a comunidade em geral.” (MOTA, 2005, p. 3 - 4).

Conforme a autora:

[...] as reuniões mensais se assemelham a uma missa comum; entretanto, há momentos de oração e invocação ao Espírito Santo em que palavras como cura, recuperação e sofrimento são pronunciadas com o fervor característico dos fiéis carismáticos. A celebração é longa, chegando a durar até duas horas. Os momentos de oração são intercalados com cânticos carismáticos que, na sua maioria, falam sobre o Espírito Santo. No momento da prece, os médicos oram pela saúde de seus pacientes, pedindo que se recuperem logo. Mais do que isso, eles refletem sobre seu próprio trabalho e pedem a Deus: “Vamos orar para que a gente não se sinta onipotente, dono da verdade”.

A autora (MOTA, 2005, p. 4-5) observa que “[...] o contexto religioso do grupo Médicos que Oram pode ser considerado uma zona limítrofe na medida em que os membros do grupo são, como já foi dito anteriormente, profissionais de saúde que conciliam suas atividades profissionais com as atividades religiosas. Nesse contexto, portanto, colocam-se em paralelo o saber médico e o saber religioso aparentemente sem conflito.”

Da mesma maneira visualiza-se os jovens universitários do grupo de oração carismático. O conflito entre o saber relacionado à razão e o saber religioso devem, segundo suas metas, seguirem juntos, mas é uma realidade que colocada em prática traz imediatamente as nuances.

Ariana Pereira (acessado em 2007)¹²³ observa que encarar a presença da Igreja Católica ou mesmo outra forma de relação com o sagrado nas instituições de ensino superior como alienação pode ser uma visão superficial e até ingênua da realidade, para aqueles que vivem a religião nos centros do saber. Contudo, a preocupação com a “formação integral do estudante” deixa de ser apenas das faculdades e das universidades e compartilha também com

¹²³ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

a Igreja e estudantes. Segundo a autora, “[...] o intuito eclesial [...] visa não perder de vista a dimensão religiosa e cristã dentro da formação profissional.”¹²⁴

Para Pereira, o Projeto das Universidades Renovadas lança o sonho de uma “sociedade nova”. Conforme demonstra a autora, ao entrevistar Elen Resende, responsável pelo Projeto Universidades Renovadas em âmbito nacional:

Temos visto pessoas optarem por temas de teses de mestrado, trabalhos de pós-graduação, monografias de conclusão de curso que, de alguma forma, fazem diferença na sociedade. Para citar alguns exemplos, a tese de doutorado de um dos participantes do Projeto na Universidade Federal de Viçosa. Ao estudar uma planta, a pessoa constatou que aquela reduziu 50% da incidência da diabete em ratos. A pessoa passou a buscar formas de estudar isso em humanos. Temos um trabalho de monografia de conclusão de curso, em Santa Catarina, de uma formada em artes. Ela elaborou um projeto para levar a escola de artes para o presídio. Então, começou a realizar com os presos escolinhas de arte, ensiná-los a trabalhar com madeira, pintura. Com o término do trabalho de conclusão de curso, ela começou a realizar um programa interdisciplinar com isso. Várias pessoas se interessaram e foi tão bom em Florianópolis que o Secretário de Segurança do Estado resolveu ampliar o projeto e levá-lo para os presídios de todo o Estado de Santa Catarina. Assim, todo o estado tem escolas interdisciplinares nos presídios, projeto que nasceu dentro do Projeto Universidades Renovadas, no grupo de oração.¹²⁵

Na realidade, a coisa não flui de maneira tão simplista. Conciliar fé e razão significa estar diante de um grande desafio. Muitos jovens, ao ingressarem na Universidade, abandonam seus credos. Pereira destaca que alguns acadêmicos comparam fé/razão com água/óleo. Assim diante de seus desafios o MUR pretende:

[...] promover uma convivência não só sadia como também uma relação de mutualismo entre Fé e Razão. A Fé, sem excluir a razão, ou guardá-la em uma gavetinha para ser usada nas horas em que é necessária, mas utilizando-a para fazer do cristão um ser orante que não se deixa alienar em sua espiritualidade. A Razão, não esfriando totalmente o ser humano, fazendo dele somente um ser pensante, preocupado sim com a realidade, mas esquecido de sua porção sobrenatural.¹²⁶

Pereira demonstra que as cobranças são grandes e que a formação acadêmica está tão direcionada à questão da fé que Padre Joãozinho, João Carlos de Almeida, da ordem do Sagrado Coração de Jesus, defende que para um jovem do MUR, não estudar pode ser

¹²⁴ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

¹²⁵ Elen apud PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

¹²⁶ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

considerado pecado grave, pois a pessoa não teria usado direito os talentos que Deus os concedeu. E a autora ainda acrescenta que:

[...] entregar-se às atividades do movimento, esquecendo-se de alimentar a razão é “crime feio” no Projeto Universidades Renovadas. Isso inclui também mergulhar nos documentos doutrinários e esquecer-se da anatomia, teoria da comunicação, cálculo I, II e III. Não basta ter todas as respostas da Igreja na ponta da língua. É necessário ter as respostas científicas dentro da cabeça. Para o PUR não há valor em ser doutor da Igreja se não se é bom na mesma medida cientificamente ou profissionalmente.¹²⁷

Procurando debater assuntos variados, pode-se dizer que o EVUCC também valoriza esta iniciativa. Local de bate-papo na internet cujos assuntos que entram na pauta de discussão contribuem de alguma maneira para o desenvolvimento do estudante, pois neste bate-papo muitos assuntos são abordados por filósofos, professores universitários ou médicos.

Um exemplo de EVUCC que trata de um assunto muito polêmico e que valoriza substancialmente o debate “fé e razão” foi o encontro cujo tema era: “Cura: os limites da fé e da medicina” tratado pelo médico Roque Saviolli, diretor do Incor (USP).

Chat:¹²⁸ Dr. Roque, na elaboração do tema do encontro, encontramos alguma resistência quando dizemos que para a cura a má utilização dos princípios de fé podem ser prejudiciais. Gostaria que avaliasse esta sentença.

Dr.Roque: Não existem limites de cura através da fé, desde que entendamos o que significa cura.

Chat:É a resposta, Dr.? Se o moderador permitir, posso complementar?

Dr.Roque: A cura nem sempre é a que esperamos, ou seja, a cura de uma doença física. O mais importante é a cura do homem como um todo, ou seja, corpo, psique e espírito.

Chat: Vejamos, a título de exemplo, por princípios de fé os Testemunhas de Jeová abstêm-se de alguns procedimentos médicos. Neste caso, a má compreensão da fé não prejudica a medicina?

Dr.Roque: Podemos ver pessoas que usam a religião simplesmente como mecanismo de transferência de algum problema psicológico. Elas fazem um "coping" de suas doenças na religião. Existem situações onde se comprovam os benefícios e malefícios da religiosidade. Por exemplo, em algumas seitas - como os Testemunhas de Jeová, espiritismo -, se comprovou o aumento da incidência de esquizofrenia, depressão etc. Mesmo dentro da nossa Igreja [Católica] e, principalmente, dentro da RCC.

Efeitos benéficos da religiosidade: 1- adoção de medidas higieno-dietéticas adequadas a melhor vida; 2- supressão de álcool e fumo; 3- redução da ativação do sistema nervoso simpático hipotálamo hipofisário com menor liberação de hormônios do stress.

¹²⁷ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

¹²⁸ Por questão de privacidade, os nomes das pessoas que participaram da discussão serão trocados pela palavra chat.

Chat: Desculpe interromper, Dr. Roque, mas podemos lembrar diminuição das DST e da gravidez precoce.

Dr. Roque: Concordo com você. Fiz um estudo de pesquisa bibliográfica, abordando o assunto religião e medicina. Encontrei mais de 3.000 trabalhos versando sobre isto e, o que foi mais interessante, é que atualmente já existe um grupo de médicos que estão realmente interessados em comprovar que a Fé tem extrema importância na cura das doenças.

[...]

Chat:Dr., bom dia e a paz. Tenho uma amiga que fez regressão em uma clínica católica. Lá, descobriu que a origem de sua depressão era a imagem de uma escrava, no tronco, apanhando – que seria a sua avó. Isso seria um mal herdado geneticamente e como explicar através da doutrina católica?

Dr. Roque: Recebemos, ao nascer, todas as características genéticas dos nossos antepassados, inclusive a memória inconsciente. Essa memória pode se manifestar no nosso consciente, dependendo dos estímulos externos. Não vejo nenhum problema do ponto de vista católico nesse assunto.

Chat:E como explicar a questão da regressão?

Dr. Roque: Na verdade, o que os "malucos dos espíritas" dizem ser vidas passadas, é simplesmente a manifestação do inconsciente coletivo recebido dos antepassados. Existem literaturas excelentes sobre isto. Por exemplo, Inconsciente sem fronteiras, da Dra Renate Jost de Moraes, ou Chaves do Inconsciente, dessa mesma autora.

Chat:Li uma reportagem (revista Veja, não me recordo o mês) sobre plágios (remédios de farinha). Os pesquisadores concluíram o seguinte: cerca de 80% (esse número realmente me espantou!) das pessoas que estavam tomando o plágio, sem saber que não era seu remédio verdadeiro, ficaram curadas. Minha pergunta: a que o senhor atribui isso?

Dr. Roque: Isso se chama "efeito placebo", onde prescrevemos ao paciente medicação sem o princípio ativo e há melhora da doença. Acontece frequentemente e mostra, realmente, que existe uma participação importante do sistema psicossomático na origem das doenças.

Chat:E no que a fé pode influenciar?

Dr. Roque: Esse é assunto muito interessante e polêmico, pois a fé poderia estar mascarada pelo efeito placebo? Por isso mesmo é que temos que tomar muito cuidado com "Curas milagrosas" que acontecem nos nossos encontros. Vocês entenderam a dimensão do problema? [...]

Não estamos preparados para orientar os pacientes espiritualmente. Além disso, não posso usar da fragilidade do paciente para colocar-lhe a minha orientação religiosa. Mas sabendo que 90% da população acredita em Deus, e que 96% dos pacientes acreditam que existe relação entre saúde espiritual e física e que 96 % das famílias dos médicos acreditam em Deus, tudo fica mais fácil. Você sabia que nos EUA existem escolas médicas preparando os acadêmicos a orientarem os seus pacientes? De 126 escolas, 61 fazem isto. Que bom se aqui fosse igual!

Observa-se nesses dizeres que há uma complexidade intensa ao desenvolver a fé em meios racionais. A atitude do médico diante das questões demonstra quão conflitante é conciliar fé e razão. Ao mesmo tempo em que você é capaz de agir racionalmente, vem a questão da fé e muitas coisas são colocadas em prática, como o chamado “efeito placebo”. E nesse momento, ainda pode-se colocar em situação conflitante o próprio efeito de cura do grupo religioso ao qual pertence o médico (no caso, o catolicismo carismático) haja vista que ele declara poder ser “uma fé mascarada”. No entanto, é colocado então em “xeque” o dom de

cura, onde os carismáticos desenvolvem o poder da imposição de mãos ou mesmo o repouso no Espírito como poderes que curam.

Outra questão interessante que foi colocada é referente a ética diante da relação religião/médico/paciente.

Chat: Tenho uma segunda pergunta. Há algum impedimento ético em associarmos nossa religião à relação médico-paciente, desde que essa não interfira na saúde do doente? (Alguns falam que é impor a nossa cultura!)

Dr. Roque: Não há impedimento ético desde que não se faça charlatanismo. Nos EUA existem recomendações da American Phisician Association sobre perguntas a serem feitas aos doentes durante as consultas médicas de rotina. [...]

E ao tratar da relação entre essa questão tão polêmica:

Chat: Dr., como é sua relação com os demais médicos que não professam uma fé, como o senhor, mas que também têm a mesma missão de "curar"?

Dr. Roque: No início achei que seria muito difícil, mas, após publicar o meu livro, as coisas se tornaram mais fáceis. Recebo diariamente uma enormidade de e-mail de profissionais da saúde se alinhando à nossa causa. No Incor, onde trabalho, existe o respeito pelo trabalho feito. Se estamos com Deus, quem estará contra nós?¹²⁹

Assim como o médico demonstra sua relação com pacientes e com os companheiros de profissão, caracterizando o fiel/profissional, os universitários carismáticos católicos também compartilham com o conflito fiel/estudante ou fiel/futuro profissional.

No entanto, com a intenção e a confiança de que seja possível unir “fé e razão”,¹³⁰ slogan muito utilizado pelos integrantes, fica a hesitação de como se relaciona um jovem carismático católico ao lidar com temas tão complexos e polêmicos como células-tronco, bioética, inquisição ou venda de indulgências pela Igreja Católica durante a Idade Média, por exemplo. Esse fato é instigante, principalmente, porque é significativo o número de pessoas do sexo masculino do curso de medicina que freqüentam o GOU no Instituto de Ciências Biológicas. Em muitos encontros, a presença desses supera a feminina.

No que diz respeito a esse assunto, Nóbrega (1996, p. 8) faz uma descrição interessante. Ele demonstra a reação negativa às interpretações sociológicas e históricas contrárias à doutrina do catolicismo ao relatar uma pregação em que a pessoa explicava como

¹²⁹ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/evucc>. Acesso em 18/7/2007.

¹³⁰ A página do site do movimento possui no início duas citações que demonstram claramente isto: “*A fé e a razão*” de João Paulo II e “*Pouca Ciência afasta de Deus. Muita, o traz de volta*” de Louise Pasteur. Conforme alguns integrantes, o ideal de união entre os conceitos “fé e razão” é o que torna capaz unir uma forte espiritualidade carismática a um espírito crítico e sedento de saber; buscar uma fé amadurecida pelo questionamento, uma razão conscientizada e alimentada pela fé. Cf. http://jf.pur.com.br/hist_pur.htm. Acesso em 15/6/2007.

deveria se comportar um católico diante dos ataques feitos à Igreja.¹³¹ Simulando um professor de História, a pregadora iniciou as provocações aos jovens e, segundo o autor, o simples fato de ter mencionado essa disciplina causou rumores no público e a cada resposta de um aluno em defesa da Igreja, muitos aplausos.

Nóbrega (1996, p. 8) destaca que, de acordo com a pregadora, que incita os alunos a tirarem nota zero dos professores de História em defesa da Igreja, faz parte “contestar um conhecimento científico, pelo fato dele trazer críticas à Igreja.” Isto é um complicador para esses universitários, haja vista que estão em um meio acadêmico, laico e racionalizante.

Contudo, a colocação de uma jovem graduada em História, em março de 2007, defende que é possível a conciliação entre fé e razão desde que não ignoremos os fatos. Conforme G. E. L.:

[...] como formada em história já participei de conversas e aula onde abordamos principalmente o tema da inquisição. [...]

Quanto a inquisição não temos que nos preocupar ou questionar de forma a polemizar esse debate. Reconheço os erros da Igreja nesse momento, seus equívocos e suas falhas, ela errou sim com a inquisição, foi contra seu principio de preservar a vida. Mas a igreja é feita de homens, ela eh santa e pecadora. Mas não é uma falha dessa que me faz desacreditar nela como uma religião na atualidade. Unir fé e razão é um pouco disso tb. Não eh ter uma fé burra e defender a Igreja em todos os momentos, mas avaliar, refletir e reconhecer as falhas da nossa Igreja, mas tb ter a consciência e a fé de permanecer nela mesmo assim.¹³²

O site das Universidades Renovadas de Juiz de Fora tem em sua parte superior duas citações de dois “importantes personagens de relevâncias em campos diferentes”, afirma G.E.L., que demonstram claramente a certeza de que é preciso unir, na prática, fé/razão. A primeira citação: “*A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade*” de João Paulo II. Este “fala de que a fé e a razão são importantes para contemplar a verdade. Nem a fé e nem a razão sozinhas são capazes de solucionar todas as nossas questões, tendo as duas andando em consonância elas se constituem como duas asas, onde as duas são necessárias para que o homem consiga contemplar a verdade, responder suas questões e contemplar a face de Deus.”

Já a segunda citação: “*Pouca Ciência afasta de Deus. Muita, o traz de volta*” de Louise Pasteur, que de acordo com G.E.L.:

¹³¹ Alguns depoentes de Nóbrega declaram que preferem o diálogo e o respeito às diferenças. Cf. NÓBREGA, Adilson Rodrigues da. Carisma e razão: um olhar sobre as práticas católicas carismáticas de estudantes nas universidades cearenses, mimeo.

¹³² Entrevista concedida em 20/7/2007.

[...] um importante cientista, deixa claro com sua frase de que quando se mergulha mesmo na ciência buscando nela entender o mundo e tudo que o cerca, chega-se em pontos onde se contempla a criação divina, onde sem Deus não se pode explicar nada. E mostra que quanto mais se pesquisa e entra-se na ciência mais chegamos perto de contemplar a Deus. Voltamos a colocá-lo no mundo de forma a entender que sem Ele não poderíamos explicar as questões da existência humana apenas pela ciência.

Outra depoente defende que:

[...] essas frases realmente fascinantes, são muito profundas e temo que transcendam às interpretações...Em sua busca incessante pela verdade e por respostas existenciais, o ser humano, muitas vezes se vê ainda mais confundido ou com outros tantos questionamentos, que trazem não somente dúvida, mas às vezes raiva, incredulidade e sentimentos afins. João Paulo II, do alto de sua humilde sapiência e espiritualidade, e exercendo a sua função de formador, nos revela a engenhosidade e Amor de Deus, que presenteou o homem com a razão, com a inteligência, com a capacidade de pensar, de questionar. Orienta que essas ferramentas sejam os instrumentos pelos quais, guiados pela Fé, cheguemos às respostas que tanto almejamos. Revela um Deus humilde que valoriza a nossa capacidade de optar e querer descobrir a essência.

Com Pasteur, entendemos que é impossível desvencilhar fé e razão, alicerçados somente pela fé, seríamos apenas fanáticos fundamentalistas que deixam-se levar por várias “verdades” ou “meias-verdades” ou talvez grandes mentiras, ideologias demagógicas...Por outro lado, somente com a razão ou com uma parcela muito pequena dela (pouca ciência) seríamos céticos que conhecem apenas uma parcela de um todo infinitamente maior, uma ciência também demagógica e que seria na verdade, uma grande armadilha para nós mesmos, como uma grande viseira que impediria o conhecimento LIVRE, imparcial, ampliado e bonito da VERDADE que rege o universo.

Quanto mais se busca o saber, mais firme fica a certeza naquilo que não se vê, a fé... Duas asas que nos levam a vôos profundos, que ainda estamos muito aquém de realizar, porém importa TENTAR viver da fé e da razão!

“ Crer nada mais é pensar querendo, pensar crendo e pensando crer...” (R.L., 10º período de fisioterapia)¹³³

Conforme alguns comentários de integrantes, o ideal de união entre os conceitos “fé e razão” é o que torna capaz unir uma forte espiritualidade carismática a um espírito crítico e sedento de saber; buscar uma fé amadurecida pelo questionamento, uma razão conscientizada e alimentada pela fé.

O Projeto Universidades Renovadas está inserido no mundo acadêmico, fazendo parte da multiplicidade de pensamentos que é o espaço universitário. Neste sentido, na abordagem de Pereira, ao contrário do que acontece com muitos pesquisadores, crescer cientificamente, para os integrantes do MUR não significa “entrar em um cientificismo vazio,

¹³³ Entrevista fornecida em 30/07/2007.

que nega a existência de Deus, do Transcendente, receba Ele que nome for. Para o PUR, Fé e Razão se completam. Portanto, evoluir racionalmente é também crescer espiritualmente.”¹³⁴

3.5 - Política social como característica do Grupo de Oração Universitário

A política social é, provavelmente, um dos assuntos mais polêmicos quando tratada pelos integrantes da Renovação Carismática Católica. Estar envolvidos com a política é um assunto por demais delicado para esses fiéis católicos. Como visto no capítulo 1, a RCC não tendo muito êxito na formação de um partido político próprio, acabou por restringir-se a outras agremiações. Além disso, são constantemente instados a ingressarem na política apenas se for pela “providência divina”, ou seja, desde que tenham recebido um “chamado” de Deus e, fora que, não recebem apoio direto do movimento.

Contudo, essa ótica política da Renovação Carismática Católica vem passando por transformações e começam a despontar os primeiros sinais de que é possível viver a fé carismática politicamente.

De acordo com o site do Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora, este “em conjunto com o de Belo Horizonte, desenvolveu uma proposta de intervenção no meio universitário com o objetivo específico de desenvolvimento de consciência política, formação de agentes sociais de mudança, além de promover a desconstrução das dicotomias entre Espiritualidade X Política e ação evangelizadora X ação político-social.”¹³⁵

De acordo com o projeto “fé e política”:

[...] atualmente estes três temas [fé, política e compromisso social] estão em voga no panorama de discussão de muitos jovens católicos engajados em movimentos políticos e sociais, principalmente em razão do momento histórico em que vivemos de deflagração da corrupção política, insegurança pública e ao mesmo tempo de agitação no cenário político nacional em torno do início de mais um processo eleitoral para ocupação dos mais importantes cargos políticos brasileiros.[...] Enquanto participantes do Ministério Universidades Renovadas (MUR), temos o desejo de convergência entre atuação missionária na universidade e formação de consciência política. Sonhamos com uma abertura maior dos jovens universitários católicos para a sensibilização e formação política. Tal desejo é suscitado pelo próprio sonho de renovação das universidades através da evangelização, o que é considerado parte fundamental de um projeto maior de transformação da realidade

¹³⁴ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

¹³⁵ Disponível em http://jf.pur.com.br/fe_politica.htm. Acesso em 18/6/2007.

social em que vivemos, “o sonho de amor para o mundo”. Evangelizar o meio acadêmico e profissional integra a luta pela mudança de nossas estruturas política, econômica e cultural que sustentam princípios desumanizadores e sustentadores da desigualdade social e outras manifestações sociais que ferem a dignidade humana.¹³⁶

Quanto a importância desse projeto, esse traz como justificativa a grande probabilidade desses jovens universitários estarem engajados em cargos estratégicos da sociedade, independente da área profissional com a qual atuam. Portanto, “evangelizar profissionais e universitários, que é o carisma do MUR”, é conscientizar também politicamente, ou seja, os jovens devem ser “politizados” para que se sintam motivados enquanto cristãos à contribuição na elaboração de projetos, de planos e de programas de desenvolvimento e transformação social.”¹³⁷

Gislene explica que “[...] nessas reuniões, temos nosso momento inicial de oração que é breve e uma pequena reflexão de uma passagem bíblica. Depois entramos na discussão da proposta de pauta do dia. Já discutimos temas como Teologia da Libertação, movimentos sociais, a participação do cristão na política, eleições, violência e a última, na qual nos detemos por tempo a questão do aborto. São discussões políticas, com esse viés.”¹³⁸

Assim, o que se presencia é uma mudança na mentalidade da Renovação Carismática no sentido de que é preciso pensar/viver na fé, mas sem renunciar aos problemas político-sociais existentes. Contudo, isso parece ser ato de maior comprometimento com a juventude, haja vista que o projeto maior sai de “pequenas”, mas importantes, iniciativas desses.

Ariana Pereira destaca que muitos jovens, ao deixarem as bebidas alcoólicas ou as drogas, mas não só esses, saem de si e no momento que isto acontece, vão ao encontro do outro. Passam a ter uma preocupação com o outro e assim desencadeiam projetos como o “Andorinhas”, de Uberlândia, Minas Gerais. Conforme a autora, toda semana estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, pertencentes ao “Projeto Universidades Renovadas da faculdade mineira, reúnem-se para cantar nos corredores do Hospital das Clínicas e no setor de psiquiatria da universidade.”

Atualmente o projeto conta com o apoio/reconhecimento de médicos, enfermeiros, psicólogos e funcionários do hospital. “Os estudantes dedicam-se e revezam-se na ‘missão de levar alegria’ aos corredores do hospital. Quem vê uma obra como essas em prática, algumas vezes, pode não imaginar que se tratam de estudantes em trabalho voluntário que ‘têm muito

¹³⁶ Disponível em http://jf.pur.com.br/files/projeto_fe_politica.doc. Acesso em 15/7/2007.

¹³⁷ Disponível em http://jf.pur.com.br/files/projeto_fe_politica.doc. Acesso em 15/7/2007.

¹³⁸ Entrevista fornecida em 20/7/2007.

mais o que fazer'. O colocar-se à disposição é inclinação sincera e sem esperar nada em troca, a não ser o que o doar-se pode causar na vida do outro.»¹³⁹

Ao tratar-se da postura da juventude universitária carismática de Juiz de Fora no âmbito social, tem-se um exemplo que demonstra o quanto o movimento também está envolvido nessa questão. O “Projeto Campinho”, como foi denominado pelo grupo, já faz parte da história do GOU, pois, já foi tema em diversos encontros, congressos e mostras científicas, possui um link e uma comunidade no orkut.

Conforme explica N.M.S., uma das jovens que está à frente nesse projeto:

[...] o projeto social já faz parte do nosso sonho. Faz muito tempo que a gente pensa em começar alguma coisa, só que não sabíamos o quê e nem onde. Até que um dia, fizemos uma ronda a noite distribuindo comida e Jesus começou a colocar que ele queria isso da gente também, que ele queria uma obra social. E pouco a pouco começamos a ver o que seria. Conversamos com Dom Paulo que nos indicou para o Vigário Geral para sabermos onde poderíamos começar nosso projeto. O local indicado foi Vila Ideal, que é um bairro aqui em Juiz de Fora, onde conhecemos o pároco do bairro que nos apontou especificamente uma comunidade chamada Campinho, um campo onde algumas pessoas que não tinham onde morar se apossaram do lugar construindo casas de madeira, sendo a maioria bem precária. [...] Nós ficamos muito felizes, porque quando chegamos lá descobrimos que havia um outro projeto social do Banco do Brasil [...] e nos falaram que tinham recurso, mas não tinham gente para trabalhar.[...] Achamos ótimo porque exatamente o que não tínhamos, era o recurso. E a primeira coisa que a gente tinha em mente era que não queríamos uma visão assistencialista e nem fazer religião ali. Percebemos que seria uma consequência de devolver uma cidadania de filho de Deus, cidadania enquanto humano, [...] mostrar que eles podiam ter laser, saúde, mesmo não tendo uma situação financeira adequada. [...] Foi muito interessante que nas primeiras reuniões que tivemos com eles, eles não sabiam de que precisavam. Eles não conseguiam pensar de que eles precisavam. [...] E fomos trabalhando isso com eles. O que eles achavam que seria interessante. [...] E a partir de outras reuniões eles já começaram a colocar suas próprias demandas. Colocaram que tinham muito problema com lixo, as casas cheias de ratos, as crianças doentes, problema de hipertensão. E foi bom porque eles ainda não tinham nem parado para pensar que havia outras necessidades. (N.M.S.)

De acordo com o link do site do Ministério Universidades Renovadas

[...] o Projeto Campinho é um serviço de Promoção Humana do Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora, MG, que consiste num trabalho junto a uma comunidade economicamente desprivilegiada do bairro Vila Ideal, conhecida como “Comunidade do Campinho”. O objetivo é resgatar a dignidade humana numa ética verdadeiramente cristã, entendendo o ser humano em sua integralidade bio-psico-social. Para tal, temos como meta trabalhar sob uma ótica transdisciplinar, numa relação dialética de aquisição, troca e aplicação do conhecimento científico

¹³⁹ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/07/2007.

por universitários de diversas áreas, visando uma superação da divisão tradicional de saberes no campo da saúde. Ou seja, a responsabilidade pelo trabalho de cada um transcende a sua especialidade acadêmica: não somos somente médicos, psicólogos ou professores de física, mas “servos de um Projeto Maior”, comprometidos com a integralidade de cada ser humano.

Segundo integrantes do projeto, ele está dividido em três equipes. Uma equipe direcionada para a saúde, na qual aproveitam os agentes de saúde da própria comunidade, outra de recreação e educação e a equipe do artesanato. Contudo, já existe na comunidade um grupo que trabalha com a equipe do artesanato, que se juntou aos integrantes do GOU para continuarem juntos o trabalho. Nessa equipe, estão procurando desenvolver, além da auto-estima, a interação com as pessoas que estão trabalhando juntas e a cooperação. No entanto, o trabalho que está mais avançado é o de recreação com as crianças. O resultado parcial do trabalho parece estar nos dizeres de N.M.S. que comenta: “ficamos muito felizes porque no dia das crianças, começaram a cantar para nós. Nós ficamos muito felizes com a confiança deles com a gente, de chegar e querer mostrar o que eles fazem. Estamos chegando como iguais e eles estão tendo muita liberdade.”

Com relação à saúde, contam com a ajuda de um professor de psicologia comunitária e fizeram o que chamam de painel de saúde. N.M.S. comenta que o primeiro assunto foi hipertensão e que contou com a presença de aproximadamente dezoito pessoas, o que teria superado a expectativa dos mesmos. Enquanto acontecia o painel, as crianças ficaram fazendo um teatro sobre hipertensão. Segundo N.M.S., “quando chegaram para apresentar, a mãe, o pai, vendo o filho ali todo extrovertido. Não demorou muito e já estavam dando sugestões de outros temas como alimentação alternativa, anemia.”

De acordo com o site “[...] as atividades realizadas incluem oficinas de saúde e cidadania com os adultos, organização de lideranças locais, manejo de conflitos interpessoais, acompanhamento de processos legais relativos às situações de moradia, esclarecimento e incentivo à reivindicação de direitos junto a órgãos públicos, trabalhos em parceria com outros serviços prestados no local (como pastorais), atividades artísticas/recreativas/educativas com as crianças, etc.”¹⁴⁰

¹⁴⁰ Disponível em http://jf.pur.com.br/hist_pur.htm. Acesso em 21/6/2007.



Foto 22 - membros da Comunidade Campinho reunidos para ouvir uma integrante do GPP Pronunciar sobre a hipertensão. Fornecida por Gislene Lacerda.



Foto 23 - Crianças da Comunidade aprendendo um pouco sobre música. Fornecida por Gislene Lacerda.



Foto 24 - Equipe do GOU com as crianças da Comunidade Campinho. Fornecida por Gislene Lacerda.

Esse projeto social demonstra a associação entre crer desses jovens universitários e o colocar em prática proposto pelo projeto das universidades renovadas. Em um workshop apresentado no I Fórum da Juventude, intitulado “Juventude e trabalho social”, foram apresentadas algumas questões relacionadas ao assunto e principalmente, como deve ser um trabalho social desenvolvido pela Igreja. Algumas pessoas deram suas sugestões, mas o pedido de idéias para começar algo em suas cidades foi o assunto mais colocado em pauta.

A partir dessas informações é possível captar ações sociológicas que vão muito além de um assistencialismo/evangelizador. Ao trabalharem no sentido de valorização e da promoção humana e não ficarem direcionados apenas para doações, o assistencialismo em si, esses jovens estão desenvolvendo a auto-estima e, a partir daí, o trabalho orientação/conscientização vai introduzindo naquela comunidade o “ser capaz”.

Além da relevância dada ao projeto, Gislene acrescenta que este está em processo de se tornar um projeto de extensão da universidade. De acordo com a mesma “já contamos com uma professora nos orientando, mas ainda estamos agarrados nas burocracias, mas estamos caminhando pra (sic) isso.”

Esses jovens, no entanto, já começam a “colher os frutos” e concluem que:

[...] após algum tempo de trabalho, malgrado as dificuldades inerentes a todo trabalho comunitário, verificamos que a relação empática entre os acadêmicos e a comunidade cresce a cada dia, revelando que os moradores expressam cada vez

mais uma adesão afetiva e efetiva ao projeto e à ideologia de trabalho proposta, minimizando sua situação de passividade e acomodação. Isso sem falar na aprendizagem e crescimento proporcionados a nós, futuros “profissionais do Reino”, que a cada dia descobrimos mais a fundo as vicissitudes, dificuldades e recompensas de viver o amor ao próximo.¹⁴¹

Ao tratar das “dificuldades inerentes a todo trabalho comunitário”, uma dificuldade apontada por Gabriel durante o workshop foi justamente o fato das pessoas já estarem “acostumadas” ao assistencialismo. O coordenador do projeto conta que os primeiros contatos foram difíceis, pois a comunidade estava acostumada com as pessoas que chegavam e faziam suas doações. Encontrar um grupo que não dava, mas os ensinava a produzir e a “correr atrás” daquilo que necessitavam foi complicado para a comunidade e até uma barreira no início.

Diante da dinamicidade contida no Grupo de Oração da Universidade de Juiz de Fora ainda há algo mais. O Ministério Universidades Renovadas já toma mais uma iniciativa e inaugura o Grupo de Partilha dos Profissionais (GPP)¹⁴², que segundo seu coordenador tem sua semente lançada nos GOU’s.

Ariana Pereira demonstra que “[...] a primeira experiência de profissionais do Projeto Universidades Renovadas aconteceu em Belo Horizonte (onde o Ministério Universidades Renovadas, desde o início, tem grande expressividade).” Conforme a autora o GPP tem início com uma estrutura indefinida e assume características próprias em cada lugar que vai surgindo e acabaram construindo uma identidade livre em cada comunidade na qual se insere, sejam elas “unicamente de partilha, ou seja, de troca de experiências profissionais e discussão de polêmicas ou problemas que os membros do grupo podem enfrentar no mercado de trabalho.”¹⁴³

O site do MUR–JF possui um link especial que traz informações sobre o grupo, fotos e uma síntese do GPP–Juiz de Fora, escrito pelo coordenador do grupo Rodrigo. De acordo com o coordenador, o GPP teve início em Juiz de Fora no mês de março de 2003 e atua juntamente com o projeto Campinho e “participa a nível estadual do GPP/MG, nos workshops de profissionais de EEUCCs e EENUCCs, além de termos tido sete participantes, junto com amigos do GPP/RJ, no 3º Encontro Nacional de Profissionais do Reino realizado em outubro de 2006, em Maringá /PR.”¹⁴⁴

¹⁴¹ Disponível em http://jf.pur.com.br/hist_pur.htm. Acesso em 21/6/2007.

¹⁴² Segundo o site do MUR o grupo mais antigo foi formado em Belo Horizonte.

¹⁴³ PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

¹⁴⁴ Disponível em http://jf.pur.com.br/hist_pur.htm. Acesso em 21/6/2007.

Segundo o site o termo “Profissional do Reino” está relacionado a qualquer profissional, mesmo que esse não tenha curso superior. Acrescenta demonstrando que esse profissional deve “buscar em seu trabalho cotidiano a ética cristã, demonstra em suas atitudes profissionais a atenção ao próximo, mesmo muitas vezes sem falar de Deus, das doutrinas da Igreja Católica, e pretende ser luz e fermento na massa onde está inserido, como já dizia Nosso Senhor Jesus Cristo.”

Um “Profissional do Reino”, que é professor de Educação Física conclui no site que “[...] hoje na Igreja o Leigo tem função importante para viver a fé; é encargo do Profissional do Reino não se conformar com as mazelas deste mundo, mas, por meio da Força do Espírito Santo, o apoio da comunidade cristã e o direcionamento da Igreja, construir a bem-aventurada Civilização do Amor.”

Conforme Ariana Pereira:

[...] diante de um país como o Brasil, onde cerca de 50 milhões de pessoas passam fome, não é possível esperar que a solução dos problemas típicos de países de terceiro mundo venha do nada, por meio de um salvador da pátria. É necessário que se priorize nos projetos pedagógicos escolares a preocupação social, a inquietação com a situação de miséria e a resistência à situações de violência para que, dessa maneira, os profissionais saiam das universidades com maior senso de responsabilidade social, além da vontade incondicional de ganhar dinheiro e vencer na vida.¹⁴⁵

Segundo Gabriel, coordenador do Projeto Campinho, ao tentar resumir o ideal do trabalho social que fazem no MUR, no pouco tempo que teve para falar sobre o Projeto Campinho durante o último Retiro de Servos, descreveu que “Para ser um verdadeiro ‘Profissional do Reino’ não é necessário só ser um profissional bonzinho, honesto. É preciso fazer algo para mudar o mundo!” Gabriel diz se perguntar se naquele dia estava certo ao proferir essas palavras. E prossegue:

[...] soltei essa frase de impacto, que chama à atitude – sobretudo em relação a projetos comunitários, que sempre aguçam nosso senso de responsabilidade, de obrigação em relação à alarmante situação sócio-econômica do mundo atual. Todos se sentem no dever de fazer algo, nem que seja doar uma cesta básica pra aliviar a consciência. Mas a pergunta que faço hoje é: será que eu estava realmente certo? Será isso mesmo que temos que fazer?... Sim, como bom (e por vezes chato) questionador, tenho a mania de às vezes duvidar do óbvio. E querer mudar o mundo por meio de ações sócio-políticas, por mais normal que possa parecer pra nós, nem sempre foi visto como o objetivo central do cristianismo... Então insisto em indagar: será que não exagerei ao dizer que temos de buscar estratégias para “mudar o mundo” política e socialmente? Se Jesus não buscou fazer

¹⁴⁵ PEREIRA, Ariana. Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>. Acesso em 17/7/2007.

isso, por que teríamos que fazer? Será que não bastaria amar o próximo, ajudar quando nos pedem auxílio, e deixar o resto por consequência?... Mas aí eu me lembro do nosso trabalho. Me lembro do sorriso sincero dos moradores da comunidade, e do companheirismo que estamos traçando. [...] da alegria das crianças na sua brincadeira de aprender a viver [...] das nossas conversas descontraídas com os adultos, nas quais estamos aprendendo a pensar cada vez mais em comunidade. E nas idéias que vêm brotando neles, buscando meios de viverem melhor, de terem corpo são e mente sã, de se relacionarem melhor entre si. Aprendendo a gostar de si mesmos, a falar e a ouvir. A buscar seus direitos, a reconhecer seus deveres. A tomar atitudes críticas ao invés de ver a vida passar. E a nos ensinar que por mais que a ciência nos dê toda a base necessária para o servir, a teoria que aprendemos na faculdade, na prática, é outra - inclusive sobre política e sociedade. E me vejo pequeno diante de toda a garra, a força, que essa união entre universitários e comunitários vem despertar...[...]

E chego à conclusão de que é ingênuo achar que não vamos modificar nada. Que a vivência cada vez mais profunda e comunitária do amor, que buscamos no nosso trabalho, não é capaz de transformar substancialmente o mundo... Se não é capaz de mudar o mundo, não é cristão. E o trabalho comunitário é, comprovadamente, o verdadeiro catalisador dessa mudança!...¹⁴⁶

Mais do que um grupo de universitários católicos, o que se constata é que esses, mesmo diante de dificuldades e receios com o futuro profissional, querem algo mais. Querem ser verdadeiros cristãos e acreditam que isso só é possível se tiverem atitude. Ter sim uma profissão, um curso superior, mas não deixando que fé e razão caminhem em direções opostas.

Assim, como disse Loriza Almeida (2004, p. 13), ao descrever de uma maneira geral sobre alguns entrevistados em sua pesquisa, “alguns estudantes destacaram a importância da universidade pela troca de experiências, pelo convívio com diversas culturas e nova sociabilidade, onde a relação coletiva é geradora da percepção das diferenças.” E acrescenta que dessa maneira a instituição acaba por se colocar como “um campo fértil de construção de novas possibilidades.”

Dessa maneira também parece ser para os universitários carismáticos católicos que encontraram em um espaço onde a razão prevalece um sentido a mais para suas vidas. Um local de troca de experiências não só científicas, mas de vida e fé.

No site do MUR de Juiz de Fora, um link intitulado “partilha” traz depoimentos de pessoas que convivem nesse universo carismático e trazem alguma experiência de vida. Uma partilha de um professor de educação física e coordenador do GPP (grupo de perseverança e partilha de profissionais do reino) com o título “Construindo a civilização do amor!!!”

Segundo ele, são cinco anos e alguns meses de MUR/JF, vivendo “profundamente o que nosso saudoso papa João Paulo II tanto ensinava, a busca da civilização do amor.”

¹⁴⁶ Disponível em http://jf.pur.com.br/partilha_02_gabi_projeto_social_mudar_o_mundo.htm. Acesso 5/7/2007.

Participando dos GOU's e agora no GPP (grupo de perseverança e partilha de profissionais do reino) ele diz experimentar “o amor fraterno, o desejo de conciliar fé e razão, a ajuda em uma sociedade mais humana e cristã (projeto campinho), tendo como sustento o amor incondicional de Deus a todos nós.”¹⁴⁷

É possível concluir com essas explicações que, ao contrário do que muitos apontam como característica da RCC, de ser alienada e, principalmente da falta de compromisso social, verifica-se na prática uma outra realidade. Como ressalta Boff (2000, p. 47), a falta de compromisso social é o flanco mais colocado em evidência ao apontarem as críticas ao movimento. No entanto, conforme o autor, na realidade não é o que parece e isso torna-se visível no simples fato de se examinar sua estrutura organizativa. “A ‘Secretaria Marta’, que trabalha com a promoção humana; e a ‘Secretaria Matias’, que trata do compromisso político na ótica da Doutrina social da Igreja.” Ainda pode-se destacar alguns integrantes do grupo de oração que vão em busca de alguma atividade isolada.

Contudo, Boff (2000, p. 47-48) coloca uma questão. Para o autor, não se trata de argumentar sobre a falta de compromisso social da RCC porque isso parece já ter sofrido transformações, mas sim de refletir sobre o acerto na linha de engajamento social adotada pelos integrantes do movimento. “Chega ela a questionar as estruturas sociais? A RCC é suficientemente conscientizada e conscientizadora? Vai realmente às causas estruturais de nossas misérias?”

Partindo desses pontos argumentativos, que o autor caracteriza como “falhas” passíveis de correção e, tendo como base o Grupo de Oração Universitário da UFJF e algumas outras atividades promovidas por este grupo ou por outros aqui apontados, pode-se dizer que sim. A RCC, mesmo que ainda não seja em grande proporção, já demonstra atividades que apresentam reflexões, debates e atitudes no que diz respeito ao âmbito político e social. Basta perceber que o fato de desenvolverem em Juiz de Fora o Projeto Campinho levou-os a uma preocupação em não terem uma atitude assistencialista, mas sim, conscientizadora e de promoção humana.

No entanto, toda atuação no espaço público não se faz desprovida dos conteúdos morais e ideológicos. A despeito de constatar uma mudança na atuação da RCC, de ações pontuais, “assistencialistas”, para ações mais “estratégicas” em uma escala mais ampla envolvendo dimensão social e cidadã, essa atuação é marcada por um forte conteúdo moral-religioso.

¹⁴⁷ Disponível em http://jf.pur.com.br/partilha_03_rodrigo_construindo.htm. Acesso em 5/7/2007.

Como exemplo disso, foi organizada no dia 30 de junho de 2007, uma caminhada em defesa da vida e contra o aborto, já citada anteriormente. Ela saiu da praça Sete em direção à Praça da Liberdade, onde foi marcado um ato público em defesa da vida. Todas as pessoas que participaram foram convidadas a irem vestidas com roupas escuras, em sinal de luto pelas crianças vítimas de aborto no Brasil. O “Grito pela Vida”, denominação dada ao evento foi uma promoção da Renovação Carismática Católica (RCC) de Minas Gerais e contou com o apoio de diversos movimentos católicos e entidades da sociedade civil, como a Sociedade São Vicente de Paulo e também o Comitê Nacional contra o Aborto [...] representado pela sua presidente, Marta Pelipec.”¹⁴⁸

Conforme Tânia Mara Araújo, coordenadora do Ministério Fé e Política da RCC de Minas Gerais e uma das organizadoras do evento, “o propósito é chamar a atenção da sociedade contra os projetos que estão em tramitação no Congresso Nacional e que favorecem descriminalização do aborto e sua ocorrência.”¹⁴⁹

Dessa forma, a RCC e pontualmente o MUR e seus GOU’s vêm, a sua maneira, adentrando o espaço público, combinando ciência com mística, lazer com louvor, política e ação social com moral religiosa.

¹⁴⁸ Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/formac/biblioteca/show_textos. Acesso em 21/7/2007.

¹⁴⁹ Disponível em http://www.rccbrasil.org.br/formac/biblioteca/show_textos. Acesso em 21/7/2007.

CONCLUSÃO

Refletir a respeito de como a Igreja Católica vem atuando no espaço público requer uma análise que a direcione também para seu interior, onde estão seus movimentos. É nesse sentido que, após a exposição de um embasamento teórico acompanhado de uma quantidade significativa de etnografia, foi possível compreender que a Renovação Carismática Católica vai além de um movimento que vem conseguindo concentrar em paróquias contingentes expressivos de fiéis.

Neste trabalho, procurei analisar quais são algumas das maneiras do catolicismo para inserir-se no espaço público, procurando compreender as possíveis facetas e estratégias que seriam capazes de contribuir para essa mudança.

No entanto, direcionar o trabalho para um olhar mais interno sobre a RCC foi excepcional, pois, partir de uma das ramificações da Igreja Católica, trouxe uma possibilidade ainda maior de encontrar tendências que são capazes de colaborar efetivamente para essa inserção no espaço público.

Foi possível compreender que a Igreja Católica, que já passou por constantes/profundas transformações, agora parece viver um “novo período” em que as mudanças são muito mais que um desejo. Agora, parecem ser realizadas também por uma necessidade que vai aos poucos sendo caracterizada como ofensiva contra o avanço de outras religiões.

Portanto, se a Igreja Católica tem como objetivo primordial recuperar ou manter seus fiéis, o que importa é que acabou por mudar muitas de suas “posturas”, passando a acompanhar novas tendências. Isto para corresponder ao estilo da sociedade moderna, mesmo com grande parte de seus adeptos ainda vivendo em um tom individual.

Nesse sentido, estar em revistas, mídia televisiva, filmes, turismo ou na internet, passou a fazer parte do estilo católico. O Santuário Bizantino, por exemplo, que atrai centenas de pessoas toda semana, com o intuito de participar das missas do Pe. Marcelo Rossi, representa uma transformação no catolicismo. Por meio da indústria radiofônica, a imagem do padre cantor começou a ser divulgada e em pouco tempo já participava em

programas na televisão, em programas como o Planeta Xuxa (CARRANZA, 2005, p. 135).

Por meio da rádio e da televisão, Pe. Marcelo Rossi divulga um “estilo inovador” de realizar celebrações. O ritual passa a ser mais animado e há uma participação maior de louvores, acompanhados de muita música e em alguns casos até coreografia. É a partir dessa “nova caracterização” da Igreja Católica, por intermédio da ação de Pe. Marcelo que muitos fiéis já não querem somente ir ao Santuário Bizantino para rezar, mas também, para ver o padre, o que parece ser, nas palavras, de Carranza (2005, p. 139), um movimento de dependência recíproca que une o padre e seus fiéis-fãs, pois, conforme a autora:

[...] se os fiéis obtêm alguma recompensa o sacerdote também, pois as caravanas confirmam o processo de personificação que o Santuário sofreu, ao mesmo tempo em que se convertem numa das molas que alavanca a ascensão midiática do padre de multidões – quanto mais o visitam, mais ele aparece, quanto mais ele aparece, mais o visitam – . Embora ele não perca a oportunidade de lembrar que é o instrumento da igreja; que sua missão é evangelizar.

Portanto, o que foi possível observar durante todo trabalho etnográfico é que a participação dos jovens universitários católicos, por meio do Grupo de Oração Universitário, com a colaboração da RCC, tem sido muito relevante.

Desse modo, no capítulo 1, foi possível perceber passos da RCC que são fundamentalmente importantes para a atuação da Igreja Católica no espaço público. Mas, a partir do GOU, verifica-se contribuições que chegam como novidades para esse estilo católico.

A questão da política, por exemplo, apresentada como uma das esferas a partir da qual os carismáticos procuram construir a tão almejada por eles, “civilização do amor”, começa a mudar sua postura com a criação do Ministério Fé e Política. Por meio deste Ministério, explicam que não estão interessados apenas numa política eleitoral corporativa, tipo “colocar um católico no parlamento”, mas em uma política de mobilização social. O que necessita de grande contribuição dos GOU’s, pois, por meio deste, é possível atingir um considerável contingente de jovens que estão onde é possível que saiam pessoas capacitadas para ajudar na construção da “civilização do amor”: a Universidade.

Não sem motivos, desenvolveram uma proposta de intervenção na Universidade, o GOU, como já citado anteriormente, “com o objetivo específico de desenvolvimento de consciência política, formação de agentes sociais de mudança, além de promover a desconstrução das dicotomias entre Espiritualidade X Política e ação evangelizadora X ação político-social,” e defendem o “triângulo”: fé, política e compromisso social.¹⁵²

Nesse caso, o GOU de Juiz de Fora, vem trabalhando de maneira quase que singular. Pois, ao desenvolver o projeto social na comunidade denominada “Campinho”, eles apresentam algo que foge um pouco dos padrões carismáticos expostos até o momento. Isso porque não estão preocupados, segundo os integrantes, em desenvolver na comunidade um trabalho assistencialista e sim de valorização da auto-estima e de promoção humana, levando para os moradores, principalmente, a conscientização. Como observa uma jovem depoente:

[...] o projeto social já faz parte do nosso sonho. Faz muito tempo que a gente pensa em começar alguma coisa, só que não sabíamos o quê e nem onde. Até que um dia, fizemos uma ronda a noite distribuindo comida e Jesus começou a colocar que ele queria isso da gente também, que ele queria uma obra social. E pouco a pouco começamos a ver o que seria. (...) O local indicado foi Vila Ideal, que é um bairro aqui em Juiz de Fora, onde conhecemos o pároco do bairro que nos apontou especificamente uma comunidade chamada Campinho [...] Nós ficamos muito felizes, porque quando chegamos lá descobrimos que havia um outro projeto social do Banco do Brasil [...] e nos falaram que tinham recurso, mas não tinham gente para trabalhar.[...] Achemos ótimo porque exatamente o que não tínhamos, era o recurso. E a primeira coisa que a gente tinha em mente era que não queríamos uma visão assistencialista e nem fazer religião ali. [grifo meu] Percebemos que seria uma consequência de devolver uma cidadania de filho de Deus, cidadania enquanto humano, [...] mostrar que eles podiam ter laser, saúde, mesmo não tendo uma situação financeira adequada. [...] E foi bom porque eles ainda não tinham nem parado para pensar que haviam outras necessidades. (N.M.S.)

Por outro lado, a relação fé/razão também parece tomar uma proporção diferente. Que a questão é polêmica, não resta dúvida. Jovens carismáticos católicos, debatendo com seus pares das mais variadas crenças, questões relacionadas à bioética, por exemplo, no momento em que se discute a legalização do aborto, parece algo conflitante demais, para estar em uma Universidade.

No entanto, se estar diante desse conflito é um desafio, alguns integrantes da RCC e do GOU começam a demonstrar que é possível verem seus sonhos de uma

¹⁵² Disponível em http://jf.pur.com.br/fe_politica.htm. Acesso em 18/6/2007.

Universidade “habitada” pelo Espírito Santo, realizar-se. Assim, aos poucos começam a surgir, alguns carismáticos católicos que conseguem associar esses dois temas. Basta lembrar dos “médicos que oram”, apresentados por Clarice Mota¹⁵³ no capítulo 2.

Não obstante, cabe ressaltar os dois trechos citados no site do Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora e comentados no capítulo 3. Ao escolherem os trechos de um religioso, Papa João Paulo II, “*A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade*” e de um cientista, Louise Pasteur, “*Pouca Ciência afasta de Deus. Muita, o traz de volta*”, parece já haver o intuito de demonstrar que ambos, independentes de sua formação, defendem que “[...] nem a fé e nem a razão sozinhas são capazes de solucionar todas as nossas questões, tendo as duas andando em consonância elas se constituem como duas asas, onde as duas são necessárias para que o homem consiga contemplar a verdade, responder suas questões e contemplar a face de Deus”¹⁵⁴

Contudo, diante das constatações apresentadas nos capítulos anteriores, é possível perceber que as transformações no interior da Igreja Católica, no momento em que passa atuar no espaço público para estar inserida na modernidade, são consideravelmente interessantes. Jovens procuram novas formas de sociabilidade para continuarem “fortes em sua fé”, para acolherem os que chegam à Universidade ou para divulgarem/evangelizarem suas crenças. Promovem festas/eventos que sejam capazes de corresponderem à essas necessidades. Estar em uma danceteria, como a Cristoteca, ao som de músicas católicas que falam de louvores à Nossa Senhora, que evocam o Espírito Santo ou exaltam a figura de Jesus Cristo, também já contextualizam a esfera da Igreja Católica, onde muitos espaços públicos/profanos passam a ser sacralizados.

Da mesma maneira, a dança, a emoção e a expressão corporal, são apropriadas para a manifestação de sentimento, onde o “eu”, por meio da subjetividade, passa a ter um valor maior e os fiéis são capazes de falar diretamente ao sagrado. Junta-se a isso o fato de que “orar em línguas” e “repousar no Espírito” são agora, além de característica comuns entre os carismáticos, algo de extrema importância. Conforme Irmã Maria

¹⁵³ Texto apresentado durante o VII simpósio da associação brasileira de história das religiões (ABHR), I simpósio de ciências da religião – PUC Minas/ISTA e XIX ciclo de palestras e debates do núcleo de estudos em teologia da PUC Minas em 2005.

¹⁵⁴ G.E.L. Entrevista concedida em 20/7/2007.

Eunice “antes de qualquer coisa, de uma conversão, de uma mudança em nossa vida, é preciso aprender a orar na língua dos anjos”.¹⁵⁵

No entanto, perceber a pertença da Igreja Católica nas mais variadas esferas do espaço público requer um pouco mais de atenção para algumas das conseqüências que essas mudanças podem acarretar.

Nesse sentido, é interessante observar, primeiramente, que o catolicismo, apesar de inserido na modernidade, nada mais é do que uma reapropriação do tradicional. Assim, compreende-se que, apesar de estarem na modernidade, apresentam um discurso altamente valorizador de uma conduta/moral tradicionalista, como a valorização da virgindade e da castidade, que vão contra todo um contexto moderno de incentivo ao uso de camisinha e métodos contraceptivos.

Em um outro véis, essa imbricação entre o tradicional e o moderno pode ser caracterizada como a pós-modernidade. Conforme Silveira (2000, p. 60), “[...] a RCC fornece à Igreja a possibilidade da experiência ‘pós-moderna’ baseada na emotividade e na escolha pessoal. Mas como renovação católica, aponta o arsenal da tradição (sacramentos, tempos, jaculatórias) como fazendo parte da ‘inspiração fontal’, sendo que este arsenal também seria acionado pela escolha, pela afetividade.”

Por fim, pode-se dizer que este trabalho contribui no sentido de apresentar algumas das várias possibilidades utilizadas pela Igreja Católica, direta ou indiretamente, para estar na disputa por fiéis na modernidade. Assim, analisando movimentos em seu interior, como a RCC e mais especificamente ainda, o GOU, foi possível colaborar no sentido de que entre mudanças/permanências e tradicional/moderno, o catolicismo aparece no espaço público em um “estilo inovador”.

Contudo, diante das mudanças, a Igreja Católica acaba por partilhar de tendências que rejeita, como no caso do movimento Nova Era, por exemplo, em que falar ao Espírito Santo, por meio da experiência da valorização do interior, aproxima-se do self sagrado que fala no interior dos integrantes e que é apresentado na própria consciência.

Conforme analisa Amaral (2000, p. 142) em seu estudo sobre a Nova Era, a transformação contínua do self consiste em “alcançar mais aquela sua verdade inesgotável”, “tornar-se melhor”, “começar de novo”, enfim, sentir-se penetrado pelo “pleno potencial de vida” que é o “espírito”. Da mesma maneira, na Renovação

¹⁵⁵ Irmã Maria Eunice. Palestra realizada no I Fórum da Juventude de Juiz de Fora entre os dias 26 e 27 de junho de 2007.

Carismática o fiel é “intimado” a participar desta busca por um “tornar-se melhor”, de “viver uma conversão” ou como nas palavras de Inez Pimenta no I Fórum da Juventude, “viver jesusmente”.

Nesse sentido, é possível perceber a RCC como um movimento de complexidade significativa, mas que se incorpora na modernidade e contribui para que a Igreja Católica esteja em condições de atuar no espaço público. Portanto, deve-se observar, como visto nos GOU's, que apesar de atuante nesse espaço e de manter certa reciprocidade com a modernidade, os carismáticos posicionam-se de maneira quase que unânime no que se refere à manutenção de questões tradicionais do catolicismo, como reza do terço, veneração a Nossa Senhora, ser presença constante nas missas, dentre outras. Mesmo que em muitas dessas características, as mudanças apareçam e possibilitem ao catolicismo expor-se com uma nova atmosfera.

Contudo, é essa nova atmosfera que vai caracterizar a RCC, e conseqüentemente a Igreja Católica, como um movimento recheado de hibridismos, levando-o a compartilhar, muitas vezes, inconscientemente¹⁵⁶, com outras crenças, como é o caso da partilha de crenças entre Nova Era e Igreja Católica, apresentada por Eliana Oliveira (2003). Aspectos que possibilitam futuros estudos devido ao fato de que são várias as possibilidades de discursos e análises submersas nesse contexto de formas híbridas na qual se encontra o catolicismo.

¹⁵⁶ Muitas vezes é possível observar que a partilha com outras crenças não é consciente. Basta observar a preocupação de muitos católicos, especialmente carismáticos, em estarem demarcando o seu território. Um exemplo que pode ser aqui lembrado é o do Padre Jonas Abib que utiliza em seu discurso contra o Movimento Nova Era, da figura do demônio.

BIBLIOGRAFIA

ABIB, Jonas. Reinflama o carisma. São Paulo: Loyola, 1996.

ALMEIDA, Loriza Lacerda de. A juventude universitária e a nova sociabilidade: continuidade ou ruptura? Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra, 2004. (mimeo)

ALMEIDA, Ronaldo de. e RUMSTAIN, Ariana. O gospel como sociabilidade religiosa, 2004. (mimeo)

AMARAL, Leila. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. Um espírito sem lar: sobre uma dimensão “nova era” da religiosidade contemporânea. In Circuitos Infinitos: comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã Bretanha. Otávio Velho (org.) São Paulo: Attar Editorial, 2003, p. 19-60.

ANGE, Daniel. A renovação primavera da Igreja! São Paulo: Loyola, 1999.

BERGER, Peter. O dossel sagrado. São Paulo: Paulinas, 1989.

BOFF, Frei Clodovis. Carismáticos e Libertadores na Igreja. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRAGA, Antônio Mendes da C. TV católica Canção Nova: providência e compromisso x mercado e consumismo. *Religião e Sociedade*, v. 24/1, Rio de Janeiro, 2004, p. 113-123.

BRANDÃO, Carlos R. Ser católico: dimensões brasileiras - um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola (org.). *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

CAMURÇA, Marcelo A. A sociologia da religião de Danièle Herveiu-Léger: entre a memória e a emoção. In: Faustino Teixeira (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis, 2003.

_____. As muitas faces das devoções: das romarias e santuários ao “turismo”, marketing religioso e altares virtuais. *Fragmentos de Cultura, Goiânia*, v. 16, n. 3/4, p. 181-350, 2006.

_____. Renovação carismática católica: entre a tradição e a modernidade. In RHEMA, vol.7, n.25, 2001, p. 45-56.

_____. Sombras na catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o holismo da teologia de Leonardo Boff e Frei Betto. *Numen. Revista de Estudo e Pesquisa da Religião*. V. 1, n. 1, NEPREL/UFJF, Juiz de Fora, 1998, p. 85-125.

- CARRANZA, Brenda. Catolicismo em movimento. *Religião e Sociedade*, v. 24/1, Rio de Janeiro, 2004, p. 124-146.
- _____. Lógicas e desafios do contexto religioso contemporâneo. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. LXV, n. 257, p. 46-63, 2005.
- _____. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. In: ANJOS, Márcio F. (org.) *Sob o fogo do espírito*. São Paulo: Paulinas/SOTER, 1998.
- CARRANZA DÁVILA, Brenda Maribel. *Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia e instituição*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas, 2005. (Tese de doutorado).
- CNBB. *Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica*. (doc. 53). São Paulo: Paulinas, 1994.
- COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. *A cura da nossa afetividade e sexualidade*. Cachoeira Paulista, Canção Nova, 2004.
- _____. *Sementes de uma nova geração*. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2005.
- Documento de Orientações Pastorais da Renovação Carismática Católica. Disponível em <http://www.cnbb.org.br/index.php>
- FALVO, Serafino. *O despertar dos carismas*. São Paulo, Paulus, 1976.
- FERNANDES, Sílvia R. A. *Movimento de Renovação Carismática Católica: ethos comum e antagônico em camadas populares do Rio de Janeiro*. *Revista da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, v. 18, 1 / 2, Rio de Janeiro: UFRRJ, 1996.
- GABRIEL, Eduardo. *A Evangelização Carismática Católica na Universidade: o sonho do Grupo de Oração Universitário*. São Carlos: UFSC, 2005. (dissertação de mestrado)
- GUERRA, Lemuel. *As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica*, *Revista de estudos da religião*, nº 02, 2003, p. 1-23.
- GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?* *Religião e Sociedade*, v. 18/1, Rio de Janeiro, 1997, p. 31-47.
- MARIZ, Cecília. "Comunidades de vida no Espírito Santo": um novo modelo de família? Rio de Janeiro, IFCH/UERJ, 2004. (mimeo)
- MARIZ, Cecília L.; MACHADO, Maria D. *Mudanças recentes no campo religioso brasileiro*, Rio de Janeiro, 1998. (mimeo)

- _____. Sincretismo e trânsito religiosos: comparando carismáticos e pentecostais. *Comunicações do ISER*, 45, 1994, p. 24-34.
- MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- _____. O jeito cristão de fazer política: representações, rituais e discursos nas candidaturas pentecostais e carismáticas. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1998.
- MOTA, Clarice Santos. Ele é quem cura: um estudo sobre a experiência religiosa de médicos carismáticos. Trabalho apresentado na XIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina, Porto Alegre, 2005. (mimeo)
- NÓBREGA, Adilson Rodrigues da. Carisma e razão: um olhar sobre as práticas católicas carismáticas de estudantes nas universidades cearenses, mimeo. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia do Grupo de Trabalho – Religião em espaços públicos: escolas, universidades e prisões, 1996.
- NOVAES, Regina. Juventude, Percepções e Comportamentos: A Religião Faz Diferença? In: ABRAMO, H. W. E BRANCO, P.P.M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma Pesquisa Nacional*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2005.
- OLIVEIRA, Eliane Martins. O mergulho no espírito de Deus: diálogos (im)possíveis entre a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Nova Era na comunidade de vida no espírito Canção Nova. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, UERJ, 2003. (Dissertação de mestrado)
- _____. O mergulho no espírito de Deus: interface entre o catolicismo carismático e a nova era (o caso da comunidade de vida no espírito Canção Nova). *Religião e Sociedade*, v. 24/1, Rio de Janeiro, 2004, p. 85-112.
- ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Palestras: Cura e libertação: ansiedade e a preocupação, Irmã Maria Eunice. Disponível em CD-ROM – Canção Nova.
- PEREIRA, Ariana Virgínia. Há fé na terra da razão, mimeo. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur24/>.
- PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social da religiões no Brasil*, São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo*, São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.
- SANCHIS, Pierre. *As religiões dos brasileiros*, s/p, 1998. (mimeo)
- _____. *Catolicismo: entre tradição e modernidade*. In: *Comunicações do ISER*, n. 44. Rio de Janeiro: ISER, 1994.

_____. Modernidade e pós-Modernidade. In *Análise e Conjuntura*, V. 7, n. 2/3, maio/dez. de 1992. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

_____. Religiões, religiões... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, Pierre. (org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*, Rio de Janeiro: EdERJ, 2001, p. 9-55.

SANTOS, Ivna Sá dos. *Dai-lhes vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas*. Belo Horizonte, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Teoria da Memória, Teoria da Modernidade. In: Avritzer, Leonardo; Domingues, José Maurício. (org.). *Teoria Social e Modernidade no Brasil*. Belo Horizonte, 2000, p. 84-105.

STADELMANN, Luís I. J. *O dom das línguas*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVEIRA, Emerson J. A posse do Espírito: cuidado de si e salvação, *Rhema*, v. 6, n.23, 2000, p.143-169.

_____. *Católicos.com*. Trabalho apresentado na XX ABA, Recife, 2004. (mimeo)

_____. O pop no espírito: festa, consumo e artifício no movimento carismático/pentecostal. In: PEREIRA, Mabel S.; CAMURÇA, Marcelo A. *Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*, Juiz de Fora: Templo Editora, 2003.

_____. Terços, "santinhos" e versículos: a atual relação entre os carismáticos e a política. Trabalho apresentado no VII simpósio da associação brasileira de História das religiões, I simpósio de Ciências da Religião – PUC Minas / ISTA e XIX ciclo de palestras e debates do núcleo de estudos em teologia da PUC Minas, 2005.

_____. *Tradição e modernidade na Renovação Carismática Católica: um estudo dos rituais, subjetividades e mito de origem*. Juiz de Fora: PPCIR/UFJF, 2000. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião)

STEIL, Carlos A. A igreja dos pobres: da secularização à mística, *Religião e Sociedade*, v. 19/2, Rio de Janeiro, 1998, p. 61-76.

_____. Aparições marianas contemporâneas e carismatismo católico. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 117-146.

_____. *Da comunidade à mística: elementos para uma interpretação da crise da Igreja da Libertação*, 1999. (mimeo)

_____. *Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela*. Caxambu, 1998. Trabalho apresentado na XXII reunião anual da anpocs.

_____. *Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, em Porto Alegre (RS)*. ANPOCS, 2004. (mimeo)

SUENENS, Cardeal. O repouso no espírito. São Paulo: Paulus, 2005.

TAVARES, Fátima R.; CAMURÇA, Marcelo A. (org.). Minas das devoções: diversidade religiosa em Juiz de Fora, Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.